

Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

PAULO HENRIQUE DO ESPÍRITO SANTO NESTOR

O PERCURSO DO CONCEITO DE GRAMÁTICA EM SAUSSURE

Uberlândia - MG
2020

PAULO HENRIQUE DO ESPÍRITO SANTO NESTOR

O PERCURSO DO CONCEITO DE GRAMÁTICA EM SAUSSURE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Orientadora: Prof. Dra. Eliane Silveira

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N468 Nestor, Paulo Henrique do Espírito Santo, 1987-
2020 O percurso do conceito de gramática em Saussure [recurso eletrônico] / Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor. - 2020.

Orientadora: Eliane Silveira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2020.535>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Silveira, Eliane, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese, PPGEL				
Data:	Vinte e nove de julho de dois mil e vinte	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11623ELI006				
Nome do Discente:	Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor				
Título do Trabalho:	O percurso do conceito de gramática em Saussure				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos				

Reuniu-se por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Eliane Mara Silveira; orientadora do candidato; Camila Tavares Leite; Stefania Montes Henriques; Micaela Pafume Coelho; Daniel Marra da Silva.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). [Eliane Mara Silveira](#), apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovado.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Doutor](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente

ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Stefania Montes Henriques, Usuário Externo**, em 31/07/2020, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/07/2020, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Marra da Silva, Usuário Externo**, em 31/07/2020, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Micaela Pafume Coelho, Usuário Externo**, em 31/07/2020, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Tavares Leite, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/08/2020, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2169209** e o código CRC **6D25A34B**.

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Márcia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

À Márcia, minha mãe, pela vida.

À Tatiana, minha esposa, pela lealdade e companhia.

À Universidade Federal de Uberlândia, pela acolhida e suporte.

À Professora Eliane Silveira, pelos ensinamentos e amizade.

Aos colegas do Grupo Ferdinand de Saussure, pela amizade e apoio.

Aos professores e técnicos do PPGEL/UFU, pela dedicação à educação.

Aos professores e técnicos do IFG, pelos diálogos, apoio e dedicação à educação.

A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento: para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação, da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso: a própria fonte de desenvolvimento dessas coisas. É por isso que a linguagem cativou o homem enquanto objeto de deslumbramento e de descrição na poesia e na ciência.

Louis Hjelmslev (1975, p. 1-2).

RESUMO

O tema desta tese é o percurso do conceito de gramática a partir das ideias do linguista genebrino Ferdinand de Saussure. O problema central da pesquisa se referiu ao destino dado a esse conceito nos três cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra. A hipótese norteadora foi a de que o movimento que caracteriza o tratamento do respectivo conceito tem característica centrífuga, ou seja, foge do centro da atenção de Saussure para dar lugar à sincronia e seus respectivos elementos. Esse movimento perpassa o horizonte de retrospectão e o horizonte de projeção saussurianos, marcadamente na passagem das divisões tradicionais para as divisões racionais de gramática. Dos cursos de Genebra, derivaram uma série de fontes que, já há algum tempo, são utilizadas em diversas pesquisas. Dentre elas, podem ser citadas: o *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) e os cadernos dos alunos relativos aos cursos de Genebra (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997). Essas fontes foram utilizadas no presente trabalho a fim de se obter uma cobertura considerável relativa às ideias de Saussure sobre a gramática. Além do já citado movimento centrífugo referente a esse tema, pôde-se perceber que o genebrino levantou questões epistemológicas pertinentes relativas à gramática no horizonte de retrospectão e no horizonte de projeção. No primeiro, Saussure tece críticas às abordagens tradicionais, normativas e comparatistas; no segundo, tenta esboçar diretrizes que possam nortear uma gramática baseada na sincronia, ou, mais especificamente, uma abordagem sincrônica que possa prescindir do termo gramática. Apesar de concisas, as considerações acerca da segunda perspectiva são muito relevantes, ainda que tenham influenciado timidamente as gramáticas publicadas no Século XX. Isso é algo interessante posto que o pensamento saussuriano repercutiu de modo determinante em outros âmbitos dos estudos da linguagem. Esse fenômeno pode ser elucidado quando se torna perceptível o fato de que, predominantemente, as gramáticas (pós-*CLG*) se interessaram pela prescrição de regras ou a descrição dos fenômenos linguísticos, ambas subsidiadas por conceitos oriundos, comumente, da gramática tradicional. Sabe-se que tais abordagens são relevantes para a história das línguas e para o ensino-aprendizagem de idiomas. A relação dessas perspectivas com a academia foi preponderante e, possivelmente, teve sua influência na difusão tímida da abordagem exposta por Saussure. Longe de se entender como inócuo o trabalho epistemológico realizado pelo genebrino relativo à sincronização da gramática, é coerente compreender que essa investida fez emergirem várias ideias acerca do respectivo tema, assim como de muitos outros assuntos que contribuem para o conhecimento em torno da língua.

Palavras-chave: Gramática. Saussure. Sincronia.

RÉSUMÉ

Le thème de cette thèse est le parcours du concept de grammaire basé sur les idées du linguiste genevois Ferdinand de Saussure. Le problème central de la recherche portait sur le sort donné à ce concept dans les trois cours dispensés par Saussure à l'Université de Genève. L'hypothèse directrice était que le mouvement qui caractérise le traitement du concept respectif a une caractéristique centrifuge, c'est-à-dire qu'il échappe au centre de l'attention de Saussure pour faire place à la synchronie et à ses éléments respectifs. Ce mouvement traverse l'horizon de rétrospection saussurienne et l'horizon de projection, nettement dans le passage des divisions traditionnelles aux divisions rationnelles de la grammaire. Des cours de Genève, un certain nombre de sources ont été tirées qui, depuis un certain temps, ont été utilisées dans diverses recherches. Parmi eux, on peut citer: le cours de linguistique générale (SAUSSURE, 2006 [1916]) et les cahiers des étudiants relatifs aux cours de Genève (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997). Ces sources ont été utilisées dans le présent travail afin d'obtenir une couverture considérable des idées de Saussure sur la grammaire. En plus du mouvement centrifuge susmentionné sur ce sujet, il a été possible de remarquer que le Genevrino soulevait des questions épistémologiques pertinentes liées à la grammaire à l'horizon de rétrospection et à l'horizon de la projection. Dans le premier, Saussure critique les approches traditionnelles, normatives et comparatives; dans le second, il tente d'esquisser des lignes directrices pouvant guider une grammaire basée sur la synchronie, ou, plus précisément, une approche synchronique qui peut se passer du terme grammaire. Bien que concises, les considérations sur la deuxième perspective sont très pertinentes, même si elles ont timidement influencé les grammaires publiées au XXe siècle. C'est quelque chose d'intéressant car la pensée saussurienne a eu un impact significatif sur d'autres domaines d'études linguistiques. Ce phénomène peut être élucidé lorsque le fait que les grammaires (*post-CLG*) se sont principalement intéressées à la prescription de règles ou à la description de phénomènes linguistiques, tous deux subventionnés par des concepts issus, communément, de la grammaire traditionnelle devient perceptible. On sait que ces approches sont pertinentes pour l'histoire des langues et pour l'enseignement et l'apprentissage des langues. La relation entre ces perspectives et l'académie était prépondérante et a peut-être eu son influence sur la timide diffusion de la démarche exposée par Saussure. Loin de comprendre le travail épistémologique effectué par le genevois sur la synchronisation de la grammaire comme inutile, il est cohérent de comprendre que cet incursion a donné lieu à plusieurs idées sur le thème respectif, ainsi que de nombreux autres sujets qui contribuent à la connaissance de la langue.

Mots-clés: Grammaire. Saussure. Synchronie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Movimento centrífugo	8
Figura 2 - Fluxograma da metodologia.....	11
Figura 3 - As fontes de pesquisa.....	21
Figura 4 - Eixo das simultaneidades e Eixo das sucessões.....	70
Figura 5 - Fluxo temporal da gramática.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Biografia de Saussure.....	14
Quadro 2 - Função dos conceitos.....	24
Quadro 3 - Partição da Arte de Dionísio da Trácia.....	54
Quadro 4 - Gramática e sincronia.....	96
Quadro 5 - Entidade abstrata e termo concreto.....	99
Quadro 6 - Formas de expressão da sintaxe.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLG – Curso de Linguística Geral

PCLG – Primeiro Curso de Linguística Geral

SCLG – Segundo Curso de Linguística Geral

TCLG – Terceiro Curso de Linguística Geral

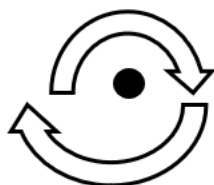
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – AS FONTES DA PESQUISA E A QUESTÃO DO CONCEITO	13
1.1 INTRODUÇÃO	13
1.2 A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE SAUSSURE	13
1.3 AS FONTES SAUSSURIANAS	16
1.4 AS FONTES DE ACESSO ÀS CONCEPÇÕES SAUSSURIANAS	18
1.5 O INTERESSE PELA GRAMÁTICA E A QUESTÃO DO CONCEITO	22
CAPÍTULO 2: O <i>CLG</i> E OS <i>CADERNOS</i>	27
2.1 INTRODUÇÃO	27
2.2 OS CADERNOS	28
2.3 O <i>CLG</i>	30
2.4 AS FONTES E AS CATEGORIAS HISTÓRICAS	34
CAPÍTULO 3: O HORIZONTE DE RETROSPECÇÃO SAUSSURIANO E AS DIVISÕES TRADICIONAIS DE GRAMÁTICA	37
3.1 INTRODUÇÃO	37
3.2 EPISTEMOLOGIA	37
3.3 O HORIZONTE DE RETROSPECÇÃO SAUSSURIANO	40
3.3.1 As subdivisões da gramática no <i>SCLG</i>	42
3.3.2 A gramática histórica	45
3.3.3 A gramática comparada	48
3.3.4 Gramática e fonética	50
3.3.5 A gramática tradicional	52
3.3.6 A gramática normativa	58
3.3.7 Gramática, lógica e o <i>PCLG</i>	59
CAPÍTULO 4: AS DIVISÕES RACIONAIS DE GRAMÁTICA NO HORIZONTE DE PROJEÇÃO SAUSSURIANO	68
4.1 INTRODUÇÃO	68
4.2 O HORIZONTE DE PROJEÇÃO SAUSSURIANO	68
4.2.1 Lexicologia e gramática	70
4.2.2 A noção de sistema	76
4.2.3 Sincronia e gramática no <i>CLG</i> e no <i>SCLG</i>	80
4.2.4 O conceito de analogia e sua relação com a gramática	84
4.2.5 Uma gramática do gótico	87
4.2.6 A centrifugação do conceito de gramática	89
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	106

1 INTRODUÇÃO

Nesta tese, expõe-se o estudo sobre o tema: o percurso do conceito de gramática nas concepções de Ferdinand de Saussure em seus cursos de linguística geral. O problema central da pesquisa consistiu em investigar qual foi o destino dado a esse conceito nos três cursos ministrados pelo autor na Universidade de Genebra. A hipótese com que se trabalhou é a de que o movimento que representa o tratamento do respectivo conceito tem característica centrífuga. Diferente da força centrípeta, que atrai os elementos que a circundam para o centro, a força centrífuga os afasta. Nesse sentido, o conceito de gramática é afastado dos conceitos centrais da Linguística saussuriana para dar lugar à sincronia e seus respectivos elementos.

Figura 1: Movimento centrífugo



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Assim como em outros movimentos¹ importantes evidenciados em diversas pesquisas (cf. SILVEIRA, 2007) sobre as fontes saussurianas, o desafio maior foi o relativo aos aspectos terminológicos, pois, como o próprio Saussure afirmou: “Não existe, de modo nenhum, expressão simples para coisas a serem designadas pela primeira vez em linguística, não pode haver” (SAUSSURE apud NORMAND, 2009, p. 81).

Buscar a etimologia do conceito de gramática não é o objetivo central deste trabalho, contudo, compreende-se que o percurso desse termo é relevante para a história dos estudos da linguagem. O interesse por tal história e pelos respectivos conceitos tem sido demonstrado por muitos pesquisadores nas últimas décadas. Em consonância com esse interesse, a motivação para a escolha do tema desta tese surgiu, devido, especificamente, à relevância do conceito de gramática para os estudos linguísticos, visto que tal conceito se encontra quase sempre no cerne das discussões acerca do ensino de línguas (POSSENTI, 1996; BRASIL, 1997, 2006; SILVA, PESSOA, LIMA, 2012).

Portanto, espera-se que os resultados da pesquisa sejam uma fonte de estudos e discussão para diversas áreas, quais sejam: a História das Ideias Linguísticas (cf. AUROUX,

¹A noção de movimento adotada advém de Silveira (2007).

2009; GUIMARÃES e ORLANDI, 1996; COLOMBAT et al, 2017), a Historiografia Linguística (cf. SWIGGERS, 2009), o Ensino de Línguas (cf. POSSENTI, 1996; SILVA, PESSOA, LIMA, 2012; NEVES, CASSEB-GALVÃO, 2014) etc.

O tema da tese, como já foi mencionado, é o conceito de gramática em Saussure, que se apresenta no *Curso de linguística geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) (doravante, *CLG*) e nos *Cursos de linguística geral* (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997) (doravante, *Cadernos*) referentes aos cadernos dos alunos que participaram dos três cursos ministrados na Universidade de Genebra. Compreende-se essas obras como textos e as ideias, nelas presentes, como fontes de pesquisa. Como será discutido mais adiante, em razão dessa categoria de fontes, a metodologia adotada foi a bibliográfica. Antes, é necessário discorrer acerca do conceito de gramática em suas acepções diversas.

A palavra gramática, *lato sensu*, é polissêmica, como pontuam Greimas e Courtés (2008, p. 239), “a acepção desse termo varia frequentemente de uma teoria para outra”. A razão disso pode ser explicada por meio da historicidade desse termo. Sabe-se que é empregada com maior predominância para se referir ao conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto de uma língua escrita e/ou falada. Nesse sentido, é preferível falar de *gramáticas*, pois:

Não cabe aqui definir o termo gramática. As diversas acepções correspondem exatamente às diversas tarefas que um estudioso assume na sua atividade de descrição. Pelas diversas assunções teóricas e pelos diversos caminhos, sempre é possível chegar a descrições coerentes e relevantes. (NEVES, 2012, p. 188).

Percebe-se que termos de amplo uso como esse tendem a sofrer um esvaziamento semântico, o que implica pouca precisão em seu emprego desacompanhado de uma especificação. Saussure lidou com essa pouca especificidade do termo; contudo, tal ação não encontrou, até então, muitos ecos no debate teórico. Isso, em parte, justifica pesquisas como a que esta tese apresenta. Assim, o percurso do conceito gramática em Saussure foi analisado nas obras já mencionadas juntamente com textos críticos e históricos relevantes que abordaram a respectiva temática ou, então, forneceram subsídios para que isso fosse feito.

Nesse sentido, este trabalho tem natureza qualitativa e suas fontes se encontram na forma de textos escritos. A característica comum dos textos estudados é a de que foram publicados (impressos ou digitais): livros, periódicos, revistas científicas, artigos, ensaios, dicionários, manuais etc. Nesse processo, formulam-se as questões de pesquisa lendo-se sobre

o assunto. A quantidade de textos estudados foi determinada por seleção, voltando-se à literatura científica relativa ao objeto de estudo (cf. KETELÉ; ROEGIERS, 1995, p. 35-37).

Essa escolha metodológica buscou atender ao questionamento central da pesquisa: qual o destino dado por Saussure ao conceito de gramática nos três cursos de linguística geral (1907-1911) ministrados na Universidade de Genebra? Dada a impossibilidade de remontar um conjunto que integre todos os elementos presentes nesses cursos, ter-se-á como fonte as obras que se originaram de tais eventos, ou seja, os *Cadernos* dos alunos (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997) e o *CLG* (SAUSSURE, 2006 [1916]).

Sobre a questão de se estudar concepções científicas a partir da pesquisa bibliográfica ou documental, especificamente sobre Saussure, explicita Altman:

Uma das questões que costumam motivar os historiógrafos de uma disciplina científica a revisitar os mitos edificados pela comunidade de seus praticantes é a possibilidade de restaurar os conceitos fundadores do paradigma que os uniu em uma especialidade, ou de surpreender algo que passou despercebido da geração que com ele conviveu, ou, ainda, de (re)capturar, da perspectiva privilegiada do presente, o prenúncio do que seria considerado genial anos depois. Revisitar Ferdinand de Saussure (1857-1913) um século após sua morte não será diferente. Reinterpretar textos, anotações, manuscritos, correspondência, rever a literatura crítica e, principalmente, as lições dos Cursos de linguística geral que ministrou na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, será, uma vez mais, render-nos ao mito (ALTMAN, 2019, p. 21).

De acordo com o que foi mencionado, esta tese tem caráter bibliográfico, o que significa que ela promove um estudo sistemático de materiais textuais, trabalhando com objetos não quantificáveis, por isso, em vez dos instrumentos formais e estruturados, são usados questionamentos na produção de informações, com o intuito de captar o objeto em sua extensão. De acordo com Gil (2002, p. 44):

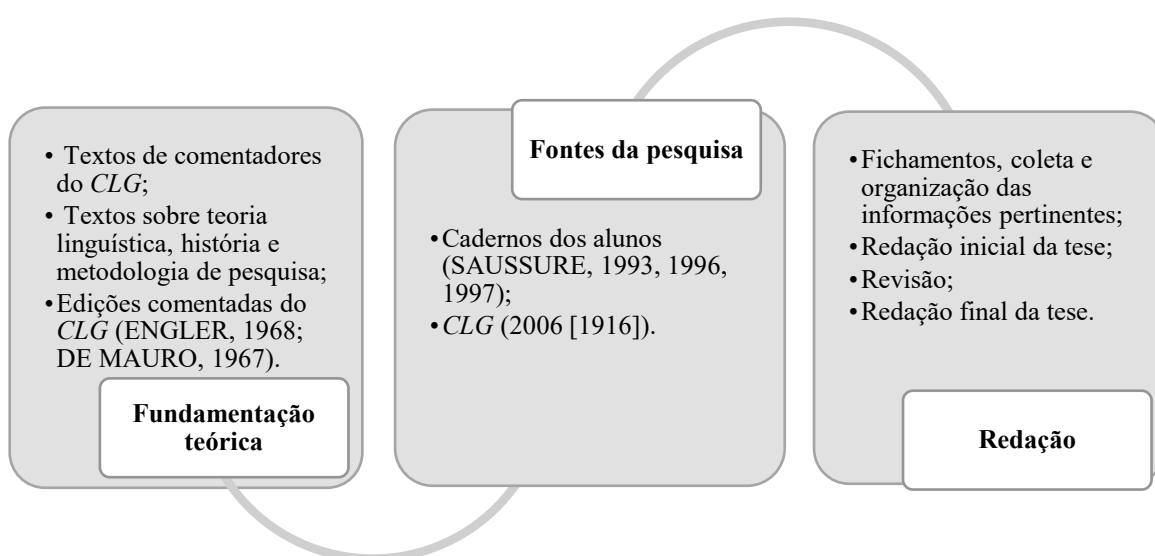
A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44).

O percurso do conceito de gramática em Saussure não é um objeto tangível ou quantificável; desse modo, acessá-lo não é algo possível de ser realizado por vias estritamente empíricas. Em razão disso, percebe-se a relevância da abordagem bibliográfica, posto que sua

vantagem “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

Desse modo, foram realizados: o levantamento de obras (livros, artigos, teses, dissertações, documentos oficiais etc.), a seleção, o fichamento e o arquivamento de informações relacionadas ao tema da pesquisa para que, em seguida, houvesse o processo de redação inicial da tese. Como descrito no fluxograma a seguir:

Figura 2 - Fluxograma da metodologia



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

É interessante observar que nesse tipo de abordagem, tanto a fundamentação teórica quanto as fontes de investigação são oriundas de textos, diferentemente de outras áreas de pesquisa em que somente a primeira tem tal origem. Nesse sentido, o pesquisador precisa ter consciência de que a fundamentação teórica não deve se confundir com as fontes, serve, antes, como orientação para o tratamento destas.

Para que as razões que levaram à hipótese desta pesquisa sejam devidamente expostas, os próximos capítulos buscarão demonstrar o percurso do conceito de gramática nas fontes saussurianas consultadas. Nesse processo, há detalhes acerca do modo como se constituiu a centrifugação do respectivo conceito. Inicialmente serão elucidadas as fontes da pesquisa e a questão do conceito, que é fundamental neste texto. No capítulo 2 serão apresentados de forma mais abrangente o CLG e os *Cadernos*. Nos capítulos seguintes, 3 e 4, serão discutidos o horizonte de retrospecto e o horizonte de projeção saussurianos, demarcados por meio das

divisões tradicionais de gramática e das divisões racionais de gramática. Por fim, na conclusão, é exposto que a sincronização da gramática não repercutiu na esfera dos estudos da linguagem como as demais teorizações saussurianas, mas foi relevante em razão das questões epistemológicas levantadas.

CAPÍTULO 1 – AS FONTES DA PESQUISA E A QUESTÃO DO CONCEITO

1.1 Introdução

Em seu célebre diálogo *Crátilo* (PLATÃO, 2015), Platão questiona se haveria alguma parte na fala menor que o nome. A resposta é enfática: “Não, ele é a menor”. Evidentemente, trata-se de uma conclusão anterior a diversos estudos que visavam identificar as unidades mínimas da fala (fonema, por exemplo). Ainda assim, cabe salientar que, de modo similar, um nome, mais especificamente um conceito, é a menor parte de todo um edifício teórico e aponta como um farol a toda uma série de ideias.

Exemplos disso são conceitos como *relatividade*, *evolução*, *performance* etc. O primeiro desses, sempre que mencionado, invoca quase que automaticamente a figura de Albert Einstein. Isso ocorre, pois se trata de um conceito que implica uma teoria específica de um autor específico. O mesmo não ocorre com o conceito de gramática, visto que, como será demonstrado, não permite evidenciar uma “paternidade” e, muito menos, diz respeito a algo específico no âmbito dos estudos da linguagem.

Além disso, é preciso destacar que o amplo emprego do respectivo conceito torna quase impossível a proposição de uma genealogia, sua longa história também não parece indicar uma teleologia. Posto isso, o estudo do conceito de gramática em Saussure é um recorte que pode, com fins contextuais, ser tratado em relação a tal historicidade, mas sem o fim de projetá-lo em uma perspectiva finalista. A fim de contextualizar a discussão, este capítulo irá fazer uma breve exposição acerca da trajetória acadêmica de Saussure e discorrer sobre as questões relativas às abordagens das fontes e dos conceitos.

1.2 A trajetória acadêmica de Saussure

O professor e pesquisador Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um estudioso que, mediante seu legado, inscreveu-se na história dos estudos da linguagem, ao ponto de ser reconhecido, por muitos autores (cf. FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2019), como o fundador da Linguística Moderna. Essa designação se deve, principalmente, à repercussão do *CLG* (SAUSSURE, 2006 [1916]).

Como Saussure é um autor bastante estudado, sua biografia, pelo menos no que tange aos aspectos acadêmico e profissional, é bastante detalhada. Conforme demonstra o quadro a seguir (CULLER, 1979, p.104):

Quadro 1 - Biografia de Saussure

1857 - Nascimento de Ferdinand do Saussure em Genebra.
1872 - Escreve um <i>Essai sur les langues</i> .
1874 - Começa seus estudos de Sânscrito.
1875/6 - Estuda Física e Química na Universidade de Genebra.
1876 - Filia-se à <i>Société de linguistique do Paris</i> .
1876/8 - Estuda Linguística histórica na Universidade de Leipzig.
1878 - É publicada a <i>Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes</i> .
1878/9 - Estuda Linguística histórica em Berlim.
1880 - Doutora-se <i>summa cum laude</i> em Leipzig com a tese <i>De l'emploi du génitif absolu en sanscrit</i> .
1880 - Muda-se para Paris.
1881/91 - <i>Maitre de Conférences</i> na <i>École pratique des hautes études</i> (ensinando Linguística histórica).
1891 - Nomeado Cavaleiro da Legião de Honra; torna-se professor da Universidade de Genebra.
1907 - Primeira série de conferências sobre Linguística geral.
1908/9 - Segunda série de conferências sobre Linguística geral.
1910/11 - Terceira série de conferências sobre Linguística geral.
1913 - Morre, depois de enfermo durante meses.
1916 - Primeira edição do <i>Cours de linguistique générale</i> , editado por Bally e Sechehaye.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Culler (1979)

O cruzamento dos dados acadêmicos com as temáticas do *CLG* evidencia certa consonância, ou seja, reflete o modo como a formação de Saussure orientou o conteúdo de suas aulas. Por exemplo, Saussure chegou a cursar física e química na Universidade de Genebra, nesse mesmo período se dedicou paralelamente aos estudos gramaticais gregos e latinos. Sua predileção pelas questões linguísticas logo se manifestou e definiu sua carreira, ao passo que aspectos das duas áreas que estudara inicialmente e dos estudos de Sânscrito podem ser encontrados em trechos de suas aulas, seja por meio de exemplos ou pela forma de abordar determinados assuntos. Do mesmo modo, é relevante observar que ele esteve presente em centros de pesquisa tradicionais muito importantes à época, o que ajuda a entender a quem Saussure dirige suas críticas ou de onde advém algumas de suas inquietações teóricas.

O sobrenome Saussure remete a uma família com uma história bastante longínqua na Europa, como explica John Joseph (2012, p. 4-5):

O primeiro membro da família cujos registros sobreviveram era chamado de Chouel (às vezes escrito Schouel). Nascido em Saulxures-lès-Nanry, era o senhor de Monteuil, na aldeia de Amance, cerca de 100 km ao norte. Os sobrenomes ainda não eram comumente usados, mas as poucas famílias que possuíam propriedades foram denominadas como sendo (de) seu lugar particular. O nome do senhor de Monteuil, que os registros mostram como tendo vivido em 1440, é dado como Chouel de Saulxures-lès-Nancy. Em 1469 foi registrado o nascimento do filho e herdeiro de Chouel, Mongin Chouel de Saulxures. Mongin serviria como Falconer para René II, Duque de Lorena. Em 1503, com a idade de trinta e quatro anos, ele era “enobrecido sem pagamento, através de cartas do Duque René II, dadas em Neuchâtel”. Naquele mesmo ano casou-se com Catherine Warin de Clémery, que lhe deu onze filhos. Algum tempo depois de seu enobrecimento, ele adquiriu um novo direito e senhoria,

tornando-se senhor de Domp martin-sous-Amance, dali em diante o assento da família. (JOSEPH, 2012, p. 4-5, tradução nossa)².

Saussure pertencia a uma família de renomados cientistas que, direta ou indiretamente, o dirigiram rumo à pesquisa, aspecto que impactou suas concepções sobre a língua e a gramática. Integrando esse contexto fecundo de pesquisa, não tardou para que o jovem Saussure iniciasse sua carreira. Sua obra *Sistema primitivo de vogais nas línguas indo-europeias* [*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*], trabalho de mestrado desenvolvido em Leipzig, foi publicada em 1879. Nessa época, o estudioso tinha apenas 21 anos, e seu texto foi significativamente inovador, como exposto a seguir: “O modelo funcional assim estabelecido da célula morfológica indo-europeia, ainda hoje ensinado, constitui a principal contribuição do *Mémoire*, que rompe significativamente com a gramática comparada do período” (BÉGUELIN, 2012, p. 80, tradução nossa)³.

Durante uma década (1881-1891), Saussure foi *maitre de conférences* na *École pratique des hautes études* em Paris, onde lecionou Linguística Histórica. Em 1891, Saussure chegou à Universidade de Genebra para lecionar Sânscrito, Linguística Indo-Europeia e Linguística Histórica. Em 1906, tornou-se professor titular de Linguística e, no intervalo de 1907 a 1911, ministrou os três cursos de linguística geral naquela universidade, cujas anotações de aulas dos alunos deram origem ao *CLG* (2006 [1916]). Essa obra durante muito tempo foi a única fonte de acesso às concepções saussurianas:

O projeto de F. de Saussure foi reconstruído por alguns autores de gênio como L. Hjelmslev, mas de uma forma problemática. Demorou até 1957, com o trabalho de R. Godel, *Fontes Manuscritas do Curso de Linguística Geral*, que as contradições flagrantes do *Curso de Linguística Geral* (*CLG*) pudessem ser superadas e que o projeto saussuriano se tornasse compreensível. No entanto, como se nada tivesse acontecido, muitos linguistas continuaram a fazer do *CLG* o centro do trabalho saussuriano e o ponto de entrada obrigatório nesse *corpus*. (RASTIER, 2012, p. 7, tradução nossa)⁴.

² The earliest member of the family for whom any records survive was named Chouel (sometimes written Schouel). Born in Saulxures-lès-Nanry, he was the seigneur (lord) of Monteuil, in the village of Amance, some 100 km to the north. Surnames were not yet in common usage, but the few families who owned property styled themselves as being de (from) their particular place. The name of the seigneur of Monteuil, whom records show as having been alive in 1440, is given as Chouel de Saulxures-lès-Nancy. In 1469 is recorded the birth of Chouel's son and heir, Mongin Chouel de Saulxures. Mongin would serve as Falconer to René II, Duke of Lorraine. In 1503, at the age of thirty-four, he was 'ennobled without payment, through letters of the Duke René II, given at Neuchâtel'. That same year he married Catherine Warin de Clémery, who bore him eleven children. Sometime after his ennoblement he acquired a further property and lordship, becoming seigneur of Domp martin-sous-Amance, henceforth the family seat. (JOSEPH, 2012, p. 4-5).

³ Le modèle fonctionnel ainsi posé de la cellule morphologique indo-européenne, toujours enseigné aujourd'hui, constitue l'apport principal du *Mémoire*, qui rompt le plus significativement avec la grammaire comparée de l'époque. (BÉGUELIN, 2012, p. 80).

⁴ Le projet de F. de Saussure avait été reconstruit par quelques auteurs de génie comme L. Hjelmslev, mais sous une forme problématique. Il aura fallu attendre 1957, avec l'ouvrage de R. Godel, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*, pour que l'on puisse dépasser les contradictions flagrantes du *Cours de linguistique*

Se fosse necessário citar os três países mais relevantes para o desenvolvimento e a difusão das ideias saussurianas, seria preciso mencionar Alemanha, Suíça e França. O primeiro influenciou a formação de Saussure por meio da Escola de Leipzig; o segundo, por meio da Universidade de Genebra, permitiu o exercício da docência nos três cursos fundamentais constituintes do *CLG*; já o último recepcionou suas ideias de forma ampla, ao ponto de Paris ter se tornado o epicentro de vários debates em torno das concepções de Saussure. Sobre Paris, destaca Milner (2003, p. 19): “É errado afirmar, como se costuma fazer, que os meios científicos franceses permaneceram fechados a Saussure. Só que esses meios eram extraordinariamente restritos e pouco numerosos, em comparação com a poderosa rede de universidades alemãs” (MILNER, 2003, p. 19, tradução nossa)⁵.

1.3 As fontes saussurianas

A influência de Saussure sobre os estudos da linguagem, ciências sociais e ciências humanas é muito ampla, dada a difusão do seu pensamento, cuja dimensão pode ser mensurada por meio do volume considerável de publicações que, direta ou indiretamente, versam a respeito de suas ideias. Desse modo, estudar o conceito de gramática em Saussure, assim como outros pontos de suas concepções, implica expor e delimitar claramente as fontes consultadas.

O caráter amplo da herança saussuriana pode criar a impressão contínua de que algo tenha sido esquecido pelo pesquisador no ato da coleta de informações, por esse motivo é necessário que o recorte seja o mais preciso possível. Nesse sentido, optou-se pelas fontes publicadas⁶ e acessíveis, dada a relevância atribuída à difusão das ideias saussurianas no âmbito nacional e internacional. Além disso, é importante destacar que:

[...] trabalhos que buscam desautomatizar a interpretação de Saussure são urgentes, o que não pode ser feito sem um entendimento adequado a respeito da complexidade das fontes que constituem o conjunto dos seus escritos. Tal complexidade decorre, em grande medida, do vasto número de fontes disponíveis para pesquisa que incluem desde o próprio *CLG*, obra póstuma de autoria atribuída, até obras escritas e publicadas pelo próprio Ferdinand de Saussure; fontes manuscritas de Saussure (publicadas ou não); cartas de Saussure (pessoais e profissionais); anotações de alunos

générale (*CLG*) et que le projet saussurien devienne compréhensible. Toutefois, comme si de rien n'était, de nombreux linguistes continuent de faire du *CLG* le centre de l'œuvre saussurienne et le point d'entrée obligatoire dans ce corpus. (RASTIER, 2012, p.7).

⁵ Es erróneo afirmar, como suele hacerse, que los medios científicos franceses permanecieron cerrados a Saussure. Sólo que estos medios eran extraordinariamente restringidos y poco numerosos, frente a la poderosa red de las universidades alemanas”. (MILNER, 2003, p.19).

⁶ Por uma questão metodológica, o já citado recorte, optou-se por não trabalhar com os manuscritos saussurianos, haja vista o critério de trabalhar com fontes publicadas.

de Saussure; cartas de alunos; edições críticas do CLG; Anagramas (publicados ou não), entre outras. (FLORES, 2016, p. 63-64).

Como destacado na citação anterior, os trabalhos feitos atualmente sobre Saussure são plenamente justificáveis, principalmente em razão da *desautomatização* das interpretações acerca de suas concepções. Nesse sentido, esta pesquisa não pode incorrer em práticas desatentas que desconsiderem a complexidade dessas fontes. Essa desatenção, ao invés de romper, poderia perenizar a *automatização* que se busca superar. Assim, a metodologia deste trabalho coincide com a de Flores (2019, p. 73):

Do ponto de vista da pesquisa bibliográfica, a metodologia por nós utilizada para o tratamento das fontes é a seguinte: vamos ao *Curso de linguística geral* e, a partir dele, buscamos apoio em outras fontes. O conjunto das fontes constitui o nosso *corpus de pesquisa*. O fio condutor da leitura é o fenômeno linguístico que está em exame. (FLORES, 2019, p. 73).

No respectivo contexto, é preciso abrir parênteses para ressaltar o papel das fontes na pesquisa científica. Como destacam Langlois e Seignobos (1992, p. 29), a história é contruída com documentos, que consistem, muitas vezes, nos únicos vestígios deixados pelos pensamentos e ações dos homens e mulheres do passado. Em relação a esses pensamentos e ações, há poucos registros visíveis. Quando tais registros ocorrem, dificilmente são perenes, pois basta um acidente para apagá-los definitivamente. É patente que todos os pensamentos e todos os atos que não deixaram vestígios, seja de forma direta ou indireta, ou cujas marcas visíveis desapareceram, está, com maior propensão, perdido para a memória e a história, assim, parece ser algo inexistente.

Quando não se pode contar com nenhum documento em uma pesquisa desse gênero, insurge-se com mais veemência a possibilidade de conjecturas; daí o cuidado do pesquisador deve ser maior, pois, como pontua Febvre (1992, p. 487), a história é de fato feita com documentos escritos, quando estes existirem, quando não, outros recursos devem ser explorados pelo pesquisador. Nesse ínterim, entende-se que os documentos não são imprescindíveis; contudo, contistuem-se como uma fonte valiosa de estudo do discurso científico.

Ao se falar em documentos, está-se, evidentemente, reforçando a importância das fontes na pesquisa histórica e, por conseguinte, nas pesquisas em áreas afins, pois “[f]onte histórica, documento, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço” [...] (SILVA; SILVA, 2009, p. 158). Assim:

O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento. Palavra, no entanto, que, devido às concepções da escola metódica, ou positivista, está atrelada a

uma gama de ideias preconcebidas, significando não apenas o registro escrito, mas principalmente o registro oficial. Vestígio é a palavra atualmente preferida pelos historiadores que defendem que a fonte histórica é mais do que o documento oficial: que os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da história. (SILVA; SILVA, 2009, p. 158).

Nos estudos da linguagem, assim como nos estudos históricos, as fontes documentais e bibliográficas possuem legitimidade na interpretação dos fatos e ideias. Desse modo, atribui-se significativa relevância às fontes ditas canônicas, ou seja, aquelas advindas de linguistas cujos trabalhos possuem reconhecimento da comunidade científica. Portanto, além do *CLG* (SAUSSURE, 2006 [1916]) e dos *Cadernos* (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997), serão consideradas como apoio das fontes de pesquisa as edições comentadas do *CLG* (ENGLER⁷, 1968; DE MAURO⁸, 1967) cujos autores são reconhecidamente, no âmbito dos estudos saussurianos, críticos e comentadores relevantes. Em razão das diferenças existentes entre as fontes, cumpre elucidar cada uma delas.

1.4 As fontes de acesso às concepções saussurianas

As pesquisas acerca das ideias de Saussure contam atualmente com uma fonte plural, como exposto por Bouquet e Engler (2012, p. 11), o que se convencionou denominar *Linguística geral saussuriana* é composta por três conjuntos de textos: os escritos (publicados) de Ferdinand de Saussure; as notas de seus alunos dos cursos de Genebra; e o *CLG*, resultante das anotações dos discentes. Em síntese, ainda que se trate de fontes diversas, é possível encontrar, por se tratar de um mesmo autor, trechos iguais, similares ou até mesmo divergentes. As materializações textuais em cada conjunto são singulares e podem, quando versam sobre um mesmo tema, lançar luzes a pontos, muitas vezes, demasiado complexos se analisados a partir de uma fonte única.

⁷ O *Cours de linguistique générale* de Rudolf Engler (1968) é uma importante edição comentada do *CLG*, que permite compreender aspectos relevantes relacionados ao processo de edição dessa publicação. Como o próprio Rudolf Engler (1968) pontuou no prefácio de sua obra, tal edição crítica consiste em uma síntese e não em uma antítese do *CLG* e suas fontes. Além disso, o autor acrescenta que tal empreendimento é, indiretamente, uma homenagem a Charles Bally e Albert Sechehaye que, no ano de 1916, se esforçaram para publicar os textos em sua totalidade, dando origem ao *CLG*. Engler divide o conteúdo de sua edição em seis colunas para facilitar a organização das informações de acordo com as edições do *CLG* utilizadas, com as notas dos três cursos ministrados em Genebra recolhidas pelos alunos e notas pessoais de Saussure. A gama de informações recolhidas por Engler, assim como a organização detalhada do material, confere a essa edição bastante importância no âmbito dos estudos saussurianos.

⁸ A edição do *CLG* comentada por Tullio de Mauro (SAUSSURE, 1967) é muito relevante para os estudos saussurianos, visto que vem acompanhada por diversas notas ao final do texto cujos fins são: complementar e desenvolver referências a autores e fatos no texto, comparar o texto publicado com o material ainda inédito (notas autografadas, notas de alunos, cartas de Saussure etc. Ao todo, são 305 notas que compreendem 72 páginas.

Publicado em 1916, três anos após a morte de Saussure, o *CLG*, como já mencionado, foi elaborado a partir de anotações feitas por alunos e de notas manuscritas de Saussure (além das inserções dos editores para adequar as anotações ao formato de livro). Tal conteúdo foi organizado e publicado em formato de livro e, de forma contundente e singular, desempenhou um papel significativo nas ciências humanas e sociais, dando origem ao que atualmente é denominado, *stricto sensu*, Linguística moderna. De acordo com Silveira (2007, p. 20):

O efeito do *CLG* foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xeque; as questões que o *CLG* coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto. A nomeação da língua como esse objeto e as considerações sobre o seu funcionamento foram capazes de cernir um real da língua: a sincronia que, com as teorias do valor e do signo, redimensionou o saber sobre a língua. O *CLG*, certamente, imprimiu uma importância à língua enquanto objeto da linguística. (SILVEIRA, 2007, p. 20).

O *CLG* não resultou de um projeto editorial organizado por Saussure; assim, ao atribuir a ele a autoria acerca dos vários conceitos discutidos nos cursos da Universidade de Genebra, é sempre relevante destacar essa questão das anotações e que, portanto, não há raciocínio acabado acerca de muitos assuntos. Além disso, não pode ser descartada a influência dos editores e alunos na elaboração dos textos que foram publicados.

Nesta pesquisa, toma-se, em conformidade com Normand (2009, p. 172), o *CLG* como obra imprescindível ao estudo das ideias saussurianas em razão de sua legibilidade e acessibilidade. Nessa perspectiva, expõe Milner (2003, p. 17):

Na realidade, desde sua publicação, o *Curso* funciona como uma obra. Não o é, no entanto, se se entende que é obra um texto atribuível a um autor, de ponta a ponta e em detalhes. É verdade que podemos transformar a proposição: uma vez que o *Curso* funciona de fato como uma obra, então prova-se que, ao contrário do que se pensa, a noção de obra não pressupõe um autor prévio. O inverso é verdadeiro: Saussure tornou-se o autor do *Curso* retroativamente, mesmo que ele não tenha escrito, estritamente falando, nenhuma de suas páginas. (MILNER, 2003, p.17, tradução nossa)⁹.

Silveira (2007, p. 21) ressalta ainda que questões relativas ao processo de edição do *CLG* não emergiram entre os leitores nas primeiras décadas do século XX. Tal interesse se inicia na última metade do século, notavelmente nos trabalhos de Rudolf Engler (1968), Robert

⁹ En realidad, desde su publicación, el *Curso* funciona como una obra. No lo es, sin embargo, si se entiende que es obra un texto atribuible a un autor, de punta a punta y en detalle. Es verdad que podemos dar vuelta la proposición: dado que el *Curso* funciona de hecho como una obra, entonces él prueba materialmente que, al revés de lo que se piensa, la noción de obra no supone un autor previo. Sucede más bien lo inverso: Saussure pasó a ser retroactivamente el autor del *Curso* aunque no haya escrito, en sentido estricto, ni una sola de sus páginas. (MILNER, 2003, p. 17).

Godel (1957), Tullio de Mauro (1967) etc. No percurso histórico relativo à recepção do pensamento saussuriano, Silveira destaca algo bastante pertinente:

No entanto, aquilo que fora revolucionário num determinado momento passou a ser desqualificado aqui, engessado acolá: as críticas às exclusões saussurianas se intensificam e o *CLG* passa, na linguística, a ser leitura obrigatória mas, na maioria das vezes, com o estatuto de letra morta, sem nenhum compromisso, mera informação para localizar a sua diferença entre tantas outras teorias linguísticas. Com isso, acreditava-se que o *CLG* tivesse cumprido o seu papel. (SILVEIRA, 2007, p. 20).

Desse modo, neste texto, as atribuições de concepções a Saussure são feitas com a consciência clara de como se constituiu o *CLG*. Feitas tais ressalvas, cumpre salientar que Saussure elucidou vários pontos controversos dos estudos da linguagem existentes em seu período; contudo, delegou aos “futuros linguistas” a resolução de questões que extrapolavam os limites pontuais de seu raciocínio, uma dessas questões diz respeito à gramática¹⁰.

O descontentamento com a imprecisão daquilo a que se atribuía o termo gramática reverberava para além de Saussure, encontrando ecos uníssonos em contemporâneos como Hermann Paul (1846-1921) que, inicialmente, já destacava a complexidade da temática no âmbito dos estudos da linguagem:

Fornecer uma tal descrição do estado de uma língua, capaz de por sua vez fornecer uma base inteiramente útil e digna de confiança para a investigação histórica, não é, por estas razões, uma tarefa nada fácil. Pode mesmo ser uma tarefa difícilima, e para levá-la a cabo é preciso ter já ideias claras sobre a natureza da vida da língua. E mesmo tanto mais claras quanto mais completo e incerto for o material posto ao nosso dispor, e quanto mais diferente for a língua a descrever da língua materna daquele que a descreve. Não é, portanto, de admirar se as gramáticas usuais ficam muito aquém daquilo que pretendemos. (PAUL, 1966 [1886], p. 39).

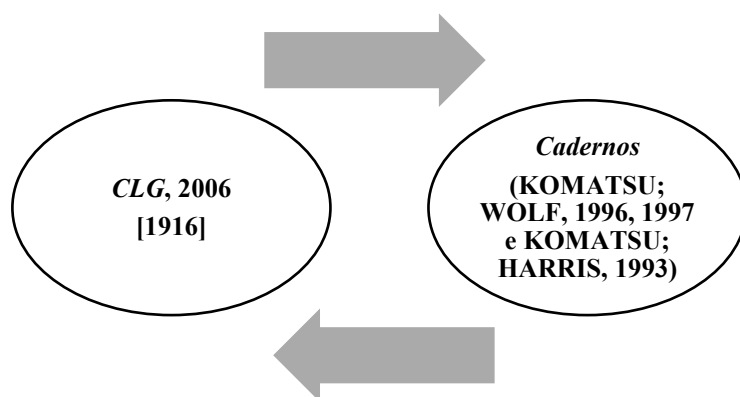
Percebe-se que a queixa de Paul está relacionada à limitação das gramáticas usuais existente em sua época. Ainda que o autor não especifique quais seriam essas gramáticas, é possível questionar que modelo de gramática poderia ser considerada ideal para Paul ou expor os diversos pontos que ele considera falhos no que fora produzido até então. Evidentemente, por este trabalho não se referir a tal autor, cabe transferir essas mesmas indagações a Saussure e buscar apontar como sua insatisfação, similar ao descontentamento de Paul, se engendrou.

¹⁰ A historicidade do termo *gramática* remonta a um passado longínquo, detalhadamente tratado por Neves, 2013; Neves e Casseb-Galvão, 2014.

A partir do que foi exposto é possível notar que a pesquisa conta com uma pluralidade de fontes que têm em comum o fato de terem sido publicadas, mas que foram diversamente editadas, haja vista que são analisadas uma obra publicada em formato de livro (SAUSSURE, 2006 [1916]) na década de 1910 e edições de cadernos de anotações de alunos (KOMATSU; WOLF, 1996, 1997 e KOMATSU; HARRIS, 1993) feitas posteriormente.

As fontes saussurianas supracitadas serão tratadas como “[...] uma reflexão que considere a possibilidade de uma relação entre os mais conhecidos trabalhos de Saussure [...] de maneira a não sobrepô-los nem hierarquizá-los, privilegiando ainda a noção de movimento na fundação da linguística” (SILVEIRA, 2007, p. 78). Ao partir desse pressuposto, não se concebe uma hierarquização piramidal, haja vista a prescindibilidade da estratificação das fontes, mas sim a figura de um círculo, pois ilustra de forma mais adequada o respectivo movimento:

Figura 3 – As fontes de pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A reunião dessas fontes tem como intuito captar o maior número possível de informações compatíveis com o objetivo de investigar como o conceito de gramática foi tratado nos três cursos ministrados por Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911. É necessário destacar que: “Não se trata de defender que uma fonte é mais ‘verdadeira’ que outra, trata-se apenas de resguardar as especificidades que cada fonte tem” (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2019, p. 17). Em razão da impossibilidade de analisar todas as menções relativas ao tema, fez-se um recorte cujas escolhas se basearam na relevância dos documentos e trechos evidenciada na literatura dos estudos linguísticos.

1.5 O interesse pela gramática e a questão do conceito

Ainda que este não tenha sido o objetivo central de Saussure, o autor avança consideravelmente no debate em torno da gramática. Isso é perceptível quando se encontra em suas fontes o desvelar de uma perspectiva inovadora para a época que, em síntese, não é englobada pela diacronia, haja vista que diversas concepções de gramática do Século XIX (Gramática Comparada e Neogramática) concediam primazia às abordagens históricas.

Ainda que tal século tenha sido determinante para o desenvolvimento da Linguística, é necessário elucidar que todo o movimento responsável pelo surgimento das correntes teóricas vindouras teve como ponto de partida um fato datado no século XVIII. Tal evento, como apresenta Faraco (2005, p. 132), marca o início do interesse dos intelectuais europeus pelas civilizações antigas, o que inclui o estudo do sânscrito.

Toma-se como primeira data referencial desse período o ano de 1786, em que William Jones apresentou uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala. Nessa oportunidade, ele destacou várias semelhanças entre a língua sânscrita, o latim e o grego. Nos anos posteriores, várias gramáticas e um dicionário do sânscrito foram escritos. Em seguida, já na transição para o Século XIX, trabalhos como os de Friedrich Schlegel (1772-1829) e Franz Bopp (1791-1867), surgiram e contribuíram para o desenvolvimento da Gramática Comparativa. Não é possível reduzir todos os trabalhos realizados nesse período a um denominador comum metodológico ou temático, mas há, como foi descrito, evidências de que a concepção de gramática vigente na época se fundou principalmente na abordagem histórica.

As ciências humanas e, por conseguinte, a gramática, possuíam um lugar de privilégio no que tange à atenção dos estudiosos do século XIX e de séculos anteriores, como demonstra Sylvain Auroux (2009, p. 61):

Do século XV ao fim do século XVIII, as ciências humanas (gramática, geografia, etnografia) representam um investimento e uma aposta econômica social que superam consideravelmente o que concerne, na mesma época, ao desenvolvimento das ciências da natureza. (AUROUX, 2009, p. 61).

De fato, falar sobre gramática na época de Saussure não era nenhuma novidade. Ademais, o fenômeno amplamente difundido da gramatização (elaboração de gramáticas) consistiu, ao passar dos anos, em uma prática pouco inovadora, posto a repetição de elementos de uma gramática a outra que tanto o caracterizou:

Enfim, a situação permanecerá imutável se a metalinguagem de um vernáculo qualquer servir para redigir gramáticas em número indeterminado de vernáculos. Como essa metalinguagem, qualquer que seja (de fato será aquela das línguas que vão se impor na Europa das nações, do Renascimento à época moderna), terá mais ou menos e mesma estrutura de qualquer outra surgida nas mesmas condições, haverá uma certa equivalência entre as gramáticas das diferentes línguas redigidas em qualquer dos vernáculos em uso. (AUROUX, 2009, p. 45).

Em outras palavras, a prática reiterada de elaborações de gramáticas ou a comparação destas (Gramática Comparada) não parece ter problematizado suficientemente o estatuto da própria gramática, conforme comentam Paul (1966 [1886]) e Saussure (2006 [1916]). Tal problematização iria requerer, principalmente, uma concepção objetiva de língua e todo um trabalho terminológico, que não poderiam prescindir de detalhes minuciosos, dada a historicidade dos termos vinculados ao tema.

Percebe-se que o conceito de gramática perpassou vários séculos, essa historicidade já basta para um estudo exclusivo do respectivo termo, mas ainda assim vale frisar que a relevância dada a somente um conceito está longe de ser um reducionismo ou excesso de minúcia, pois, como já exposto, pode representar toda uma linha de pensamento. Destarte, como pontua Hardy-Vallée (2013), um mesmo conceito pode ser relevante e determinante a mais de uma área do saber, pois: “[...] são universais abstratos, organizados sistematicamente, que aplicam a representação de propriedades invariantes de uma categoria a objetos particulares em função de um critério” (HARDY-VALLÉE, 2013, s.p). Além disso:

O conceito serve a diferentes funções epistemológicas (inferência, categorização, gnosiologia, linguagem) e metafísicas (taxonomia normativa e modalidade). Um conceito é um conhecimento mais geral aplicado a um objeto ou a uma situação particular. Representa uma categoria de objetos, de eventos ou de situações pode ser expresso por uma ou mais de uma palavra. Para alguns, essa representação é mental; para outros, ela é linguística e pública. O conceito é a unidade primeira do pensamento e do conhecimento: só pensamos e conhecemos na medida em que manipulamos conceitos. (HARDY-VALLÉE, 2013, s.p).

Compreender como se criam, como funcionam e para que servem os conceitos é uma tarefa fundamental aos estudiosos da linguagem, pois, além de mental, conforme exposto, um conceito é linguístico, discursivo e social. Se é possível afirmar isso acerca de qualquer conceito, é no mínimo coerente tratar do conceito de gramática no âmbito dos estudos da linguagem. Nesse sentido, é importante destacar que:

Aderindo ao nominalismo radical de Wittgenstein, postulamos que *todo conceito é palavra porque toda palavra é um conceito*. Não há possibilidade de experiência-conhecimento fora da linguagem, que nos constitui. O conceito-palavra, isto é, o signo, é uma forma de vida (*Lebensform*) decorrente da atividade (*Tätigkeit*) daqueles que a empregam. Recuperar a etimologia de um conceito-palavra é, portanto, resenhar as ações sociais que, ao longo dos milênios, o constituíram como uma forma de vida [...]. (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 127).

Nesta pesquisa, entende-se que nem toda palavra é um conceito, mas, compreende-se que todo conceito se manifesta como palavra ou, como pontua Koselleck (1992, p. 134-135), “não é toda palavra existente em nosso léxico que pode se transformar num conceito e que, portanto, pode ter uma história”. O autor explica que palavras como *oh!* ou *ah!* não contêm em si uma história do conceito em razão da respectiva falta de sentido. Os conceitos considerados relevantes para uma elaboração de um dicionário de conceitos, por exemplo, demandariam, em seu percurso histórico, “um certo nível de teorização e cujo entendimento é também reflexivo” (KOSELLECK, 1992, p.135). Nesse sentido, palavras como *Estado* e *sociedade*, na concepção de Koselleck (1992, p. 135), “sugerem imediatamente associações. Essas associações pressupõem um mínimo de sentido comum, uma pré-aceitação de que se trata de palavras importantes e significativas”.

Para Koselleck (1992, p. 136), a efetividade de um conceito não se resume a um fenômeno exclusivamente linguístico, também consiste em um indicador de algo externo à língua. Um conceito deve ser pensado a partir de sua realidade histórica ou científica, “a partir de um fato linguístico, posso atuar sobre a realidade de forma concreta” (KOSELLECK, 1992, p.136).

Além desses apontamentos, é importante destacar a função do conceito nas diversas perspectivas. Hardy-Vallée (2013) estabelece uma série de apontamentos que constituem uma espécie de funcionalidade dos conceitos, organizados na tabela a seguir:

Quadro 2 – Função dos conceitos

Função dos conceitos		
Epistemológica	Gnosiológica	<i>Categorização</i> : “ato de identificar uma coisa (objeto, propriedade, indivíduo, situação) como membro de uma categoria simples ou complexa (isto é, construída por combinação de categorias simples)”. (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 101).
		<i>Aprendizagem</i> : “Quando possuímos um conceito é porque adquirimos conhecimentos por meio de exemplos ou por combinações de conceitos elementares”. (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 101).
		<i>Memória</i> : “uma vez adquirido, o conceito se instala na memória: ele permite organizar os conhecimentos e recordá-los facilmente”. (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 101).
		<i>Modalidade</i> : “tais conceitos nos dão a possibilidade de sustentar ou rejeitar afirmações <i>a priori</i> (justificáveis pelo conteúdo conceitual) ou

		<i>a posteriori</i> (justificáveis pela experiência)". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 101).
	Inferencial	<i>Dedução</i> : "é uma aplicação de conhecimentos a um caso para dele tirar conclusões formalmente [...]". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 102).
		<i>Abdução</i> : "é uma inferência que, a partir de um caso, encontra uma regra". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 102).
		<i>Indução</i> : "é uma inferência que, <i>grosso modo</i> , passa do particular ao universal". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 103).
	Linguística	<i>Comunicação</i> : "Comunicar exige a capacidade de produzir e de compreender enunciados de maneira eficaz. Compreenderemos verdadeiramente uma frase em que a palavra "cão" aparece se possuímos o conceito CÃO". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 104-105).
		<i>Significação</i> : "Comunicar seria impossível sem o conhecimento das relações semânticas que os conceitos nos fornecem: sinonímia, antonímia, tradução ou implicação". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 105).
Metafísica		<i>Taxonomia normativa</i> : "serve para categorizar as coisas de maneira adequada". (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 100).
		<i>Modalidade</i> : "serve para justificar as afirmações de possibilidade, de necessidade etc." (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 100).

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Hardy-Vallée (2013)

Pensar essa funcionalidade com foco no conceito de gramática é relevante, pois se pode compreender diversas nuances da respectiva noção. Inicialmente, na função gnosiológica, o conceito de gramática permite identificá-la em meio às diversas abordagens relacionadas à língua. Por exemplo, a divisão frequente entre gramática e linguística. Além disso, ao possuir o conceito gramática, adquire-se conhecimentos, instala-o na memória e se tem possibilidade de sustentar ou rejeitar afirmações a respeito.

No que concerne à diferenciação entre gramática e linguística, é importante destacar que, de acordo com Colombat et al (2017, p. 199), o substantivo *linguística* surge entre os séculos XVIII e XIX. Nessa época, o termo *linguista* se referia ao especialista das línguas em sua multiplicidade e sua diversidade. Em seguida, início do século XIX, começa a fazer referência "ao especialista de um tipo de novo saber", evidentemente, referente às línguas. No século XX, a linguística passa a designar "um tipo saber que concerne a todas as questões que tocam à linguagem e às línguas [...]" (cf. COLOMBAT et al, 2017, p. 199).

No respectivo contexto, os termos *gramática* e *linguística* são comutados de forma frequente e livre (cf. COLOMBAT et al, 2017, p. 199). Isso ocorre em expressões como *gramática histórica* ou *linguística histórica*, *linguística comparada* ou *gramática comparada*, fato que dificulta bastante a análise histórica das ideias linguísticas devido à imprecisão entre a terminologia empregada pelos autores e a ideia que referenciam.

Na função inferencial, pode-se aplicar o conceito de gramática a um caso para dele tirar conclusões. Em sua função linguística, o conceito de gramática permite produzir e compreender enunciados de maneira eficaz, o que compreende as relações semânticas que são oferecidas pelos conceitos.

Na função metafísica, o conceito de gramática serve para categorizar as coisas de maneira adequada e para justificar as afirmações de possibilidade, de necessidade etc. Como se sabe, a metafísica, em sua vertente aristotélica, é considerada como uma espécie de “ciência das ciências” e tem como propósito a investigação de elementos que transcendem a experiência sensível. Nesse sentido, em razão dos conceitos poderem prescindir de elementos concretos, constituem objetos de significativa relevância para esse campo de estudos e para as ciências de uma forma geral.

Nos estudos da linguagem, essa relevância é evidente, visto que o desenvolvimento de uma metalinguagem própria caracterizou sobremaneira esse campo de investigação, como demonstram os estudos acerca da gramatização no Ocidente (cf. AUROUX, 2009). Nesse ínterim, o caráter propedêutico e precursor do *CLG* fez com que as ideias de Saussure se destacassem como umas das mais importantes no surgimento, desenvolvimento e difusão de conceitos relacionados à linguagem.

Vale destacar que “[...] aqueles que se dedicam ao estudo do pensamento saussuriano sabem que, nessa teoria, cada conceito, termo, noção está em relação com outros conceitos, termos e noções. Poderíamos dizer que há em Saussure uma rede de primitivos teóricos” (FLORES, 2019, p. 78). Assim, ainda que o foco deste trabalho seja o conceito de gramática, serão discutidas nos próximos capítulos, a partir das fontes já mencionadas, outras concepções saussurianas cujas relações com o tema foram encontradas no decorrer desta pesquisa.

CAPÍTULO 2: O CLG E OS CADERNOS

2.1 Introdução

A maior parte das fontes saussurianas não consiste em livros autorais tal como tradicionalmente se concebe, ou seja, uma obra escrita, organizada e publicada sob o aval do autor. Tal aspecto demanda da escolha dessas fontes muitos critérios, não somente em razão da questão da legitimidade das ideias expostas nos documentos¹¹, mas também em razão dos objetivos da pesquisa realizada.

Antes de iniciar a exposição acerca dos cadernos oriundos dos cursos ministrados por Saussure em Genebra, é necessário fazer uma elucidação terminológica relativa à forma como esses foram intitulados. Bouquet e Engler (2012) pontuam que Sylvain Auroux, a partir de um exame das obras produzidas em alemão, inglês e francês (entre 1870 e 1930) demonstrou que a expressão linguística geral indicava:

[...] cinco objetos que, às vezes, se sobrepunham: 1º apresentações da linguística e de seus resultados; 2º tratados sobre a linguagem, mais ou menos voltados para a divulgação; 3º enciclopédias concernentes ao conjunto de línguas; 4º discussões metodológicas específicas; 5º monografias sobre as categorias usadas pela disciplina. Saussure, por sua vez, parece que jamais se preocupou em justificar o nome administrativo escolhido para o seu curso: ele descrevia a abordagem de seu ensinamento como “uma filosofia da linguística” (BOUQUET; ENGLER, 2012, p. 11).

Destarte, cabe ressaltar que a expressão *linguística geral* neste trabalho é mantida em consonância com os títulos das obras saussurianas publicadas. Além disso, como Bouquet e Engler (SAUSSURE, 2012) explicam, essa expressão recobre o conjunto das reflexões saussurianas, que integra três campos: uma epistemologia, uma especulação analítica e uma “epistemologia programática”. Assim, o termo é plenamente condizente com o tema em foco, visto que a discussão acerca do conceito de gramática tangencia esses três campos, como será demonstrado nos próximos capítulos.

No que tange aos cursos ministrados por Saussure em Genebra, é importante destacar o processo que permitiu acessar documentos ainda desconhecidos ao grande público. De acordo

¹¹ Como exposto no capítulo anterior, a questão da originalidade das fontes saussurianas é bastante controversa. Há posições que dão primazia ao CLG como obra fundamental do genebrino e há os que entendem que um “Saussure original” é depreendido de seus escritos (cartas e demais anotações do próprio autor) e notas de seus alunos (cf. NORMAND, 2009).

com a nota editorial do *Premier cours de linguistique générale* (SAUSSURE, 1996) de Eisuke Komatsu, no ano de 1955, a Biblioteca Pública e Universitária (BPU) da cidade de Genebra adquiriu dos dois filhos de Saussure, Jacques de Saussure e Raymond de Saussure, os manuscritos inéditos de seu pai.

A partir de então, a quantidade de material da biblioteca foi se expandindo com maior vigor: ainda na década de 1950 chegaram as notas (referentes ao terceiro curso) de Emile Constantin (doadas por ele), os manuscritos dos mitos e lendas alemãs, as anotações sobre os anagramas e as notas de Riedlinger para o primeiro e segundo cursos, que foram doados por sua família. O conjunto desses documentos foram classificados e organizados em vinte e quatro caixas por Robert Godel.

Komatsu (SAUSSURE, 1996), em apoio à ideia de um “Saussure autêntico”, ainda pontua que a composição do *CLG* é bastante artificial e de difícil compreensão. Esse é um debate comum às publicações póstumas cujos autores não tenham previamente organizado a edição. Um exemplo disso, segundo Komatsu, é o apêndice à introdução *Princípios de fonologia*, trecho que não coaduna com os capítulos que o seguem, em razão de seu material reflexivo sobre os sons da fala.

Tais tensões podem ter resultado do fato de que o *CLG* foi lido até então sem levar em conta o desenvolvimento das ideias saussurianas nos cinco anos de docência em Genebra. Desse modo, um dos objetivos da publicação dos cadernos manuscritos, reunido nos três volumes descritos a seguir, consiste justamente, segundo Komatsu (SAUSSURE, 1996), em criar condições para que alguns leitores reconsiderem as ideias de Saussure e possam apreciar nuances de seu pensamento até então pouco conhecidas.

2.2 Os cadernos

O *Premier Cours de linguistique générale: d’après les cahiers d’Albert Riedlinger* [Primeiro curso de linguística geral: a partir dos cadernos de Albert Riedlinger] (doravante, *PCLG*) (SAUSSURE, 1996) diz respeito ao curso inaugural de linguística geral ministrado por Saussure na Universidade de Genebra em 1907. Esse curso, assim como os outros dois, foi muito importante para a composição que daria origem ao *CLG*. Dentre os cadernos de anotações dos vários alunos desse curso, Eisuke Komatsu e George Wolf organizaram e publicaram os cadernos de Albert Riedlinger. De acordo com Salum, em seu prefácio do *CLG* (SAUSSURE, 2006[1916]), o primeiro curso ocorreu:

De 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, com 6 alunos matriculados, entre os quais A. Riedlinger e Louis Caille. A matéria fundamental deste curso foi: “Fonologia, isto é, fonética fisiológica (*Lautphysiologie*), Linguística evolutiva, alterações fonéticas e analógicas, relação entre as unidades percebidas pelo falante na sincronia (análise subjetiva) e as raízes, sufixos e outras unidades isoladas da gramática histórica (análise objetiva), etimologia popular, problemas de reconstrução” [...]. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. XVI).

A publicação *Deuxième Cours de Linguistique Générale*: d’après les cahiers d’Albert Riedlinger et Charles Patois [Segundo curso de linguística geral: a partir dos cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois] (doravante, *SCLG*) (SAUSSURE, 1997) concerne ao segundo curso de linguística geral ministrado por Saussure na Universidade de Genebra, desenvolvido entre os anos de 1908 e 1909. Em relação a esse curso, Komatsu e Wolf organizaram e publicaram os cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois. Salum (SAUSSURE, 2006 [1916]) expõe que o segundo curso foi ministrado:

Da primeira semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909, com onze alunos matriculados, entre os quais A. Riedlinger, Léopold Gautier, F. Bouchardy, E. Constantin. A matéria deste foi a “relação entre teoria do signo e a teoria da língua, definições de sistema, unidade, identidade e de valor linguístico”. (SAUSSURE, 2006 [1916]).

O *Troisième Cours de Linguistique Générale*: d’après les cahiers d’Emile Constantin [Terceiro curso de linguística geral: a partir dos cadernos de Emile Constantin] (doravante, *TCLG*) (SAUSSURE, 1993) se refere ao último curso que, assim como os dois primeiros, teve lugar na Universidade de Genebra. Ocorreu entre os anos de 1910 e 1911, sendo considerado, em razão da similaridade entre as matérias discutidas, o que mais influenciou a composição que deu origem ao *CLG*. Komatsu e Roy Harris utilizaram os cadernos de Emile Constantin nesse volume. Salum (SAUSSURE, 2006 [1916]) expõe que o terceiro curso foi desenvolvido:

De 28 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911, com doze alunos matriculados, entre os quais G. Dégallier, F. Joseph, Mme, Sechehay, E. Constantin e Paul-F, Regard. Como matéria, “integra na ordem dedutiva do segundo curso a riqueza analítica do primeiro”. No início se desenvolve o tema “das línguas”, isto é, a Linguística externa: parte-se das línguas para chegar à “língua”, na sua universalidade e, daí, ao “exercício e faculdade da linguagem nos indivíduos”. (SAUSSURE, 2006 [1916]).

Os três livros organizados por Komatsu, Harris e Wolf fazem parte do conjunto denominado “Saussure cronológico”. Como destaca Cruz (2016, p. 31): “O fator continuidade será considerado como central pelos defensores da ideia de um Saussure *autêntico*”. Entende-se que esse inventário cronológico das atividades docentes de Saussure, principalmente relativo

às reflexões singulares sobre as questões de linguística geral, somado ao *CLG*, cria condições mais propícias para o estudo do conceito de gramática.

O primeiro curso de linguística geral (*PCLG*) ocorrido em Genebra foca a mudança linguística e aspectos relacionados ao indo-europeu, como detalha Altman (2019, p. 22):

Os biógrafos de Saussure concordam que, entre a aceitação da cátedra de Linguística geral de Joseph Wertheimer (1833-1908), na Universidade de Genebra, e as conferências proferidas no Curso i, não teria havido tempo para preparação. Nada mais natural, pois, que Saussure utilizasse em aula o material de pesquisa disponível e pelo qual se tornara conhecido através do seu *Mémoire* de 1879 (Komatsu e Wolf, 1996: viii; Joseph, 2012: 16). Mais da metade deste primeiro curso foi dedicada ao estudo da mudança linguística e à descrição e história da família linguística indo-europeia, embora já se possam antever vários dos termos e temas que o século xx associaria definitivamente a Saussure [...]. (ALTMAN, 2019, p. 22).

Esse curso (*PCLG*) foi muito importante para esta pesquisa, haja vista que a partir dele se obteve raras reflexões sobre o conceito de gramática e sua relação com a lógica. O segundo curso de linguística geral, de acordo com o texto que o representa (*SCLG*), é o que mais discorre, dentre os três, sobre o conteúdo relativo à gramática. O terceiro curso de linguística geral (*TCLG*) é o que tem a organização das matérias mais próxima a do *CLG*. Contudo, dentre os três, esse é o texto que menos discute o conceito de gramática.

É importante destacar que, nesses cadernos dos alunos, são relevantes os diversos apontamentos acerca do respectivo conceito, pois ampliam a discussão ao complementar determinadas ideias. Já o *CLG*, por ser a obra mais conhecida, foi a maior responsável pela difusão das ideias de Saussure sobre a gramática e outros temas. De modo mais detalhado, essa obra será descrita no próximo tópico.

2.3 O *CLG*

Ainda que se conheça a crítica de Komatsu (SAUSSURE, 1996) e Bouquet (2009) ao *CLG*, atribuindo a este um caráter artificial ou mesmo afirmando que tal obra desfigura o pensamento de Saussure em pontos essenciais (BOUQUET, 2009, p. 161), é preciso admitir que essa obra se fez entender e criou bases sólidas para o estudo da língua, caso contrário estaria fadada ao ostracismo na Europa e, por conseguinte, no Brasil.

Normand (2009, p. 20-21) pontua que mesmo após a publicação de “fontes manuscritas” editadas por Godel em 1957, não havia ainda em voga a questão da autenticidade do *CLG* em relação ao pensamento saussuriano. A autora destaca que:

[...] foi paralelamente que um trabalho filológico minucioso se desenvolveu sobre cadernos de notas que serviram de base à edição sobre outros textos e fragmentos pouco a pouco reencontrados acerca de temas frequentemente distantes do *Curso* propriamente dito; descobrem-se, ainda hoje, cadernos inteiros de notas ou esboços, desordenados, corpos desmembrados de uma escrita lacunar de rasuras e repletas de brancos. Esse rigoroso trabalho de crítica textual conhece o destino de toda hermenêutica: contribuiu para constituir um texto sagrado cuja exegese se aplica a completar e comentar a busca do “verdadeiro Saussure”. (NORMAND, 2009, p. 21).

De acordo com Normand (2009, p. 21), essa busca pelo “verdadeiro Saussure” fez com que o *CLG* fosse entendido como uma “vulgata”. Para além disso, chega-se a acusar os editores da respectiva obra de deformarem propositalmente o pensamento saussuriano. Nesse sentido, diversos adjetivos pejorativos passam a ser dirigidos por essa linha de pensamento à obra: suspeito, desvalorizado, enganador, usurpador etc. Em contrapartida, como expõe Normand (2009, p. 21), há o “pensamento autêntico que teria um texto ideal e, como tal, inacessível, de que conhecemos apenas fragmentos ou uma versão, ela mesma, forçosamente reconstituída”. Nessas duas fontes, as opções disponíveis ao leitor se resumem: a um “falso” Saussure (o do *CLG*) e a um “verdadeiro” Saussure (resultante de “uma massa de erudição”) (cf. NORMAND, 2009, p. 21).

A possibilidade de se descobrir a qualquer momento uma nova anotação de Saussure assim como a impossibilidade de organizar editorialmente tudo aquilo que fora ou que ainda pode ser encontrado, faz com que essa busca pelo “verdadeiro Saussure” seja prescindível a esta pesquisa. A justificativa, portanto, de se trabalhar outras fontes além do *CLG* reside no fato apontado por Normand:

Entretanto, a coexistência entre os trabalhos filológicos (digamos a “saussurologia”) e um trabalho de difusão e reflexão renovada sobre Saussure não parece impossível, como testemunham certos encontros e trabalhos recentes [...] para usar com toda a liberdade essa *herança* histórica, sem se deixar impressionar pelo argumento, tendenciosamente terrorista, dos “originais”. (NORMAND, 2009, p. 22).

Normand (2009, p. 172) acrescenta que o *CLG* é um texto facilmente legível, o que pode ter favorecido sua inserção nos meios acadêmicos e o trabalho de diversos pesquisadores. Por outro lado, os manuscritos não são tão acessíveis nas respectivas edições críticas ou em trabalhos recentes. Contudo, por não oferecerem uma leitura cabal, nutrem novas questões “acerca da linguagem, das línguas, da linguística e do próprio Saussure em sua intimidade fugidia” (NORMAND, 2009, p. 172).

Em consonância com a questão da acessibilidade, é preciso frisar que a importância do *CLG* para a discussão acerca da gramática, dentre outros motivos, deve-se ao fato de ter sido a

obra que chegou ao grande público e que, portanto, teria maiores condições de difundir o tratamento dado ao conceito ali proposto. Prova dessa capacidade de difusão de ideias é o fato de o *CLG* ter sido fundamental para o desenvolvimento da linguística no Brasil, como exposto a seguir:

Se voltarmos nossa atenção às leituras feitas do *CLG* nos manuais de linguística brasileiros, podemos refletir, na medida do possível, que se trata de importantes reflexões e desenvolvimentos teóricos, em particular para o processo de formalização e desenvolvimento da linguística brasileira. (RUIZ, 2015, p. 115).

Outro motivo é que “[o] *CLG* apresenta uma característica assaz interessante, é o uso constante de metáforas de caráter comparativo para orientar e facilitar a compreensão do leitor na discriminação ou ‘aclaramento’ de certos conceitos” (LIMA, 2019, p. 63). Um exemplo dessas metáforas é o jogo de xadrez, que será discutido posteriormente neste texto.

O *CLG* teve na segunda metade do Século XX uma edição brasileira, cuja tradução foi de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Trata-se de uma edição muito importante para a difusão das respectivas ideias no Brasil, visto a representatividade do *CLG* no que tange à herança saussuriana.

Isaac Nicolau Salum, no prefácio à edição brasileira do *CLG* (SAUSSURE, 2006 [1916]), comenta que a versão portuguesa saiu cinquenta e quatro anos após a primeira edição de 1916. Contudo, esse suposto atraso se justifica mediante o fato de que o *CLG* não se tornou prontamente reconhecido. Salum explica que a primeira edição francesa (1916) possuía 337 páginas, já as seguintes (1922, 1931, 1949, 1955, 1962... e 1969), um total de 331. É possível perceber que os intervalos crescem entre as edições até a 3ª (1949), após isso, esses hiatos se reduzem e permanecem assim nos anos mais próximos. Tal fato indica que mesmo a edição francesa só veio a ampliar sua popularidade nas décadas de 1950 e 1960.

No Brasil, apesar das já existentes citações em manuais e compêndios brasileiros, foi somente da década de 1970 que o *CLG* ganhou uma publicação, como pontua Silveira:

Apesar de as décadas de 1930 e 1940 serem testemunhas da implantação dos cursos de Letras no Brasil, a tradução do *CLG* foi publicada, em nosso país, pela editora Cultrix, de São Paulo, somente em 1970, mas mesmo antes disso os manuais de linguística já circulavam no Brasil. Portanto, é importante considerar que “falar de Saussure na América Latina no século XX exige considerar as especificidades implicadas no trânsito cultural/intelectual entre Europa e América Latina (De Lemos et alii, 2004). (SILVEIRA, 2016, p. 185).

De acordo com Godel (1957, p. 29), as ideias de Saussure sobre a questão da linguagem teriam se mantido no ostracismo do mesmo modo que seus estudos sobre a mitologia

germânica, caso não houvesse o convite em dezembro de 1906 para suceder o professor Joseph Wertheimer que, desde 1873, dava andamento a um curso universitário de linguística. Foi nessa ocasião que Saussure ministrou seus três cursos de linguística geral (1907-1911).

Charles Bally e Albert Sechehaye (com a colaboração de Albert Riedlinger), como se sabe, foram os responsáveis por transformar as anotações dos alunos de Saussure (dos três cursos) no *CLG* (SAUSSURE, 2006 [1916]). Nesta pesquisa, entende-se que essa obra é a mais significativa para o estudo, de modo geral, das ideias saussurianas e, de modo específico, para a compreensão do percurso do conceito de gramática no respectivo autor.

Apesar disso, conforme já mencionado, existem opiniões contrárias como as de Bouquet: “Bally e Sechehaye disponibilizaram uma representação bastante deformada das aulas: atulhando o texto com passagens que eles mesmos criaram sobre o valor *in praesentia*” (BOUQUET, 2009, p. 173). Tal posicionamento, longe de invalidar o conteúdo do *CLG* como fonte de pesquisa, apenas alerta para questões pontuais mais ou menos relevantes da obra. Nesse sentido, é preferível concordar com Cruz: “[a]inda é preciso considerar o fato de que há leituras feitas antes da publicação das fontes manuscritas, baseadas, portanto, unicamente no *CLG*, que se aproximam de leituras recentes, baseadas, por sua vez, unicamente nos textos originais” (CRUZ, 2016, p. 28).

Como ressalta Valdir Flores (2016, p. 64) “[...] é preciso ler o *CLG* porque ele ocupa, simbolicamente, uma posição singular na história das ideias linguísticas: ele é fundador de uma maneira de pensar, e é isso que o faz ser uma espécie de marco inicial da linguística”. O autor ainda complementa que:

O *CLG* é uma importante fonte de pesquisa, quando o que está em discussão é o pensamento saussuriano. É o primeiro grande integrante do que se pode considerar o corpus saussuriano. [...] Podem, ainda, ser listados como fontes de pesquisa de outra natureza os trabalhos cuja origem não se atribuem ao próprio Saussure: o conjunto de trabalhos de anotações de alunos, cartas de alunos, depoimentos de alunos, ou seja, o conjunto de trabalhos filológicos. (FLORES, 2016, p. 64).

Para o estudo do conceito de gramática, especificamente, outra justificativa para se ter como fonte o *CLG* é o fato de haver nessa obra, ainda que curtos, dois capítulos específicos organizados sobre a gramática: *A Gramática e suas subdivisões* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156-159) e *Papel das entidades abstratas em Gramática* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160-162). A linearidade dessa discussão só é encontrada no *CLG*; nas demais fontes, como será exposto, a exposição do assunto é fragmentada.

2.4 As fontes e as categorias históricas

Os diversos temas (escrita, fonologia, etimologia, signo, valor etc.) discutidos nas fontes saussurianas apontam ora para o passado dos estudos da linguagem ora para o futuro da Linguística. O debate em torno de um conceito pode transitar entre esses dois polos e, por meio dele, é possível notar um percurso em que há experiência e expectativa. Experiência no que tange ao conceito já estabelecido na tradição, expectativa no que diz respeito ao método de tratamento futuro desse conceito.

Nesse sentido, é possível compreender a existência de duas categorias históricas nas fontes estudadas: *espaço de experiência* e *horizonte de expectativas*¹² (cf. KOSELLECK, 2006). Segundo Koselleck (2006, p. 309-310): “[a] experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento [...]”. O autor ainda explica que “na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia” (KOSELLECK, 2006, p. 309-310). O modo como cada um absorve a experiência não é exato ou preciso, pois: “[...] a experiência contém recordações errôneas, que podem ser corrigidas, [...] porque novas experiências abriram perspectivas diferentes [...] também as experiências já adquiridas podem modificar-se com o tempo” (KOSELLECK, 2006, p. 312-313). Por exemplo:

Os acontecimentos de 1933 aconteceram de uma vez por todas, mas as experiências baseadas neles podem mudar com o correr do tempo. As experiências se superpõem, se impregnam umas das outras. E mais: novas esperanças ou decepções retroagem, novas expectativas abrem brechas e repercutem nelas. Eis a estrutura temporal da experiência, que não pode ser reunida sem uma expectativa retroativa. (KOSELLECK, 2006, p. 312-313).

Se por um lado a experiência se refere a eventos pretéritos, por outro, a expectativa diz respeito a eventos futuros que podem ou não acontecer, mas que, no horizonte do indivíduo, existem como potencialidade, resultante de suas próprias ações, das ações dos outros e do tempo. A expectativa:

[...] é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude,

¹² Essa terminologia é oriunda da obra *Futuro passado - contribuição à semântica dos tempos históricos* publicada em 1979. Seu autor, Reinhart Koselleck (1923-2006), foi um historiador alemão conhecido como principal fundador da História dos conceitos. A publicação de textos sobre a história intelectual e dos conceitos fez com que seu trabalho se tornasse relevante para a História das Ideias Linguísticas.

mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSSELLECK, 2006, p. 310).

Koselleck (2006, p. 313) explica que a estrutura temporal da expectativa não pode ser adquirida sem a experiência. De modo simples, pode-se ilustrar tal concepção da seguinte forma: um indivíduo que nunca estudou física ou quaisquer ciências afins estabeleceria alguma previsão científica sobre a Teoria das Cordas? Acredita-se que não, visto que tal teoria resulta de décadas de estudos complexos referentes tanto à Teoria da Relatividade Geral quanto à Mecânica Quântica. A não compreensão desses dois assuntos inviabiliza a expectativa acerca de uma teoria deles resultante. Em outras palavras, pode-se dizer, empregando os termos de Koselleck, que o horizonte demanda espaço.

Ainda que se pudesse direcionar as questões temporais desta pesquisa exclusivamente a partir das categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativas*, fez-se a opção pela terminologia empregada por Auroux (2009, p. 12): *horizonte de retrospecção* e *horizonte de projeção*. Assim, compreende-se que:

Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um **horizonte de retrospecção** (AUROUX, 1987b), assim como um **horizonte de projeção**. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. (AUROUX, 2009, p. 12, grifo nosso).

Tal escolha se dá em razão da especificidade de tal teoria, no que tange à linguística, e sua aplicabilidade adequada ao contexto estudado. Esse esclarecimento é necessário em razão da já mencionada existência de uma teorização e terminologia semelhantes no âmbito da História Intelectual (KOSSELLECK, 2006). Dado o recorte desta pesquisa, não se vê a necessidade de expor as diferenças ou grau de relevância entre as referidas terminologias e teorias (História intelectual e História das ideias linguísticas), principalmente porque se percebe entre ambas mais união que oposição de concepções, aspecto que permite complementaridade recíproca de tais ideias.

As duas categorias expostas por Koselleck (2006) estão em harmonia com as propostas por Auroux (2009); respectivamente: *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* (KOSSELLECK, 2006) / *horizonte de retrospecção* e *horizonte de projeção* (AUROUX, 2009). A exposição que se faz de ambas as terminologias tem o intuito de apontar as similaridades nas duas perspectivas sobre o mesmo aspecto teórico (*grosso modo*, passado/futuro) como o fim de ampliar a visão relativa ao objeto estudado e reforçar a justificativa do ponto de vista adotado.

Posto isso, as categorias *horizonte de retrospectção* e *horizonte de projeção* serão tratadas no que tange às concepções de gramática evidentes nas fontes saussurianas analisadas. Com o objetivo de desenvolver uma exposição mais linear do assunto, as várias informações acerca da gramática encontradas nas fontes saussurianas serão distribuídas em partes deste texto que irão tratar dessas duas categorias.

Desse modo, a divisão dos próximos capítulos terá como fundamento as categorias propostas por Aurox (2009) em vez de dedicar um capítulo exclusivo à cada uma das fontes da pesquisa. Essa opção privilegia a fluência do texto, principalmente em razão da repetição de trechos praticamente iguais em fontes diferentes. Além disso, tal estrutura favorece a noção de percurso e movimento, relevantes aos objetivos desta pesquisa. Na denominação dos capítulos, serão adicionadas duas visões saussurianas acerca da gramática, quais sejam as *divisões tradicionais de gramática* e as *divisões racionais de gramática* (cf. NORMAND, 2009, p. 99) conforme a categoria de análise correspondente.

CAPÍTULO 3: O HORIZONTE DE RETROSPECÇÃO SAUSSURIANO E AS DIVISÕES TRADICIONAIS DE GRAMÁTICA

3.1 Introdução

A interpretação acerca do percurso de uma ciência se ampara diretamente no modo como o analista se situa e apreende o mundo, isso ocorre, evidentemente, a partir de um ponto de vista subjetivo composto por crenças, princípios e ideias. A cronologia tem sua relevância na abordagem desse percurso, mas é importante destacar que “[os] conhecimentos não são eventos e, portanto, não têm datas; são as suas eventuais aparições que as têm e que datamos (AUROUX, 2006, p. 105, tradução nossa)¹³.

A esse respeito, é relevante compreender como Saussure, um analista dos estudos da linguagem de seu tempo, interpretou o que fora desenvolvido acerca da gramática até então. Isso será feito a partir da categoria *horizonte de retrospecção*. Mas antes, cabe elucidar que essa perspectiva, assim como a projeção, só pôde ser desenvolvida graças a uma abordagem epistemológica adotada por Saussure, cujas características serão expostas a seguir.

3.2 Epistemologia

Kristeva (1971, p. 3) pontua que a tradição francesa (Comte, Bachelard, Canguilhem etc.) não parecia distinguir claramente as diferenças entre filosofia da ciência, epistemologia e metodologia. Essa mesma crítica se aplica, segundo a autora, aos teóricos anglo-saxões modernos (Pap, 1962; Kaplan, 1964), percebe-se que os estudiosos traçaram diferentes bordas entre essas áreas, fato que gera divergências, sobreposições e entrelaçamentos.

À guisa de demarcação conceitual, é importante destacar que a metodologia geralmente é entendida como o estudo de princípios e métodos técnicos de pesquisa em uma disciplina concreta (KAPLAN, 1964, p. 23 apud KRISTEVA, 1971, p. 3-4); já a filosofia da ciência, que engloba a metodologia, visa fornecer uma abordagem clara e a explicação científica geral da inteligibilidade dos princípios científicos e o confronto entre esses princípios e a “experiência” (SCHEFFLER, 1963 apud KRISTEVA, 1971, p. 4). Por fim, a epistemologia é a responsável por “especificar critérios e tipos de conhecimento” (MORGENBESSER, 1967 apud KRISTEVA, 1971, p. 4), ou é entendida como “ramo da filosofia que lida com a natureza e a finalidade do conhecimento, seus pressupostos e bases, e a adequação geral dos postulados ao conhecimento” (HAMLYN, 1967; cf. BOTHA, 1971 apud KRISTEVA, 1971). Nessa tríade

¹³ Les connaissances ne sont pas des événements et donc n’ont pas de date; ce sont leurs éventuelles apparitions qui en ont et que l’on date. (AUROUX, 2006, p. 105).

conceitual, o interesse desta pesquisa concerne principalmente à última questão, haja vista o tema estudado.

Thomas Kuhn (1998, p. 20) pontua que: “Se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se em contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica”. Para ilustrar tal colocação, basta imaginar uma escada em que cada um que ascende adiciona um degrau. Contudo, essa ascendência nem sempre é tranquila, as singularidades individuais dos cientistas assim como as dinâmicas histórico-sociais de cada instituição influenciam o destino das pesquisas. Nesse prisma, historicizar uma ciência é uma tarefa muito complexa e igualmente relevante:

E a História da Ciência torna-se a disciplina que registra tanto esses aumentos sucessivos como os obstáculos que inibiram sua acumulação. Preocupado com o desenvolvimento científico, o historiador parece então ter duas tarefas principais. De um lado deve determinar quando e por quem cada fato, teoria ou lei científica contemporânea foi descoberta ou inventada. De outro lado, deve descrever e explicar os amontoados de erros, mitos e superstições que inibiram a acumulação mais rápida dos elementos constituintes do moderno texto científico. (KUHN, 1998, p. 20).

Saussure não chegou a elaborar um compêndio ou manual cujo objetivo fosse historicizar os estudos da linguagem. Contudo, ao se considerar o princípio dialógico da língua, é possível inferir que o genebrino, em seus textos e anotações, “respondia” às questões de sua época no que tange aos estudos gramaticais. Como exemplificado a seguir:

Para escapar às **ilusões**, devemos nos convencer, primeiramente, de que as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação. Mas se procurarmos apreendê-las, tomaremos contato com o real; partindo daí, poder-se-ão elaborar todas as classificações de que tem necessidade a Linguística para ordenar os fatos de sua competência. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 127, grifo nosso).

Isso permite conjecturar sobre o *zeitgeist* que orientava textos dos estudiosos da linguagem do Século XIX citados no *CLG* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 7-9): Jacob Grimm, August Schleicher, Max Müller, Franz Bopp, William Whitney dentre outros. Tal conjectura, evidentemente, está sujeita a imprecisões, visto a subjetividade do pesquisador e a intangibilidade do passado; contudo, nesse caso específico, permite entender as condições existentes para Saussure instrumentalizar uma epistemologia.

O termo epistemologia neste texto é empregado em sua acepção mais comum, ou seja, “disciplina que toma as ciências como objeto de investigação” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). Isso implica, dentre outras abordagens, “a crítica do conhecimento científico (exame dos

princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo)” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001). A partir desses pressupostos, é possível afirmar que a epistemologia dos estudos da linguagem foi um campo de interesse de Saussure, como apontam Bouquet e Engler:

O primeiro campo é uma epistemologia (entendida aqui no sentido estrito de crítica de uma ciência). Essa epistemologia se inscreve nas condições de possibilidade de uma prática científica em que Saussure era um especialista: a gramática comparada, incluindo, principalmente, o que se chamava de fonética histórica. (BOUQUET; ENGLER, 2012, p. 12).

A guinada promovida por Saussure no âmbito dos estudos da linguagem pode ser compreendida como um movimento epistemológico. É importante lembrar que tal movimento principia com a concepção saussuriana de que “é o ponto de vista que cria o objeto”; em seguida, Saussure definiu a língua como o objeto da Linguística, separou o social e o individual, remetendo-os, respectivamente, à língua e à fala. Além disso, seu movimento epistemológico incidiu sobre a linha temporal na qual se sucedem os fenômenos linguísticos, dividindo-a em diacronia e sincronia.

Em relação a essa divisão, Saussure (2006 [1916], p. 94) destacou que: “[p]oucos linguistas percebem que a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a Linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência frente a duas rotas absolutamente divergentes”. O autor pontua que a maioria das ciências ignora tal intervenção, pois o tempo não as impacta com consequências específicas. Podem ser citadas como exemplos a Astronomia e a Geologia, lembradas por Saussure, que não precisaram, em razão dessa questão temporal, dividirem-se em duas disciplinas. A Linguística, por conseguinte, não se iguala a essas ciências no que tange à prescindibilidade dessa divisão, mas sim às ciências econômicas:

Ao contrário, a dualidade de que falamos já se impõe imperiosamente às ciências econômicas. Aqui, ao inverso do que se passava nos casos precedentes, a Economia Política e a História Econômica constituem duas disciplinas claramente separadas no seio de uma mesma ciência; as obras surgidas recentemente sobre essas matérias acentuam tal distinção. Procedendo assim, obedecemos, sem nos dar totalmente conta disso, a uma necessidade interior; pois bem, é uma necessidade bastante semelhante a que nos obriga a dividir a Linguística em duas partes, cada qual com seu princípio próprio. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 94-95).

De forma bastante concisa, a abordagem diacrônica concerne à análise do desenvolvimento linguístico ao longo do tempo, ou seja, envolve um lastro mais amplo com o objetivo comum de encontrar semelhanças e diferenças no âmago de uma mesma língua ou

entre línguas diferentes. Já a sincronia diz respeito ao estudo da língua em um momento determinado: um ano, uma década ou períodos distintos. Não são duas formas excludentes, mas sim diferentes de analisar a língua ou, como destaca Eco, os códigos:

Uma pesquisa sobre os modelos da comunicação leva-nos a empregar grades estruturais para definirmos tanto a forma das mensagens quanto a natureza sistemática dos códigos (sem que a assunção sincrônica, útil para “enformar” código considerado e reportá-lo a outros códigos opostos ou complementares, exclua uma subsequente investigação diacrônica, capaz de explicar a evolução dos códigos sob a influência das mensagens e dos processos de decodificação que ocorrem ao longo da história). (ECO, 2003, p. 251).

Diacronia e sincronia são conceitos basilares do pensamento saussuriano. Isso significa que além de sustentarem outros conceitos, também contribuíram determinantemente para que o paradigma linguístico atribuído a Saussure se constituísse. O genebrino, é possível afirmar, tinha ciência da relevância desses dois conceitos, visto que ele próprio esclarece a forma como a distinção diacronia/sincronia poderia reorientar a linguística moderna, já que estabelecia outro modo de investigação além do histórico, amplamente difundido à época.

O amplo conhecimento de Saussure acerca da Gramática Comparada somado às discordâncias ao modelo fez dessa abordagem seu maior alvo, pois a conhecia internamente e podia fundamentar suas críticas. O tom de Saussure em relação ao empreendimento comparatista é de distanciamento ou, pelo menos, ao que tange às tentativas pretéritas desse segmento. Na visão retrospectiva saussuriana de gramática, destaca-se mais o raciocínio de que as gramáticas (histórica, tradicional e normativa) são incompletas ou utilizam erroneamente métodos, conceitos, ferramentas etc. Nesse sentido, não há propriamente o descarte da gramática, mas sim o olhar epistemológico de Saussure que se concentra nas *divisões tradicionais de gramática* realizadas no passado (horizonte de retrospecção) e nas *divisões racionais da gramática* (horizonte de projeção), conforme será exposto adiante.

3.3 O horizonte de retrospecção saussuriano

A noção de retrospecção foi amplamente debatida nos diversos artigos de Auroux (cf. AUROUX, 2006). O autor explica que o ato de conhecer a produção do conhecimento não se encontra alheio à temporalidade. Segundo seu exemplo (AUROUX, 2006), quando um sujeito *S*, em sua atividade cognitiva, amparado pelas habilidades adquiridas e desenvolvidas durante seu treinamento, tenta resolver um problema, ele tem um conhecimento particular presente. No entanto, esse conhecimento foi necessariamente produzido antes da atividade cognitiva em questão. Assim:

Nomeamos horizonte de retrospecção todo esse conhecimento antecedente (Auroux 1987). Um horizonte de retrospecção pode ser estruturado de várias maneiras. Conhecimento pode ser indistintamente listado como conhecimento comum. Mas ele também pode ser indexado, com autores e até datas. A existência de horizontes de retrospecção testemunha que o conhecimento está necessariamente relacionado ao tempo: não há conhecimento instantâneo, o que não significa que o objeto do conhecimento ou seu valor sejam temporais, como o relativismo mantém. (AUROUX, 2006, p. 107-108, tradução nossa)¹⁴.

Nessa mesma diretriz, Puech e Raby (2011, p. 13) elucidam que tal compreensão do horizonte de retrospecção tem origem em uma concepção não muito complexa. Consiste no entendimento de que o historiador não deve tratar o conhecimento como algo oriundo de um tempo homogêneo, desenvolvido em um ritmo regular e que avança de acordo com uma progressão geométrica.

Pode-se acrescentar a essa concepção o que se poderia chamar de “prejuízo dos ismos”. Como se sabe, por questões didáticas, dentre outras, emprega-se o sufixo *-ismo* para denotar determinadas formas de pensamento (Classicismo, Gerativismo, Subjetivismo etc.). Tal emprego tem, indubitavelmente, sua importância e operacionalidade; contudo, cria a ilusão da existência de homogeneidade ou regularidade rigorosas entre ideias em determinado período.

Assim, essa mesma ilusão se transfere a outros contextos e ao passado como um todo, ou seja, cria a impressão de um passado homogêneo e regular, concepção contrária à empregada neste texto, cuja noção de tempo consiste na: “construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006, p. 09).

A partir desses pressupostos, investigou-se o horizonte de retrospecção saussuriano no que tange à gramática. Em outras palavras, por meio das fontes estudadas, verificou-se qual foi a interpretação de Saussure acerca das concepções de gramática existentes até sua época. Na respectiva abordagem do passado, percebeu-se que o genebrino tratou de elementos vinculados às gramáticas histórica, comparada e tradicional. Em razão do número de referências ao conceito de gramática, é relevante iniciar pelo *SCLG*.

¹⁴ Nous nommons horizon de retrospection l'ensemble de ces connaissances antécédentes (Auroux 1987). Un horizon de retrospection peut être structuré de multiples façons. Les connaissances peuvent figurer de façon indistincte comme connaissances communes. Mais elles peuvent aussi être indexées, avec des auteurs, voire des dates. L'existence des horizons de retrospection témoigne de ce que la connaissance a nécessairement rapport au temps : il n'y a pas de connaissance instantanée, ce qui ne signifie pas que l'objet de la connaissance ou sa valeur soient temporelles, comme le soutient le relativisme (AUROUX, 2006, p. 107-108).

3.3.1 As subdivisões da gramática no *SCLG*

A discussão em torno da sincronia ocupa um grande espaço no *SCLG* (SAUSSURE, 1997). Saussure enfatizou que o campo sincrônico é composto de diferenças significativas, assim, falar de coisas sincrônicas ou de coisas significativas é algo análogo. Esse raciocínio acerca do campo sincrônico se vincula a diversas passagens que tratam da organização e, por conseguinte, da divisão de elementos que compõem a Linguística na perspectiva saussuriana.

Trata-se do caso, por exemplo, de capítulos como *Division interieure des choses de la linguistique* e *Divisions qu'on peut etre conduit a faire dans le champ synchronique* (SAUSSURE, 1997). Nesse sentido, o *SCLG* é o texto com mais referências às subdivisões da gramática, isso leva à conclusão de que emergiram do respectivo curso em Genebra as ideias que integrariam o capítulo do *CLG: A Gramática e suas subdivisões* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156-159). A discussão acerca dessas subdivisões é um ponto crucial para a compreensão da mudança de paradigma que Saussure propunha.

Saussure, no *SCLG*, admite a adoção da divisão racional do sincrônico em sintagmas e associações; o sincrônico, portanto, inclui a teoria de frases e a teoria das associações (SAUSSURE, 1997, p. 62). Nesse ponto, ao analisar o *CLG*, pode-se estranhar a inclusão da frase no campo sincrônico, visto que, como o próprio Saussure (2006 [1916], p. 144) afirma: “A frase é o tipo por excelência de sintagma. Mas ela pertence à fala e não à língua; não se segue que o sintagma pertence à fala?”. Em outras palavras, por pertencer à fala, a frase resulta do uso, ou seja, é individual; em oposição, a língua é social e consiste no objeto principal da linguística saussuriana. Contudo, a resposta de Saussure contraria essa expectativa: “Não pensamos assim” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 144).

Uma incoerência parece ter sido criada, mas é logo dissolvida na explanação acerca dos sintagmas. Saussure destaca que a fala se caracteriza pela liberdade de combinações, mas é questionável se todos os sintagmas são livres. Frases feitas, por exemplo, pertencem à língua e dificilmente sofrem modificação por meio do uso. Do mesmo modo, sintagmas oriundos de formas regulares são atribuídos à língua. Isso leva Saussure a reconhecer que: “no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 145).

No *SCLG*, esse debate sobre a sincronia coaduna com a discussão referente à morfologia. Saussure (1997, p. 141-142) irá questionar qual seria a natureza dessa área a partir do momento em que fora concebida como sincrônica. Além disso, interroga se tal morfologia traria uma ideia completamente diferente da ideia de gramática. O linguista genebrino explica que a gramática, por exemplo, ocupa-se das funções e formas de casos; enquanto a morfologia

estabelece o estado dessas formas. Ainda que aponte essa organização de forma lógica, Saussure afirma que tal distinção é fundamentalmente ilusória, pois não é possível separar as unidades de outro modo que não seja pela significação (SAUSSURE, 1997, p. 141-142)¹⁵.

Esse modo de compreender a morfologia diverge drasticamente da forma como a tradição até então e, quiçá, ainda hoje a compreende. Para que se possa constatar tal divergência, é relevante compreender tal concepção tradicional. Rosa (2002, p. 28) expõe a definição de gramática de Pedro Rombo (*Petrus Rombus*), feita a partir da famosa gramática latina de Juan de Pastrana (*Johãne de Pastrana*), intitulada *Thesaurus Pauperum* (Tesouro dos Pobres) ou *Speculum Puerorum* (Espelho dos Meninos). Nessa definição, é colocado que a primeira parte da gramática é voltada ao conhecimento dos vocábulos, ou seja, classifica-se cada vocábulo de acordo com uma das classes gramaticais. A segunda parte enfoca a declinação, que consiste na manutenção do início e a variação da terminação do vocábulo. A terceira parte diz respeito à construção, que se realiza de quatro maneiras: entre substantivo e adjetivo, entre relativo e antecedente, entre suposto e verbo e quando uma palavra exige que outra a suceda.

Pode-se constatar que as duas primeiras partes da gramática têm como foco o vocabulário, no que tange à classificação e à variação, apenas a terceira parte trata da construção, ou seja, à sintaxe. Nesse sentido, é perceptível que o estudo da palavra, por conseguinte, da morfologia ocupou um lugar de primazia nos estudos antigos da gramática, fato que auxiliou a promoção da indissociabilidade desses dois conceitos.

Ainda hoje a definição do lugar que a morfologia ocupa em um modelo de gramática depende “do que se toma como modelo de gramática e do que se considera o domínio da morfologia” (GONÇALVES, 2011, p. 5). Assim, não é estranho constatar o fato de o estatuto da morfologia perante as ciências da linguagem ser colocado em xeque por Saussure no início do Século XX. Contudo, apesar das dificuldades de definição, é preciso reiterar que, na tradição em que Saussure estava inserido, entendia-se que a gramática se encarregava das funções das formas e a morfologia determinava o estado dessas formas. Mesmo organizada, Saussure esclarece que essa distinção é ilusória, pois unidades como essas não podem ser separadas, exceto pelo significado que possuem.

Após tal exame do estatuto da morfologia, passa-se à lexicologia:

¹⁵ La morphologie, étant acceptée comme synchronique, qu'est ce? «Formenlehre»: on établit en français par exemple quelles sont les formes casuelles. Cette morphologie appelle<-telle> une idée tout à fait différente de la grammaire? La grammaire s'occupe des fonctions des formes casuelles par exemple; la morphologie établit l'état de ces formes. Cette distinction est illusoire au fond. On ne peut séparer les unités autrement que par la signification ou réciproquement (SAUSSURE, 1997, p. 141-142).

Também no que se refere à lexicologia. Esta classificação da gramática, esta distinção é ilusória. Por exemplo, em latim “*fio*” tem a mesma relação com *facio* que *dicor* com *dico*. As diferenças entre o que é perfeito e imperfeito são expressas na língua por certos tempos, em outros idiomas por dois verbos diferentes; esta é uma diferença gramatical e lexical (SAUSSURE, 1997, p. 142, tradução nossa)¹⁶.

Assim como a distinção gramática/morfologia, a distinção morfologia/lexicologia também é ilusória para Saussure. Reiterando o exemplo supracitado (*fio*, *facio*, *dicor* e *dico*), é possível compreender que, em síntese, isso se trata de uma diferença gramatical e também lexicológica. Em outras palavras, explica Kolde:

É lógico excluir a lexicologia da gramática? Pergunta Ferdinand de Saussure em seu *Cours de linguistique générale* e responde, a esta pergunta retórica, imediatamente em um sentido negativo: “As divisões tradicionais da gramática podem ter utilidade prática, mas não correspondem a distinções naturais e não estão unidas por nenhum elo lógico” [...]. Esta conclusão é dupla: por um lado, que numerosas relações entre unidades linguísticas são igualmente bem expressas gramaticalmente como podem ser expressas pelo método lexical. Por outro lado, ele aponta que as palavras complexas são construídas de acordo com os mesmos princípios básicos das frases. (KOLDE, 1990, p. 95, tradução nossa)¹⁷.

O estatuto da lexicologia no âmago da Linguística é um ponto muito relevante para os estudos da linguagem. De acordo com Rey-Debove (1984, p. 63), o estudo sincrônico do léxico fez emergir problemas essenciais à lexicologia. Antes do advento da abordagem sincrônica, “o lexicólogo se contentava em estudar ‘a vida das palavras’ sem nunca tentar descrever uma língua, a lexicologia ia bem. É mais fácil descrever mudanças que avaliar diferenças” (REY-DEBOVE, 1984, p. 63). Essa situação se modificou quando se tornou tarefa do lexicólogo oferecer à gramática uma descrição completa do léxico, que contemplasse o aspecto semântico e se articulasse à descrição do próprio gramático. Rey-Debove (1984, p. 63) ainda elucida que: “[i]dealmente, uma língua seria descrita se se pudesse fornecer às máquinas de traduzir o programa gramatical e lexical necessário a todas as traduções corretas e somente a elas”.

¹⁶ On parle aussi de lexicologie. Ce cote de grammaire, [51] cette distinction, est aussi illusoire. Par exemple, en latin «*fio*» se trouve avoir avec *facio* les memes rapports que *dicor* avec *dico*. Les differences entre ce qui est parfait et imparfait s'expriment dans des langues par certains temps, dans d'autres langues par deux verbes differents; c'est une difference grammaticale et lexicologique (SAUSSURE, 1997, p. 142).

¹⁷ “Est-il logique d'exclure la lexicologie de la grammaire ?” fragt Ferdinand de Saussure in seinem *Cours de linguistique générale* und beantwortet diese rhetorische Frage sogleich im negativen Sinne: “Les divisions traditionnelles de la grammaire peuvent avoir leur utilité pratique, mais ne correspondent pas à des distinctions naturelles et ne sont unies par aucun lien logique.” (de Saussure 1916/1984, 187). Er begründet diese Feststellung zweifach: zum einen damit, dass zahlreiche Beziehungen zwischen sprachlichen Einheiten ebensogut mittels grammatischer wie mittels lexikalischer Verfahren ausgedrückt werden können. Zum andern verweist er darauf, dass die komplexen Wörter nach den gleichen Grundprinzipien aufgebaut seien wie die Wortgruppen. (KOLDE, 1990, p. 95).

Saussure estava inserido em uma tradição dos estudos linguísticos que, de forma predominante, concebia a morfologia e a sintaxe como pertencentes à gramática. Nessa diretriz, a lexicologia se oporia à gramática, constituindo-se como uma área extra. Como ocorre em vários trechos do *CLG* (2006 [1916]) relativos a outros assuntos, Saussure situa a discussão em seu espaço-tempo e insere sua perspectiva em paralelo às concepções tradicionais. Essa perspectiva, no que tange à lexicologia, é compreendida nesta pesquisa como integrante do horizonte de projeção saussuriano, aspecto que será tratado mais à frente em tópico específico. Haja vista a linha temporal adotada, é importante discorrer inicialmente sobre as abordagens gramaticais tratadas por Saussure.

3.3.2 A gramática histórica

A abordagem histórica das línguas teve um papel importante no século XIX, visto que produziu diversos estudos e registros que, ainda hoje, são importantes para a elucidação de aspectos linguísticos que, possivelmente, não seriam conhecidos, a julgar pelas pesquisas relativas à mudança linguística. A maior parte desses estudos estava sob o domínio da gramática histórica, definida por Malkiel (1968) como:

[...] um arranjo formal de dados estritamente linguísticos pertencentes à estrutura e não ao léxico e vistos na perspectiva diacrônica; isto é, pressupõe pelo menos dois conjuntos paralelos de formas separadas por um período suficientemente longo de tempo para que contrastes nitidamente marcados entre formas correspondentes se cristalizem, se não em todos os casos, pelo menos em uma escala considerável. (MALKIEL, 1968, p. 72, tradução nossa)¹⁸.

Malkiel (1968, p. 73) explica que “toda gramática histórica é, por definição, comparativa”. Visto que a primeira também demanda a comparação de estágios sucessivos razoavelmente distantes de uma língua. Contudo, o inverso pode não ocorrer, ou seja, não há obrigatoriedade de uma gramática comparativa ser histórica, posto que dois sistemas autônomos podem ser colocados em confrontação apenas na perspectiva estrutural, ou seja, sem qualquer diretriz de ordem genética. O autor (1968, p. 73) usa como exemplo a abordagem sincrônica de Bally dos mecanismos do alemão e do francês contemporâneos à época.

A relação entre gramática e história pode ser situada na visão retrospectiva de Saussure. Em outras palavras, o genebrino concebia que a perspectiva histórica da gramática se colocava

¹⁸ [...] a formal arrangement of strictly linguistic data pertaining to structure rather than to the lexicon and viewed in diachronic perspective; that is to say, it presupposes at least two parallel sets of forms separated by a sufficiently extended period of time for sharply marked contrasts between corresponding forms to have crystallized, if not in every instance, at least on a considerable scale. (MALKIEL, 1968, p. 72).

no passado dos estudos da linguagem, mas, para além disso, é necessário examinar alguns trechos para que se possa extrair mais elementos dessa concepção. No *CLG*, tem-se “[...] não existe, para nós, ‘Gramática histórica’; aquilo a que se dá tal nome não é, na realidade, mais que a Linguística diacrônica” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156). Já, no *SCLG*, pode ser encontrada a seguinte afirmação “Gramática histórica não existe propriamente, porque nenhum sistema de valor é cavaleiro de várias épocas” (SAUSSURE, 1997, p. 148, tradução nossa).

Nesses trechos, é possível perceber que Saussure primeiramente trata da gramática na perspectiva adotada pela linguística histórica; em seguida, pontua a inexistência da gramática histórica e a limitação da respectiva abordagem. Pode parecer um paradoxo tais colocações, mas, ao analisar detalhadamente, percebe-se que Saussure utiliza a expressão gramática histórica mais em razão da tradição que da crença na legitimidade desse emprego. Outro ponto a destacar é que “cada obra pertence ao seu tempo” (Machado de Assis, *Helena*), assim, é preciso considerar os diferentes momentos em que as fontes saussurianas foram escritas.

Nesse sentido, Saussure reconhece a relevância da comparação entre gramáticas feitas até sua época, mas não acredita que o termo gramática seja o mais adequado para denominar essa abordagem. Para Saussure, portanto, a gramática histórica não existe, porque nenhum sistema de valores pode ser construído em épocas distintas, visto que valores são estabelecidos sincronicamente. Isso pode ser constatado quando são expostos, por exemplo, os objetivos da Linguística histórica:

Reconhecido o fato de que as línguas mudam no eixo do tempo, busca-se, então, dar a esse fato um tratamento científico, o que significa realizar, dentro de quadros teóricos definidos, descrições dos diferentes processos de mudança ocorrentes na história de uma língua ou de uma família de línguas; e, ao mesmo tempo, construir hipóteses de caráter explicativo para os fenômenos descritos, com base em pressupostos mais gerais a respeito da mudança linguística como um todo. (FARACO, 2005, p. 91).

Com base na citação anterior, é possível entender que os objetivos principais da Linguística histórica consistem na descrição e na análise das mudanças linguísticas. Tal incursão, claramente, não se aproxima do que Saussure concebia como gramática. O elemento mudança, por exemplo, só é discutido em proximidade com a questão gramatical quando o assunto é a fonética.

Como já foi mencionado, a contraposição ao termo gramática histórica se refere ao conceito de gramática empregado pelos comparatistas, mais especificamente, empregado por Franz Bopp. No prefácio de sua obra *A comparative grammar of the sanskrit, zend, greek, latin*,

lithuanian, gothic, german, and sclavonic languages [Uma gramática comparada do sânscrito, zend, grego, latim, lituano, gótico, alemão e línguas eslavas] (BOPP, 1885), Bopp assim destaca sua diretriz de trabalho:

Contemplo neste trabalho uma descrição da organização comparativa das línguas enumeradas na página de rosto [sânscrito, zend, grego, latim, lituano, gótico, alemão e línguas eslavas], compreendendo todas as características de seu relacionamento e uma pesquisa sobre suas leis físicas e mecânicas e a origem das formas que distinguem suas relações gramaticais. (BOPP, 1885, p. 05, tradução nossa)¹⁹.

Essa gramática de Bopp se organiza, em maior proporção, a partir da tradicional divisão das partes do discurso/classes gramaticais. O autor coloca em paralelo as respectivas línguas, define, como ele próprio denomina, os “graus de comparação” por meio de cada umas das classes gramaticais. Pode-se citar, como exemplo, o tratamento dado aos adjetivos:

A declinação do adjetivo não é distinta da substantiva; e se algumas formas flexionadas, que em Sânscrito e Zend pertencem apenas aos pronomes, têm, nas línguas cognatas, emergiram do círculo dos pronomes e se estenderam ainda mais, não permaneceram com os adjetivos sozinhos, mas se estenderam próprios para os substantivos também. (BOPP, 1885, p. 350, tradução nossa)²⁰.

Definir com precisão qual seria o conceito de gramática para Bopp demandaria um estudo particular, mas é possível, com auxílio de Schmitter (2000), elucidar certos aspectos relacionado ao autor. Schmitter (2000, p. 67) expõe que Bopp informou a Windischmann, em uma carta de Paris, datada de 20 de novembro de 1815, que ele pretendia “transformar os estudos linguísticos em estudos filosóficos e históricos”. Schmitter acredita que o qualificador *filosófico*, extraído da gramática geral, refere-se à estrutura gramatical das diferentes línguas que refletem especificamente as diferenciações lógicas universais.

De maneira mais geral, isso significa que Bopp não está mais interessado no que é individual, ou seja, em um idioma específico e no espírito do povo que ele reflete, mas apenas no que é geral e suas representações específicas pelo particular. De qualquer forma, além dessa mudança de perspectiva que por si só representaria uma redução na teoria romântica, não é a perspectiva <filosófica>, mas a perspectiva <histórica> que se torna de fato preponderante em Bopp [...]. O que Bopp visa, acima de tudo é, ao contrário, o desenvolvimento de um método confiável para suas análises morfológicas empíricas e, nesse sentido, ele toma como modelo as ciências naturais que são mais bem-sucedidas. (SCHMITTER, 2000, p. 67).

¹⁹ I contemplate in this work a description of the comparative organization of the languages enumerated in the title page, comprehending all the features of their relationship, and an inquiry into their physical and mechanical laws, and the origin of the forms which distinguish their grammatical relations. (BOPP, 1885, p. 05).

²⁰ The declension of the adjective is not distinct from that of the substantive; and if some inflected forms, which in the Sanskrit and Zend belong only to the pronouns, have, in the cognate languages, emerged from the circle of the pronouns, and extended themselves further, they have not remained with the adjectives alone, but have extended themselves to the substantives also. (BOPP, 1885, p. 350).

Como exposto por Schmitter, Bopp compreende a perspectiva filosófica, mas concede primazia à perspectiva histórica. Essa opção pela vertente histórica parece ser o principal alvo das críticas de Saussure, visto que no *PCLG* o genebrino chega a associar gramática à lógica filosófica, mas não faz o mesmo, nas fontes estudadas, em relação à história.

Percebe-se, em consonância com Koerner (1973, p. 299), que as ideias de Saussure evoluíram consideravelmente em vários pontos, mas também é necessário frisar que não houve, por parte do genebrino, a resolução de diversas questões. Contudo, ao se comparar os aspectos que envolvem a relação gramática e história, chega-se a uma constação análoga à de Koerner (1973, p. 299): “[é] correto que Saussure equacione diacrônico com não-gramatical e sincrônico com gramatical”. Fato que corrobora a oposição de Saussure às abordagens gramaticais de Bopp.

3.3.3 A gramática comparada

Saussure compreende a Gramática Comparada (também nomeada por ele como “Filologia comparativa”) como o terceiro período dos estudos relacionados à língua, posterior à Gramática grega e à Filologia. O autor a entende como uma abordagem científica: “É de duvidar que Bopp tivesse podido criar sua **ciência** pelo menos tão depressa sem a descoberta do sânscrito” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 8, grifo nosso). O genebrino afirma que essa abordagem se inicia a partir do momento em que se percebeu a possibilidade de comparar as línguas entre si. Essa perspectiva de estudo da língua aparecerá com frequência no debate em torno da gramática.

Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente pelo orientalista inglês W. Jones († 1794); algumas afirmações isoladas, porém, não provam que em 1816 já houvessem sido compreendidas, de modo geral, a significação e a importância da verdade. Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 8).

Pode-se compreender, a partir do trecho anterior, que Saussure relaciona diretamente Bopp à Gramática Comparada. Ainda que não atribua a este a “paternidade” da descoberta de similaridades entre o sânscrito e vários idiomas europeus e asiáticos, o genebrino reconhece o pioneirismo de Bopp quanto à percepção de que a comparação poderia configurar uma ciência

autônoma. Esse reconhecimento, entretanto, não faz Saussure desviar as críticas a Bopp, posto que não concorda em absoluto com certas opções metodológicas do respectivo autor.

Tal elucidação é necessária para que não se rotule como incoerências as diferentes concepções saussurianas sobre o tema gramática, haja vista o tratamento que o autor concede às diferentes correntes desses estudos (neogramática, gramática comparada, gramática de Port-Royal etc.). Por terem sido escritas em épocas diversas e por se tratar de um pensamento em construção, as fontes saussurianas podem apresentar ideias antagônicas entre si. Em alguns casos, nada mais são que concepções pertencentes a horizontes diferentes (retrospecção e projeção), ou seja, o que existiu e o que poderia existir.

A denominação Gramática comparada não ganha espaço no *CLG* ou nos *Cadernos*. Tal expressão cumpriu uma função importante na fase embrionária dos estudos linguísticos, mas, quando se leva em conta a divisão diacronia e sincronia, a designação *Linguística diacrônica* se torna mais coerente com essa abordagem, haja vista o aspecto histórico envolvido em tais estudos.

Quando Saussure propõe a Linguística sincrônica, fica evidente que a tarefa do linguista não é exclusivamente comparar gramáticas ou línguas; sua prática, em sentido amplo, extrapola tal método ou objetivo. A definição precisa do objeto e do método empregado em uma pesquisa era algo valioso para o genebrino, assim, seria reprovável por Saussure o ato do gramático comparativo confundir: “[...] fatos gramaticais com as regularidades históricas que surgem ao longo do tempo como resultado da gramática” (HARRIS, 1988, p. 65, tradução nossa). Para que esse aspecto seja elucidado, é relevante observar a citação a seguir:

Censurou-se à gramática clássica não ser científica; sua base, é menos criticável, e seu objeto melhor definido, o que não é o caso da linguística iniciada por Bopp. Esta, colocando-se num terreno mal delimitado, não sabe exatamente para que alvo tende. Está a cavaleiro de dois domínios, por não ter sabido distinguir claramente entre os estados e as sucessões. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97-98).

Essa crítica de Saussure incide na falta de discernimento que, segundo ele, a abordagem de Bopp evidenciava, ou seja, a não distinção entre diacronia e sincronia. Trata-se de um aspecto em meio a uma ampla discussão o que, evidentemente, não invalida a contribuição de Bopp aos estudos relacionados à língua. É preciso compreender que, geralmente, os objetivos que direcionam um projeto científico não contemplam integralmente o objeto estudado, principalmente quando tal investigação trata de algo tão amplo e heterogêneo como a língua. Além disso, há a questão do ponto de vista, muito cara a Saussure.

Essa exposição é importante para compreender algumas perspectivas na trajetória dos estudos linguísticos, pois, nas palavras de Engler:

[...] Saussure teria dado uma base linguística à gramática definindo um ponto de vista sincrônico para o estudo da linguagem; ele teria chamado de diacrônica a linguística comparativa e histórica, aceita como tal. Nesta visão, a principal contribuição de Genebra para os estudos diacrônicos é ter forjado e divulgado um termo. (ENGLER, 1988, p. 126, tradução nossa)²¹.

Auroux (2017, p. 178) lembra que a “relação entre sincronia e diacronia é difícil de ser formulada e gastou-se muita tinta”. Esse esforço de Saussure em desenvolver tais noções deixa claro a relevância de tal constructo em seu edifício teórico, assim, é coerente sua concepção se opor à abordagem de Bopp como forma de deslindar as características particulares de sua perspectiva de estudo. Da abordagem comparada ou histórica, Saussure relaciona à sua concepção de gramática apenas a questão fonética, conforme exposto a seguir.

3.3.4 Gramática e fonética

Os estudos acerca das mudanças dos sons da língua e da evolução fonética integram o horizonte de retrospectiva saussuriano e, desse modo, ocupam um lugar significativo no *CLG* dentre outras fontes. A princípio, é relevante destacar o que Saussure entende como âmbitos da fonética e da fonologia, aspecto que já evidencia a relação do genebrino com o contexto dos estudos da linguagem de sua época:

A fisiologia dos sons (em alemão *Lautphysiologie* ou *Sprachphysiologie*) é frequentemente chamada de “Fonética” (em alemão *Phonetik*, inglês *phonetics*, francês *phonétique*). Esse termo nos parece impróprio; substituímo-lo por *Fonologia*. Pois *Fonética* designou a princípio, e deve continuar a designar, o estudo das evoluções dos sons; não se deveriam confundir no mesmo título dois estudos absolutamente distintos. A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 42-43).

Esse era um campo que Saussure conhecia bastante, sua contribuição para tal área foi significativa, conforme afirma Jakobson (1962, p. 232): “[o] conceito do fonema foi delineado pela primeira vez nas obras de Baudouin de Courtenay e F. de Saussure [...]”. Saussure conhecia

²¹ Ensuite Saussure aurait donné un fondement linguistique à la grammaire en définissant un point de vue synchronique pour l'étude de la langue; il aurait appelé diachronie la linguistique comparative et historique, acceptée telle quelle. Dans cette vue, le principal apport de Genève aux études diachroniques est d'avoir forgé et divulgué un terme. (ENGLER, 1988, p. 126).

os trabalhos de Baudouin de Courtenay (1845-1929) assim como os de vários outros estudiosos de sua época, conforme destaca Joseph:

Saussure passa em revista os nomes daqueles que adicionaram cada um a sua pedra ao edifício do estudo da linguagem: entre os romanistas, Gaston paris, Paul Meyer e Hugo Schuchardt; entre os Eslavistas, Baudouin de Courtenay e Kruszewski; entre os germanistas, Hermann Paul sozinho²². (JOSEPH, 2012, p. 377).

O amplo conhecimento de Saussure acerca da fonética e da fonologia é expresso em vários capítulos do *CLG*. Dentre eles está o capítulo denominado *Consequências gramaticais da evolução fonética* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 178), no qual são apresentadas várias passagens que destacam a dificuldade de se estabelecer as causas das mudanças fonéticas e a respectiva relação com a gramática. Saussure discute muitas dessas possíveis causas: fator geográfico, lei do menor esforço, influência entre gerações etc. Ainda que o autor reconheça, por exemplo, a importância da lei do menor esforço e da mudança de gerações, essa incursão não faz com que o genebrino chegue a um resultado definitivo. Como exposto a seguir:

O fenômeno fonético é, outrossim, ilimitado e incalculável no sentido de que afeta qualquer espécie de signo, sem fazer distinção entre um adjetivo, um substantivo etc., entre um radical, um sufixo, uma desinência etc. Isso tem de ser assim a priori, pois se a gramática interviesse, o fenômeno fonético se confundiria com o fato sincrônico, coisa radicalmente impossível. Isto é o que se pode chamar de caráter cego das evoluções de sons. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 176).

Nesse sentido, Saussure conclui que as mudanças fonéticas são ilimitadas e que tal fenômeno é condicionado pela arbitrariedade do signo, porém de forma desassociada ao significado e à gramática.

Tal restrição, porém, não apaga todas as dificuldades. A evolução de um fato de gramática qualquer, grupo associativo ou tipo sintagmático, não é comparável à de um som. Não é simples, decompõe-se numa porção de fatos particulares, dos quais somente uma entra na Fonética. Na gênese de um tipo sintagmático como o futuro português tomar *ei*, que se tornou tomarei, distinguem-se no mínimo dois fatos, um psicológico a síntese dos dois elementos do conceito e outro fonético e dependente do primeiro - a redução dos dois acentos do grupo a um só (*tomár êi* - *tomarêi*). (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 165).

²² Saussure passes in review the names of those who have each added their stone to the edifice of the study of language: among Romanists, Gaston paris, Paul Meyer and Hugo Schuchardt; among Slavicists, Baudouin de Courtenay and Kruszewski; among Germanists, Hermann Paul alone (JOSEPH, 2012, p. 377).

A desassociação entre forma e significado evidencia que a evolução do signo linguístico não se resume apenas ao aspecto fonético da língua. De fato, Saussure não ignora que as mudanças fonéticas afetam as formas gramaticais; por outro lado, tais formas contrabalanceiam as mudanças fonéticas por meio da analogia. A analogia age como uma força centrípeta, ou seja, puxa o signo para o centro da gramática, pois tende mais à unificação que à diferenciação. A analogia, assim, não resulta da evolução dos sons, mas sim do sistema linguístico, como exemplificam as palavras compostas sob sua influência, nas quais atuam as relações sintagmáticas e associativas. Há também os casos em que tanto fonética quanto analogia operam, como o próprio Saussure demonstra:

A flexão do verbo forte germânico (tipo alemão moderno *geben, gab, gegeben* etc., cf. grego *lipo, élipon, léloipa* etc.), se funda em grande parte no jogo metafônico das vogais radicais. As alternâncias [...], cujo sistema era bastante simples na origem, resultam sem dúvida de um fato puramente fonético, entretanto, para que tais oposições assumam tamanha importância funcional, foi mister que o sistema primitivo da flexão se simplificasse por uma série de processos diversos [...]. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 165).

Essa concomitância não é a regra, pois: “[u]ma primeira consequência do fenômeno fonético é a de romper o vínculo gramatical que une dois ou vários termos [...] Assim, ocorre que uma palavra não seja mais sentida como derivada da outra” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 178). A ideia de Saussure de que há uma tendência dos fenômenos fonéticos em quebrar o vínculo gramatical demarca o caráter diacrônico dos estudos fonéticos e o caráter sincrônico da gramática. Outra perspectiva gramatical importante tratada por Saussure é a tradicional.

3.3.5 A gramática tradicional

Os gramáticos ditos tradicionais, em sua maior parte, se ocuparam de constituir regras e normas voltadas principalmente à escrita. Isso era feito com o objetivo de determinar o certo e o errado, seja na literatura ou na comunicação de um modo geral. Saussure é bastante crítico ao que ele próprio denomina *gramática tradicional*. Segundo o autor, tal vertente negligencia partes relevantes da língua (a significação, por exemplo). Além disso, “é normativa e crê dever promulgar regras em vez de comprovar os fatos; falta-lhe visão do conjunto; amiúde, ela chega a não distinguir a palavra escrita da palavra falada [...]” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97-98). Trocar a elaboração e prescrição de regras pela racionalização da gramática consiste, de fato, como se verá mais adiante neste texto, na “sincronização” da gramática, movimento que substitui, nesse ponto preciso, a prescrição pela sistematização.

Como destaca Pereira (2001, p. 371), o que se entende por língua, linguagem e gramática, atualmente, teve como ponto inicial as considerações acerca de fenômenos linguísticos estudados a partir da escrita, tal aspecto trouxe certa artificialidade a tais fenômenos, visto o fato da língua não se resumir à escrita. Os textos antigos (gregos ou romanos) estudados eram produções dos poetas clássicos. Essas obras, em razão do grande valor artístico que representavam, eram compreendidas como modelos para o uso correto e prestigiado da língua.

De qualquer maneira, em seu conjunto, foram esses estudos, iniciados pelos gregos como uma reflexão sobre a natureza da linguagem, que passaram a posteridade, embora bastante modificados - em grande parte por obra de autores latinos - como a busca do estabelecimento de uma norma, que visava ao mesmo tempo sobrepujar outras tantas normas possíveis e fixar um modelo, abstrato, que a elas pudesse servir de referência, procurando escapar as mudanças operadas pelo tempo sobre as línguas, com todas as consequências daí decorrentes. (PEREIRA, 2001, p. 371).

Como é possível perceber, os objetivos da gramática na antiguidade não eram nebulosos. Consegue-se compreendê-los ao folhear um ou mais capítulos de textos acerca do assunto. Para Saussure, esse aspecto criava uma significativa diferença em comparação à proposta de Bopp que, segundo o genebrino, confundia perspectivas antagônicas (diacronia/sincronia).

Saussure (2006 [1916], p. 97-98) acrescenta que a “gramática antiga” considerava somente o fato sincrônico, já a Linguística trouxe à tona novos fenômenos; contudo, ainda restava expor mais explicitamente a oposição das duas ordens, sincrônica e diacrônica, na tentativa de explorar todos os resultados que emanam de tal oposição.

Seja, por exemplo, a distinção entre as partes do discurso: em que repousa a classificação das palavras em substantivos, adjetivos etc.? Faz-se em nome de um princípio puramente lógico, extralinguístico, aplicado de fora à gramática, como os graus de longitude e de latitude ao globo terrestre? Ou corresponde a algo que tenha seu lugar no sistema da língua e que seja condicionado ela? Numa palavra, trata-se de uma realidade sincrônica? Esta segunda suposição parece provável, embora se possa defender a primeira. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 127).

Ao questionar a segmentação das partes do discurso, Saussure (2006, p. 127) toma como exemplo uma expressão em francês, *ces gants sont bon marché* [estas luvas são baratas], questiona se *bon marché* é um adjetivo; de fato, o sentido atribuído, logicamente, é esse. Contudo, gramaticalmente, a questão é difusa, visto que o funcionamento de *bon marché* não é próprio de um adjetivo, já que é invariável e nunca se apresenta diante de um substantivo. Acresce-se a isso outro aspecto que diz respeito ao fato de se tratar de duas palavras que, a

rigor, pertencem a classes distintas, respectivamente adjetivo e substantivo. Daí advém uma problemática: não caberia justamente à divisão das partes do discurso a categorização das palavras da língua em classes distintas? Ou seja, “como pode um grupo de palavras ser atribuído a uma dessas partes? [...] a distinção das palavras em substantivos, verbos, adjetivos etc., não é uma realidade linguística inegável” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 127).

A imprecisão da classificação das palavras em partes do discurso poderia ser entendida como um problema exclusivo da gramática tradicional e, por conseguinte, os linguistas não teriam que se preocupar ou se envolver com tal assunto; contudo, como expõe Saussure (2006, p. 127): “[...] a Linguística trabalha incessantemente com conceitos forjados pelos gramáticos [...]”.

Ao afirmar que a Linguística trabalhou predominantemente com conceitos originalmente introduzidos pelos gramáticos, Saussure tem em mente o sistema tradicional de partes do discurso e a terminologia que, possivelmente, remonta às ideias atribuídas a Dionísio da Trácia. Tal inferência se consubstancia no fato de ser este autor, juntamente com sua obra, reconhecidamente influente entre os gramáticos ocidentais. Como disposto a seguir, os conteúdos tratados por ele podem ser facilmente reconhecidos até nas gramáticas mais modernas:

Quadro 3 - Partição da *Arte* de Dionísio da Trácia

Partição da <i>Arte</i> de Dionísio da Trácia	
1ª PARTE: partes da gramática (cap. 1-4) 1. leitura (cap. 2-4) 1.1. interpretação (cap. 2) 1.2. tom (cap. 3) 1.3. ponto (cap. 4) EXCURSO: rapsódia (cap. 5) 2ª PARTE: partes da oração (cap. 6-20) 1. partes não-significativas (cap. 6-10) 1.1. elemento (cap. 6) 1.2. sílaba (cap. 7) 1.2.1. sílaba longa (cap. 8) 1.2.2. sílaba breve (cap. 9) 1.2.3. sílaba comum (cap. 10)	2. partes significativas (cap. 11-20) 2.1. palavra (cap. 11) 2.1.1. nome (cap. 12) 2.1.2. verbo (cap. 13) 2.1.2.1. conjugação (cap. 14) 2.1.3. particípio (cap. 15) 2.1.4. artigo (cap. 16) 2.1.5. pronome (cap. 17) 2.1.6. preposição (cap. 18) 2.1.7. advérbio (cap. 19) 2.1.8. conjunção (cap. 20)

Fonte: Martinho (2007), adaptado.

Dionísio da Trácia (170 a.C. - 90 a.C.) foi um gramático helenístico, a quem é atribuída por muitos estudiosos a primeira gramática existente do grego, a *Tékhnē grammatiké*, ainda que muitos pesquisadores questionem tal autoria. Em sua obra, Dionísio ocupa-se, principalmente, em realizar uma descrição morfológica do grego; em contrapartida, não toma a sintaxe da respectiva língua como objeto. Também é atribuída a ele a definição de gramática como sendo

o conhecimento prático dos usos gerais de poetas e escritores de prosa. Nesse sentido, pode-se inferir que o objetivo central de Dionísio em sua *Tékhnē* era criar condições para o ensino da literatura clássica grega para um público que falava somente a forma coloquial desse idioma.

De toda forma, se o manual de DT [Dionísio da Trácia] em si não é o único modelo de difusão do gênero 'gramática escolar' é, sem dúvida um bom representante do formato. E se não é, de fato, a primeira gramática do Ocidente, se não assume o *status* de criador de uma ciência ou gênero, é o manual que mais influencia, e de modo definitivo, a prática gramatical do Ocidente, desde os primeiros gramáticos latinos (cf. LAW, 1995). (CHAPANSKI, 2003, p. 179).

As partes da oração, na gramática de Dionísio, são oito: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção. Os exemplos dados por Saussure quando questiona as classificações gramaticais são predominantemente de origem morfológica, o que poderia reforçar a hipótese de sua referência à *Tékhnē* e/ou à sua herança; contudo é necessário frisar que:

As classes de palavras, inicialmente chamadas partes do discurso, foram criadas paulatinamente. Assim: a) a Protágoras, sofista do séc. V a .C., deve-se a distinção dos 3 gêneros em grego; b) a Platão (429-347 a.C) deve-se a distinção entre substantivos x verbos (verbo + adjetivo); c) a Aristóteles (384-322 a.C) deve-se o acréscimo das conjunções e a introdução do 3º gênero, o intermediário, o que era chamado de nomes de “muitas coisas” (Protágoras); resultou no gênero neutro; criação da categoria de “tempo” no verbo presente e passado; d) aos estoicos deve-se o acréscimo do “artigo”, e a divisão do substantivo em: próprio/comum; e) aos alexandrinos a criação de “paradigmas” ou “cânones” de flexão; f) a Dionísio da Trácia, autor da 1ª gramática grega deve-se a adição do “advérbio”, do “particípio”, “pronome” e “preposição”. (GURPILHARES, 2004, p. 47).

Nesse sentido, o posicionamento de Saussure é contrário a uma extensa tradição que dificilmente pode ser considerada homogênea e simples. Posto isso, pode-se inferir que o linguista genebrino resume de forma simplista os trabalhos que compreendem essa tradição. Do mesmo modo, pode-se questionar como um estudioso conhecedor das mais diversas publicações sobre as gramáticas das línguas antigas (grego, latim, gótico, sânscrito etc.) e modernas (francês, inglês, português etc.) incorreria em tal simplificação. Sobre isso, Harris pontua que:

Suas generalizações sobre a história da gramática são amplas e sua assimilação da ‘gramática tradicional’ à gramática normativa (CLG: 118) é bruta. Mas seria loucura atribuir essas deficiências à ignorância de Saussure, como às vezes foi sugerido: um estudioso que passou toda a sua carreira no campo dos estudos indo-europeus e

estava igualmente à vontade com os gramáticos do sânscrito, da Grécia e Roma, é improvável que não conheceram melhor. (HARRIS, 1988, p. 64, tradução nossa)²³.

Uma resposta possível se relaciona ao movimento epistemológico que Saussure instaurou. Nesse processo, o genebrino poderia ter assimilado, nos termos de Harold Bloom (BLOOM, 1991), a angústia da influência. Sabe-se que Bloom emprega esse conceito no âmbito literário para tratar a busca dos autores por originalidade em face da influência do cânone; contudo, no que tange à autoria, de um modo geral, é possível fazer tal analogia. É difícil imaginar que Saussure estivesse indiferente à influência da tradição gramatical, aliás, citá-la com tanta frequência já diz muito sobre tal relação.

Desse modo, é importante destacar que a referida influência pode ter desenvolvido em Saussure uma espécie de desconforto, resultante da pressão subjetiva criada por antecessores. Tal pressão poderia gerar tanto um comodismo perante ideias já consolidadas quanto a necessidade, por discordância ao paradigma vigente, de se opor à tradição (cf. BENVENISTE, 1964)²⁴. Como já exposto, no que tange à gramática, a segunda opção foi adotada por Saussure. Assim:

As observações desdenhosas de Saussure sobre a gramática devem ser interpretadas como parte de uma polêmica que desenha sua lógica da própria revolução 'copernicana' de Saussure em linguística e deve ser comparada com o que Saussure propõe como a maneira correta de visualizar a gramática. (HARRIS, 1988, p. 64, tradução nossa)²⁵.

De maneira mais precisa, a atitude de Saussure se encaixaria na esfera que Bloom (1991) denomina *Tessera*, ou seja, uma atitude baseada em conclusão e antítese. Nesse caso, o autor elabora o trabalho de um precursor, mantendo os conceitos e as ideias deste, mas modifica o sentido de ambos e afirma que o antecessor não conseguiu ou não pôde desenvolver suficientemente a temática quando dela se ocupou. O antecessor, nesse ínterim, como já

²³ His generalisations about the history of grammar are sweeping and his assimilation of 'traditional grammar' to normative grammar (CLG: 118) is crude. But it would be folly to put these shortcomings down to Saussure's ignorance, as has sometimes been suggested: a scholar who had spent his entire career in the field of Indo-European studies, and was equally at home with the Sanskrit grammarians as with those of Greece and Rome, is unlikely to have known no better. (HARRIS, 1988, p. 64).

²⁴ Nesse texto de Benveniste são expostas diversas informações acerca dos dez anos (1881-1891) que Saussure lecionou gramática comparativa na Escola de Altos Estudos em Paris. Um ponto a ser observado é a forma como o genebrino elaborou suas aulas: "Na maioria das vezes, a gramática comparativa da época ainda era apenas um conjunto de correspondências entre formas tomadas sem distinção de todas as línguas da família. Saussure, pelo contrário, confronta os dialetos apenas para destacar os caracteres próprios de uma língua específica, o gótico. Portanto, restaura a individualidade da língua, contra a tendência de dividi-la em correspondências detalhadas (BENVENISTE, 1964, p. 29).

²⁵ Saussure's dismissive observations about grammar have to be construed as part of a polemic which draws its rationale from Saussure's own 'Copernican' revolution in linguistics, and must be set against what Saussure proposes as the right way to view grammar. (HARRIS, 1988, p. 64).

exposto, é toda uma tradição gramatical, inclusas aí Gramática Tradicional, Neogramática e Gramática Comparada. É preciso destacar, conforme já exposto neste texto, que as concepções de Saussure superam a mera discordância, pois elencam aspectos epistemológicos coerentes e sistemáticos.

Sobre a gramática histórica, conforme já tratado neste texto, Saussure é enfático ao delimitar o emprego do termo, propondo uma nomenclatura diferente: “[a] Gramática estuda a língua como um sistema de meios de expressão; quem diz gramatical diz sincrônico e significativo, e como nenhum sistema está a cavaleiro de várias épocas ao mesmo tempo, não existe, para nós, ‘Gramática histórica’” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156). Para o genebrino tal perspectiva da gramática, como já exposto, deveria ser denominada Linguística diacrônica.

Nossa definição não concorda com aquela, mais restrita, que dela se dá geralmente. É, com efeito, à morfologia e à sintaxe reunidas que se convencionou chamar de Gramática, ao passo que a lexicologia ou ciência das palavras foi dela excluída. Mas, em primeiro lugar, tais divisões correspondem à realidade? Estão em harmonia com os princípios que acabamos de formular? (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156).

A discussão acerca dessas divisões foi um tema caro ao genebrino e consiste na pedra fundamental do horizonte de retrospectiva saussuriano no que tange ao tema gramática. As divisões tradicionais da gramática juntamente com as partes do discurso representam a maior herança dos estudos da linguagem realizados na Antiguidade e na Idade Média. Saussure não poderia ser indiferente a essa tradição, pois, como demonstra Engler:

[...] Saussure gostava de dissertar sobre as subdivisões da gramática em geral [...] e usa estas categorias em observações sobre a tipologia da linguagem. Ele não fala mais de semântica ou morfologia, mas de lexicologia e gramática - no sentido estrito da morfossintaxe - e joga com a mesma antítese: “posso dizer que as línguas em que a imotividade está a seu máximo [...] são mais lexicológicas, e aquelas em que está ao mínimo, são mais gramaticais” [...] (ENGLER, 1973, p. 38-39, adaptado, tradução nossa)²⁶.

Percebe-se que Saussure emprega a divisão tradicional gramática/lexicologia, mas faz essas noções trabalharem a favor de sua teoria. Especificamente, tratou, nesse ponto, de incluir

²⁶ L'opposition des deux disciplines, dans la définition, mène à un autre raisonnement si nous nous rappelons que Saussure se plaisait à dissertar sur les subdivisions de la grammaire au sens large - (CLG/E 2125 ss.: II) et se sert de ces catégories dans des remarques sur la typologie de la langue (2108 ss.: III). Il ne parle plus alors de sémantique ni de morphologie, mais de lexicologie et de grammaire - au sens étroit de morphosyntaxe 13 - et joue sur la même antithèse: «on pourra dire que les langues dans lesquelles l'immotivité est à son maximum [...] sont plus lexicologiques, et que celles où il est à son minimum sont plus grammaticales » (CLG/E 2117: III D); (une foule de rapports qui sont exprimés par des moyens grammaticaux peuvent être exprimés par des moyens lexicologiques [...]) » (ENGLER, 1973, p. 38-39).

essas duas noções no debate mais amplo da arbitrariedade do signo ('imotividade'). Em outras palavras, assim como se verá com outros conceitos oriundos da tradição gramatical, há um movimento centrífugo em relação à terminologia tradicional para, em seu lugar, inserir aspectos da sincronia. De forma análoga, a gramática normativa será tratada nas fontes saussurianas.

3.3.6 A gramática normativa

A gramática normativa está relacionada às regras oriundas da norma padrão de uma língua. A partir dessas regras, busca-se separar as formas ditas corretas das incorretas. Em outras palavras, essa vertente da gramática prescreve o modo considerado correto de falar ou escrever. No que tange à concepção saussuriana, o principal trecho referente ao assunto é o seguinte:

Qualquer gramática tradicional é uma gramática normativa, isto é, dominada pela preocupação de elaborar regras para distinguir entre uma linguagem dita correta e outra dita incorreta, o que exclui, desde o início, uma visão mais elevada do que é o fenômeno da linguagem como um todo. (SAUSSURE, 1993, p. 1, tradução nossa)²⁷.

A partir desse trecho é possível compreender que, para Saussure a gramática, em sua vertente normativa, não faz parte da Linguística e tem como objetivo traçar normas para o uso entendido como correto da língua. Saussure, com a expressão “fenômeno da linguagem como um todo”, permite entender que a gramática não teria o mesmo objeto que a Linguística ou a Semiologia.

Tal fato não invalida evidentemente essa vertente da gramática como disciplina, só torna compreensível que entender a gramática normativa como a única abordagem possível de análise da língua significa colocar à parte uma gama considerável de fenômenos linguísticos, imprescindíveis à tentativa de compreensão integral da língua.

Harris (1988, p. 65) resume a visão de Saussure acerca do assunto da seguinte forma: “A gramática normativa confunde fatos gramaticais com juízo de valor baseada nesses factos [...]”. Nesse sentido, a cientificidade almejada pelo genebrino não poderia entrar em consonância com juízos de valor, devido à subjetividade latente dessa forma de interpretação dos fatos linguísticos.

²⁷ Toute la grammaire traditionnelle est une grammaire normative, c'est-à-dire dominée par la préoccupation de dresser des règles, de distinguer entre un certain langage dit correct et un autre dit incorrect, ce qui exclut depuis le principe une vue supérieure sur ce qu'est le phénomène de la langue dans son ensemble (SAUSSURE, 1993, p. 1).

Harris (1988, p. 64), ao abordar as diversas referências à gramática no *CLG*, compreende diferenças nos objetivos de cada crítica elaborada por Saussure às abordagens gramaticais tradicionais, quais sejam: 1) há trechos cujo foco de Saussure consiste em apontar que o único objetivo da gramática é fornecer regras que propiciem distinguir as formas corretas das incorretas e criticar a abordagem da gramática como não científica, nesses trechos seu alvo é a *gramática normativa*; 2) há passagens em que ele nega a realidade da 'gramática histórica', seu alvo, neste caso, é o *conceito de gramática* adotado pelos comparatistas e respectivos sucessores; 3) por fim, quando Saussure aponta que a linguística 'está sempre trabalhando com conceitos introduzidos originalmente pelos gramáticos', ele tem em mente o sistema tradicional de partes do discurso (Antiguidade Clássica) e a terminologia associada que remonta ao gramático Dionísio da Trácia.

Pode-se, assim, estipular três contextos teóricos que compunham o horizonte de retrospecção saussuriano e sobre os quais ele direcionou suas críticas: *domínio gramatical*, *conceito de gramática* e *terminologia gramatical tradicional*. Esses três tópicos, como se percebe, vinculam-se à gramática tradicional e à gramática normativa que parecem se amalgamarem como um mesmo alvo das críticas, até porque seria difícil separá-las de forma inequívoca. É importante lembrar que tais perspectivas não são as únicas abordadas por Saussure. Deve-se incluir na discussão a abordagem lógica da gramática, que recebeu um tratamento diferente, como exposto a seguir.

3.3.7 Gramática, lógica e o *PCLG*

Em seu texto referente à noção de linguística geral, Auroux (1988, p. 45-46) expõe um aspecto interessante acerca de uma vertente da gramática. Segundo ele, quando Antoine Meillet (1866-1936) procurou definir o conceito de linguística geral, reservou para esta disciplina o lugar antes ocupado pela antiga gramática geral. Para Meillet (1926, p. 15 apud AUROUX, 1988, p. 45-46), a antiga gramática geral caiu em descrédito porque se resumiu a uma aplicação desajeitada da lógica formal à linguística, na qual as categorias lógicas não têm efeito.

Ainda sobre a relação lógica e gramática, Auroux (1988, p. 53) cita Hermann Paul que, objetivamente, afirma “Não há congruência completa das categorias lógicas e gramaticais”. Apesar dessas considerações, Auroux (1988, p. 53) destaca que nenhum dos comparatistas realmente entendia o que era a lógica formal ou em que a gramática geral era estranha a esse campo da filosofia.

O autor (AUROUX, 1988, p. 53) acrescenta que nenhum desses autores tinha uma ideia clara das mudanças feitas nessa vertente da gramática ao longo do século XIX. Auroux destaca

que possivelmente Hjelmslev foi o primeiro linguista que possuiu um significativo conhecimento da cultura lógica. Nesse sentido, a crítica à gramática geral feita por esses linguistas se fundamentava em nada além de um conhecimento superficial. Nas fontes saussurianas, analisadas neste texto, não há de fato uma reflexão detalhada que coloque em paralelo lógica e gramática, as poucas existentes se resumem a asserções não muito precisas.

No contexto da Grécia Antiga, a lógica surgiu como disciplina por meio das ideias de Aristóteles, especificamente a partir do *Órganon* (ARISTÓTELES, 2016). Essa obra é um conjunto de livros, desse modo, suas várias partes têm focos distintos: termos/conceitos, enunciados, raciocínio (silogismos) etc. Os livros *Categorias* e *Da interpretação* são os que mais apresentam similaridades de conteúdo com a gramática tradicional.

No início de *Categorias*, por exemplo, há uma discussão semântica: “As coisas são chamadas de sinônimas quando não só têm o mesmo nome, como este nome significa o mesmo em cada caso, apresenta a mesma definição correspondente (ARISTÓTELES, 2016, p. 39)”. Já em *Da interpretação*, discorre-se sobre aspectos relacionados às classes gramaticais, fonologia e escrita:

Principiemos por definir o nome e o verbo e, em seguida, explicar o que se entende por negação, afirmação, sentença e proposição. Os sons emitidos pela fala são símbolos das paixões da alma, [ao passo que] os caracteres escritos [formando palavras] são os símbolos dos sons emitidos pela fala. (ARISTÓTELES, 2016, p. 85).

Em síntese, pode-se afirmar que *Categorias* é um estudo sobre os termos tomados individualmente (*homem, branco, corre ou vence*) e *Da interpretação* é um estudo sobre os enunciados (*O homem é branco, O homem não é branco*). Em outras palavras, são partes complementares similares às partes da gramática (morfologia, sintaxe, fonologia etc.).

É importante destacar que os estudos da lógica e da gramática faziam parte do currículo medieval, ambos presentes no *Trivium*. Esse termo denomina o conjunto de três matérias lecionadas nas universidades durante à Idade Média, quais sejam: lógica, gramática e retórica. Portanto, é formado de três das sete artes liberais, por conseguinte, as quatro restantes (aritmética, geometria, astronomia e música) constituem o *Quadrivium*. Interessante observar, nesse arranjo, o conjunto em que a gramática fora inserida, ou seja, ao lado da lógica.

Na história dos estudos da linguagem, a abordagem que mais se destaca pela aproximação entre lógica e gramática é a realizada em Port-Royal, referência ao monastério

jansenista de Port-Royal-des-Champs, onde trabalhavam Antoine Arnauld e Claude Lancelot, autores d'*A Gramática de Port-Royal*²⁸.

Joseph (2012, p. 80, tradução nossa) expõe que “[g]ramáticos tomaram posições correspondentes às dos filósofos. A visão pós-cartesiana da relação entre linguagem e mente deu origem a projetos para a escrita de uma ‘gramática geral’ na França do século XVII”²⁹. Um desses projetos, como já mencionado, foi a Gramática de Port Royal, que se tornou um trabalho bastante conhecido e relevante desse período.

Como os próprios autores d'*A Gramática de Port-Royal* (ARNAULD; LANCELOT, 1992) definem: “*La Grammaire est l'art de parler*” [A gramática é a arte de falar]. Falar pressupõe sequência de palavras, ou seja, proposição. Colombat et al (2017, p. 175) expõe que:

A gramática de Port-Royal coloca a proposição, poderíamos dizer, a frase simples, no centro das preocupações do gramático [...]. Ela se torna um objeto de análise, e isso, se não é novo, é, ao menos, o resultado de uma mudança de perspectiva, de um deslocamento das problemáticas abordadas pela gramática (COLOMBAT et al, 2017, p. 175).

De fato, não é possível afirmar que a gramática de Port-Royal inaugura os estudos relativos à frase, mas é digno de nota que tal abordagem revigora os estudos gramaticais, centrados até então, predominantemente, no estudo da palavra isolada. A relação entre essa gramática e o *CLG* é exposta por Médina: “[c]om o *CLG* encontramos: a tradição introduzida pela gramática geral ou filosófica de Port-Royal; a necessidade de uma ciência para apontar para o geral, além de peculiaridades” (MÉDINA, 1978, p. 22, tradução nossa)³⁰.

No *CLG*, assim como nos *Cadernos*, Saussure enaltece a visão sincrônica, aspecto já incipiente na gramática de Port-Royal. Vale lembrar que essa característica coaduna com a lógica, contexto no qual o histórico não tem primazia. Como se sabe, a história não interfere nas relações lógicas, isso fica claro no exemplo do jogo de xadrez. Essa metáfora do jogo está presente em diversas fontes saussurianas, mas a referência à lógica é desenvolvida de forma mais direta no *PCLG*.

²⁸ Título original em francês: *Grammaire générale et raisonnée contenant les fondemens de l'art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle*.

²⁹ Grammarians took positions corresponding to those of the philosophers. The post-Cartesian view of the relationship between language and mind gave rise to projects for the writing of a 'general grammar' in seventeenth-century France (JOSEPH, 2012, p. 80).

³⁰ Avec le *CLG* nous retrouvons: la tradition introduite par la grammaire générale ou philosophique de Port-Royal; la nécessité pour une science de viser le général, au-delà des particularités. (MÉDINA, 1978, p. 22).

A aproximação entre gramática e lógica, a partir da visão saussuriana, faz pensar se na perspectiva filosófica houve alguma ação similar, ou seja, se a gramática fora tratada no âmbito filosófico. Chomsky destaca um aspecto importante acerca disso:

A Gramática de Port-Royal e a Lógica, surgiram por volta de 1660, em parte sob a influência cartesiana, em parte sob a influência da gramática renascentista [...]. Sob essas influências, ideias interessantes foram desenvolvidas, incluindo o conceito de sentido e referência, fundamental para a lógica e a matemática modernas, redescoberto por Frege. (CHOMSKY, 1997, p. 145).

Nessa citação, é importante destacar a referência feita a Friedrich Ludwig Gottlob Frege. Ele foi um filósofo e matemático alemão que viveu entre os anos de 1848 e 1925. Frege é considerado um dos autores mais importantes da lógica e, para além de seu campo de atuação, tornou-se bastante citado em linguística graças a sua teoria do *sentido* e da *referência*, relevante para algumas concepções da semântica e da pragmática.

Outro filósofo relevante ao tema em questão foi Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938). O autor, que se notabilizou no desenvolvimento da fenomenologia, investigou diversos aspectos relacionados à significação. Acerca disso, Herman Parret faz uma aproximação interessante em torno do tema gramática e sua relação com a lógica. O autor aproxima ideias saussurianas a concepções de Husserl:

Ainda assim, a mais pura oposição ao confronto das teorias husserlianas e saussurianas da linguagem é a da expressão e articulação. A linguagem como expressão é o objeto da pura gramática lógica; o signo como uma expressão está sujeito ao impacto da forma significativa. A linguagem como articulação, ao contrário, é um objeto da gramática estrutural de inspiração saussuriana; o signo como signo submete o significado à formatação linguística. (PARRET, 1973, p. 84, tradução nossa)³¹.

Parret (1973, p. 96) ainda explica que a *forma* de Saussure é uma *forma* do signo linguístico, e a de Husserl é a *forma* do significado linguístico. Trata-se, portanto, de uma linha discernente muito tênue, aliás, esse é um denominador comum a que se chega quando se compara as abordagens lógicas às abordagens estruturais da gramática.

³¹ Reste que l'opposition la plus pure qui se révèle à la confrontation des théories husserlienne et saussurienne du langage est celle de l'expression et de l'articulation. La langue comme expression est l'objet de la grammaire logique pure; le signe comme expression y est soumis à l'impact de la forme significative. La langue comme articulation, au contraire, est objet de la grammaire structurale d'inspiration saussurienne; le signe comme signe y soumet la signification à la mise en forme linguistique (PARRET, 1973, p. 84).

De modo mais específico, no que tange à gramática, um exemplo da existência do paralelismo entre áreas de pesquisa, no século XX, são os trabalhos de Quine (1908-2000)³² que, no sumário e nos capítulos 1 e 2 de seu *Philosophy of logic* (QUINE, 1986), discorre sobre aspectos fundamentais no que se refere à lógica e à linguagem. De forma mais específica, discute a relação existente entre lógica e gramática, tendo em paralelo a definição de verdade: “Visto que a lógica é o resultado de dois componentes, verdade e gramática, tratarei a verdade e a gramática com destaque. Mas argumentarei contra a doutrina de que as verdades lógicas são verdadeiras por causa da gramática ou por causa da linguagem” (QUINE, 1986, p. 07, tradução nossa)³³.

Por compreender a lógica como resultante dos componentes verdade e gramática, Quine se impõe a tarefa de tratar ambas de forma detalhada, com a ressalva de se contrapor à doutrina que concebe as verdades lógicas como verdadeiras em decorrência da gramática ou da linguagem.

Vamos agora examinar, por meio de contraste, um assunto realmente linguístico: aquele que não só, como a lógica, recorre a termos linguísticos para expressar suas generalidades, mas também está preocupado com a linguagem ainda nas instâncias singulares de suas generalidades. Este assunto é a gramática. Significativamente, o predicado da verdade, tão amplamente utilizado em generalidades lógicas para compensar os efeitos da ascensão semântica e restaurar a referência objetiva, não tem lugar em generalidades gramaticais, pelo menos como são classicamente concebidos. A gramática é linguística de propósito. (QUINE, 1986, p. 15, tradução nossa)³⁴.

Nesse trecho, Quine situa uma acepção da gramática no domínio dos estudos linguísticos. A gramática não serviria à lógica quando esta necessitasse de termos linguísticos para expressar suas generalidades. A gramática estaria também preocupada com a linguagem ainda nas instâncias singulares de suas generalidades. Quine acrescenta que o predicado da verdade empregado nas generalidades lógicas para compensar os efeitos da *ascensão semântica* (semantic ascent) e restaurar a referência objetiva, não tem lugar em generalidades gramaticais.

³² Willard Van Orman Quine foi um dos mais importantes filósofos, matemáticos e lógicos norte-americanos do século XX.

³³ Since I see logic as the resultant of two components, truth and grammar, I shall treat truth and grammar prominently. But I shall argue against the doctrine that the logical truths are true because of grammar, or because of language. (QUINE, 1986, p. 07).

³⁴ We shall now examine, by way of contrast, a really linguistic subject: one that not only, like logic, resorts to linguistic terms to express its generalities, but also is concerned with language still in the singular instances of its generalities. This subject is grammar. Significantly enough, the truth predicate, so widely used in logical generalities to offset the effects of semantic ascent and restore objective reference, has no place in grammatical generalities, at least as they are classically conceived. Grammar is linguistic on purpose. (QUINE, 1986, p. 15).

De modo conciso, a ascensão semântica é um movimento em filosofia da linguagem no qual as perguntas sobre objetos são convertidas em questões sobre palavras ou, em outros termos, deixa-se de falar sobre o mundo para falar sobre as propriedades semânticas de uma língua. É possível, por exemplo, passar da proposição “Maçã é uma fruta” para a proposição “Maçã” é um nome atribuído a uma fruta, ou seja, parte-se do modo material da fala para o modo formal, nos termos de Rudolf Carnap.

A linguagem, em razão de sua amplitude e complexidade, é objeto de várias ciências; desse modo, não é de se estranhar que o lógico e o gramático se ocupem de questões que direta ou indiretamente se relacionam à língua. Nesse ínterim, Quine esclarece que a linguagem para o gramático é um objeto essencial, enquanto, para o lógico, serve mais como uma ferramenta, empregada para discorrer sobre frases quando fazer generalizações, objetivamente, torna-se inviável.

Harris (1988, p. 65) expõe que, para Saussure, as diferentes abordagens gramaticais cometeram o mesmo erro. Em síntese, confundiram a gramática com algo que não é propriamente a gramática, mas sim algo dela derivado, ou seja, confundiram a gramática com seus subprodutos. O resultado disso, como se buscou demonstrar, foi particular em cada caso.

Uma importante referência acerca do conceito de gramática e sua relação com a lógica é encontrada, como já mencionado, no *PCLG*: “A gramática é uma das ciências lógicas que parece ter mais contato com a linguística. Na realidade, as preocupações gramaticais na linguística são nulas; a gramática não pode substituir a linguística” (SAUSSURE, 1996, p. 2, tradução nossa)³⁵.

Nesse trecho, além de perceber que Saussure compreendia a gramática como uma das ciências lógicas, ainda é possível observar que a gramática, para ele, mantinha um diálogo mais próximo com a linguística. Contudo, ao expressar que as preocupações gramaticais são inexistentes para a linguística, fica claro que essa intimidade entre gramática e linguística só era significativa se comparada à afinidade entre as outras ciências lógicas e a linguística, ou seja, a gramática está mais próxima à linguística que, por exemplo, a matemática.

Além disso, Saussure acrescenta enfaticamente que a gramática não pode substituir a linguística. No que se refere à visão responsável por aproximar a gramática à lógica, é possível entender como influenciada pelas leituras que Saussure fez dos trabalhos de Port-Royal.

³⁵La grammaire est celle des sciences logiques qui semble avoir le plus de contact avec la linguistique. En realite les <pre>occupations grammaticales dans la linguistique sont nulles; la grammaire ne peut pas se substituer a la linguistique (SAUSSURE, 1996, p. 2).

[...] Saussure sabia claramente deste trabalho em primeira mão, uma vez que ele descreveu seus objetivos com algum detalhe em seu terceiro curso de linguística geral. A gramática de Port-Royal foi «geral», no sentido de que o seu objetivo foi analisar a gramática do francês, não para seu próprio bem, mas como uma fonte de conhecimento sobre as correlações entre, por um lado, a estrutura da faculdade geral da linguagem humana, e, por outro, a lógica, a estrutura do pensamento (JOSEPH, 2012, p. 80, tradução nossa)³⁶.

Joseph destaca que Saussure conhecia bem a Gramática de Port-Royal, fato evidenciado no terceiro curso de linguística geral e, também, no *CLG* (cf. SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97). Basicamente, os gramáticos de Port-Royal concebiam que a linguagem segue princípios gerais regidos pela razão, ponto bastante relevante para a teoria da linguagem preconizada por Noam Chomsky.

De modo conciso: “A teoria da linguagem de Port-Royal repousa sobre a ideia simples de que as palavras são os signos de nossas ideias” (COLOMBAT et al, 2017, p. 180). O uso do termo *signo*, dentre outras aproximações terminológicas das ideias de Saussure à gramática de Port-Royal, poderia sugerir alguma influência em relação à concepção saussuriana de gramática. Esse paralelo pode ser feito, mas as diferenças entre as duas perspectivas precisam ser apresentadas.

Port-Royal aborda diversos aspectos com foco na *proposition* [proposição] (cf. ARNAULD; LANCELOT, 1810), elemento que Saussure não desenvolveu no *CLG*. O termo *proposição* presente na Gramática de Port-Royal, por exemplo, não aparece no *CLG*. É importante acrescentar que: “[...] a teoria da determinação para Port-Royal aplica-se igualmente à análise dos incidentes nos termos complexos, e ela conduz à construção de uma verdadeira sintaxe-semântica [...] (COLOMBAT et al, 2017, p. 187).

Esse aspecto também se vincula a uma questão historiográfica relevante. Chomsky reconhece que parte de sua gramática transformacional se baseou na Gramática de Port-Royal, porém, não associa seu trabalho ao pensamento saussuriano, como exposto a seguir: “[...] se você olhar para a Linguística Saussuriana, ela nem tinha um lugar para o conceito de sentença. Pode-se dizer que o conceito de Sentença tem uma existência um pouco desconfortável entre *langue* e *parole*” (CHOMSKY, 1997, p. 141). Já, em relação à Port-Royal, afirma: “[...] foi a primeira exposição real do que mais tarde passaria a ser chamado de Gramática da Estrutura da Frase e Regras Transformacionais. De alguma forma, e de forma bastante interessante, isso já estava presente na Gramática de Port-Royal” (CHOMSKY, 1997, p. 145).

³⁶ Saussure clearly knew this work at first hand, since he described its aims in some detail in his third course on general linguistics. The Port-Royal grammar was 'general' in the sense that its aim was to analyse the grammar of French not for its own sake, but as a source of insight into the correlations between, on the one hand, the structure of the human Language faculty generally, and on the other, logic, the structure of thought (JOSEPH, 2012, p. 80).

Chomsky (1997, p. 141) reconhece o valor das concepções saussurianas em áreas afins como antropologia, história e literatura; contudo, na Linguística, especificamente, o estadunidense entende que o efeito Saussure foi efêmero, exceto pelos estudos relativos aos sistemas sonoros. Dois pontos podem ser observados nesse ínterim: o primeiro diz respeito à pouca difusão das ideias de Saussure sobre a gramática; o segundo se refere a um possível antagonismo entre Saussure e Port-Royal no que tange à concepção de gramática.

O texto de Chomsky (1997) em questão (*Conhecimento da história e construção teórica na Linguística moderna*) tem uma perspectiva claramente historiográfica em relação à linguística. Saussure e Port-Royal são citados, mas apenas no segundo é que o autor parece encontrar alguma contribuição ao debate em torno da gramática. Evidentemente, isso é exíguo para determinar que Chomsky não tenha reconhecido as respectivas contribuições do genebrino. Entretanto, isso não impede de observar que quando se examina com o mesmo enfoque outros autores, é possível constatar de forma análoga a tímida difusão das concepções de Saussure sobre gramática.

No que tange ao antagonismo entre Saussure e Port-Royal, é preciso destacar que a primazia pelo aspecto sincrônico presente em ambas as concepções suplanta as demais diferenças. Acerca desse aspecto, no *PCLG*, encontra-se o seguinte trecho:

O que se observa em um estudo desse tipo, qual é sua característica fundamental? Se a análise se ocupa de partes da frase, estamos mesmo na linguística estática: toda estrutura, todo sistema que suponha elementos contemporâneos, é gramática. (SAUSSURE, 1996, p. 105, tradução nossa)³⁷.

Esse questionamento de ordem epistemológica incide sobre dois aspectos importantes: um diz respeito à sintaxe como parte da gramática, já que menciona as partes das frases; o outro diz respeito à situação da gramática na linguística estática. No que se refere ao fato da sintaxe fazer parte da gramática, não é possível compreender que seja uma novidade para a época. Em contrapartida, a ideia de uma gramática sincrônica aproxima e de, certa forma, atualiza esse fundamento de Port-Royal.

Esses são os únicos pontos de discussão sobre gramática no *PCLG* (SAUSSURE, 1996). O respectivo texto é importante, pois expõe de forma mais clara a relação que Saussure faz entre gramática e lógica. Ainda que o genebrino não tenha desenvolvido de forma mais

³⁷ De quoi releve une pareille etude, quel est son caractere fondamental? Des qu'on s'occupe du rapport des parties de la phrase entre elles, on est en plein dans la linguistique statique: toute structure, tout systeme suppose des elements contemporains, c'est de la grammaire (SAUSSURE, 1996, p. 105).

detalhada tal relação, é possível constatar que esse aspecto o auxilia na concepção das divisões racionais da gramática em oposição às divisões tradicionais.

Nessa visão retrospectiva acerca da gramática, Saussure reconhece vários acertos metodológicos, teóricos e terminológicos, porém, aponta muito mais os equívocos de seus antecessores e contemporâneos. Cria-se, portanto, certa expectativa acerca do que seria uma abordagem adequada do tema segundo Saussure. Como se sabe, ele não deixou um tratado sobre o assunto, mas o que há disponível (*CLG* e *Cadernos*) pode delinear um horizonte de projeção relativo à gramática.

CAPÍTULO 4: AS DIVISÕES RACIONAIS DE GRAMÁTICA NO HORIZONTE DE PROJEÇÃO SAUSSURIANO

4.1 Introdução

Adota-se a expressão *horizonte de projeção* com base em Auroux (2009, p. 12), especificamente, com sentido de uma reflexão acerca do futuro de uma disciplina ou ciência. Aproxima-se do que Bouquet e Engler denominaram “reflexão prospectiva”, como exposto a seguir:

O terceiro campo é o de uma **reflexão prospectiva** sobre uma disciplina. Trata-se, no caso, de uma “epistemologia programática”, na medida em que não é a análise das condições de possibilidade de uma ciência existente que está em jogo, mas a aposta numa ciência futura. Este terceiro campo do pensamento saussuriano é o que Bally e Sechehaye quiseram divulgar: é ele que, depois do *cours*, passou a ser, muitas vezes, associado exclusivamente ao nome de Saussure. (SAUSSURE, 2012, p. 12, grifo nosso).

Em síntese, nesse “terceiro campo” das reflexões saussurianas, é evidente a insatisfação do genebrino com a nomenclatura, categorias e divisões da gramática vigentes no passado, como já fora exposto no capítulo anterior. Em paralelo a essa insatisfação com as *divisões tradicionais de gramática*, que configuram o horizonte de retrospecção saussuriano, encontra-se a proposta das *divisões racionais de gramática*, que configuram o horizonte de projeção saussuriano. Esse último, foco deste capítulo, envolve vários aspectos teóricos, portanto, cabe analisá-los separadamente.

4.2 O horizonte de projeção saussuriano

Como já exposto, horizonte de projeção e horizonte de retrospecção são categorias que, para Auroux (2009), determinam as formas do conhecimento histórico. Quando se trata dos estudos linguísticos, essas categorias permitem localizar em determinado contexto as concepções de linguistas relativas a diversos temas em uma continuidade conceitual, nas quais vários aspectos epistemológicos relevantes à história da linguística são evidenciados.

No que se refere ao horizonte de projeção saussuriano, um trecho bastante significativo é o seguinte: “somente essa repartição mostraria o que cumpre mudar nos quadros usuais da Linguística sincrônica. Semelhante tarefa não pode evidentemente ser levada a cabo aqui, onde nos limitamos a propor os princípios mais gerais” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 159). É possível observar que Saussure reconhece um *nós (...nos limitamos)* e um *eles (...mudar nos*

quadros usuais). O *nós*, praticamente explícito, refere-se ao próprio genebrino e contemporâneos que buscavam princípios relativos ao funcionamento da língua; já o *eles*, implícito, diz respeito aos estudiosos sucessores. Em outras palavras, o *nós* representa o horizonte de retrospecção e o *eles* o horizonte de projeção.

Na citação a seguir, é possível ver essa representação, respectivamente, com verbos (grifados) no tempo passado e no futuro:

Após **ter concedido** um lugar bastante grande à História, a Linguística **voltará** ao ponto de vista estático da gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 98, grifo nosso).

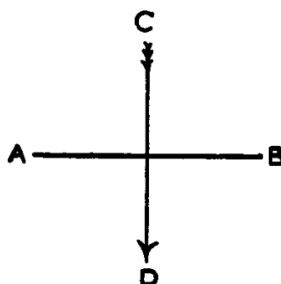
As expressões “espírito novo”, “outros processos” e “rejuvenescimento” já demarcam as expectativas de Saussure quanto ao futuro da Linguística. Isso é realizado sem esquecer a importância daquilo que já foi desenvolvido, especialmente, a partir do método histórico. Os dois horizontes históricos se colocam em paralelo explicitamente nesse trecho, mas em outros há a necessidade de uma leitura mais aguçada para que a retrospecção ou a projeção possam ser evidenciadas.

No capítulo anterior foram expostas diversas concepções saussurianas acerca do conceito de gramática tal como fora debatido por séculos. Esse debate compôs o horizonte de retrospecção saussuriano. Foi possível perceber que Saussure demonstrava ter sido influenciado, mas também estar insatisfeito com tal tradição. Assim, buscou, em paralelo com essa insatisfação, propor uma abordagem diferente na continuidade do respectivo conceito.

Pode-se afirmar que as concepções saussurianas acerca do âmbito linguístico são as mais influentes do século XX, possivelmente em razão de suas definições basilares de língua (*langue*) e fala (*parole*). Mas há também, como exposto a seguir, um trabalho terminológico apurado que buscou demarcar um movimento que partisse das concepções usuais de gramática, até a primeira década do século XX, para uma perspectiva renovada quanto a essa área de estudos.

A respectiva abordagem propunha reduzir os fatos gramaticais ao eixo das simultaneidades e ao eixo das sucessões. Esse é outro ponto que evidencia a postura epistemológica de Saussure: “[é] certo que todas as ciências deveriam ter interesse em assinalar mais escrupulosamente os eixos sobre os quais estão situadas as coisas de que se ocupam [...]” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 94). No *CLG*, Saussure ilustra tal princípio da seguinte forma:

Figura 4: Eixo das simultaneidades e Eixo das sucessões



Fonte: Saussure (2006 [1916])

Nessa figura, *AB* diz respeito ao *eixo das simultaneidades*, “concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 95); e *CD* se refere ao *eixo das sucessões*, “sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 95). Reduzir as questões gramaticais a tais eixos significaria organizá-las em consonância com a sincronia.

Saussure não pôde, por razões diversas, levar tal proposta adiante, mas ao menos esboçou suas linhas gerais e viabilidade futura. Essa ação corresponde ao horizonte de projeção saussuriano, no qual o autor “antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói” (AUROUX, 2009). Desse modo: “[p]or *horizonte de projeção* entende-se aqui a antecipação do futuro de um campo do conhecimento, de uma disciplina, de uma teoria, de uma escola (FOURNIER, PUECH, RABY, 2019, p. 1, tradução nossa)³⁸. No que tange às fontes saussurianas estudadas e ao tema deste texto, tal antecipação se concentra nos seguintes pontos: *Lexicologia*, *sistema* e *sincronia*. A relação desses aspectos com o conceito de gramática, como exposto adiante, promoveram sua centrifugação no âmbito da Linguística preconizada por Saussure.

4.2.1 Lexicologia e gramática

Normand (2009, p. 97) lembra que o aprendizado acerca da distinção entre léxico e gramática tem origem já no período escolar. Nesse aprendizado, comumente se compreende que: “[...] de um lado, as palavras ‘cheias’, que significam, ou seja, remetem ao mundo (ao extralinguístico); do outro, os instrumentos gramaticais supostamente ‘vazios’, que permitem construir as frases pelas quais se diz o mundo” (NORMAND, 2009, p. 97).

³⁸ On entend ici par «horizon de projection» l’anticipation de l’avenir d’un champ de connaissances, d’une discipline, d’une théorie, d’une école. (FOURNIER, PUECH, RABY, 2019, p. 1).

A autora (NORMAND, 2009, p. 97) ainda explica que esse pressuposto lógico-metafísico é antigo e nunca fora questionado. Essa distinção se materializou na prática pedagógica com os usos do dicionário e da gramática. Normand compreende que não se pode dispensar essa divisão, mas também não há obrigatoriedade de tratá-la como cabal. Quando se considera o sistema de diferenças significativas preconizado no *CLG*, não é possível se satisfazer com a ideia de que apenas as unidades lexicais significam. Assim: “[o] princípio que faz da língua um sistema de diferenças significativas aplica-se igualmente e ao mesmo tempo aos elementos gramaticais e lexicais: o singular só é significado em oposição ao plural [...] o passado em relação ao presente [...]” (NORMAND, 2009, p. 97). Em outras palavras, produzir sentido demanda relações com o contexto e, por conseguinte, considerar as demais partes da frase e respectiva construção gramatical (NORMAND, 2009, p. 97).

Esses apontamentos de Normand (2009) acerca da relação entre léxico e gramática se vinculam, evidentemente, às ideias de Saussure e expõe de forma clara o que se encontra de forma dispersa em várias fontes saussurianas. Entretanto, é importante expor com mais detalhes o percurso realizado por Saussure, o que implica pensar o contexto da época e as referências que o genebrino faz ao tema em questão.

Acerca do contexto da época, é relevante destacar que Saussure não era o único insatisfeito com o lugar da lexicologia no âmbito dos estudos gramaticais. Pode-se observar isso a partir de concepções como as de Paul (1966 [1886]). O autor, em uma época próxima a de Saussure, também discorria acerca da imprecisão das divisões gramaticais até então desenvolvidas, como exposto a seguir:

As nossas categorias gramaticais tradicionais são um meio mais do que insuficiente para ilustrar o modo de agrupamento dos elementos da língua. O nosso sistema gramatical não está de maneira nenhuma dividido com a sutileza necessária, de forma a poder adequar-se à divisão dos grupos psicológicos. Teremos ainda muitas vezes ocasião de demonstrar nos seus pormenores a insuficiência daquele sistema. Além disso é tentador adaptar indevidamente a uma língua o que abstraímos da outra. Mesmo não saindo da família das línguas indo-germânicas, o emprego dos mesmos padrões gramaticais leva a muitos erros. A imagem de um determinado estado de uma língua perturba-se facilmente, se o investigador conhece uma língua semelhante ou um grau de evolução mais antigo ou mais recente. (PAUL, 1966 [1886], p. 39).

Paul, ao expor o quão tentador é “adaptar indevidamente a uma língua o que abstraímos da outra”, antecipa a discussão pormenorizada por Auroux (2009) quando este afirma que a transposição de uma gramática referente a uma língua a outra pode gerar diversos equívocos. Além disso, o autor é enfático ao expor as limitações do caráter diacrônico e comparativo do

sistema gramatical, salientando, por conseguinte, a relevância desse assunto no âmbito dos estudos da linguagem.

Nesse mesmo sentido, Saussure propõe o termo gramática sem a oposição que comumente se cria, no presente, com a Linguística, visto que aproxima ambas ao sistema e à sincronia. Tal ponto também faz emergir a questão: “Isso significa dizer que a linguística interna, sincrônica, tal como organizada pelos seus princípios, é apenas uma ‘gramática’?” (NORMAND, 2009, p. 96). Esse fato por si só implica uma extensa discussão, assim como a redução dos fatos linguísticos à dualidade sintagma/associação.

Para compreender a profundidade dessas mudanças, é necessário focar um aspecto pontual: o lugar da lexicologia em relação à gramática e, por conseguinte, à sincronia. A esse respeito, Normand (2009, p. 96) questiona: “[o] que se fará do léxico, tradicionalmente considerado como o que carrega a significação? Estará a semântica inteiramente ausente dessas novas proposições?”. Houve, principalmente no período estruturalista, a crença e a difusão de uma resposta positiva a essas perguntas. A autora (NORMAND, 2009, p. 96) ainda explica que tal interpretação criava condições favoráveis para se acreditar em uma fusão entre o *CLG* e a gramática distribucional americana.

Edward Lopes (2007, p. 188) explica que: “[...] tentando fazer caso omissivo do significado, a Gramática Distribucional propõe, disfarçadamente, a abolição do signo que desde Saussure se concebe como o conjunto solidário de *significante* + *significado* [...]”. Além de ser incoerente a fusão do *CLG* e a abordagem distribucional, Normand (2009, p. 97) destaca que: “associar Saussure a esse método de análise era fazer um amálgama em que a originalidade de sua teoria desaparecia e, em particular, sua concepção da gramática. É necessário ver de mais perto a transformação que ele introduziu quanto a isso”.

Parte dessa transformação pode ser percebida quando se discute o conceito de gramaticalização. Béguelin (2010) em seu estudo sobre as identidades diacrônicas na teoria saussuriana, no qual estabelece uma crítica acerca do conceito de gramaticalização, pontua que a compreensão do campo sincrônico como “conjunto de diferenças significativas” compromete a oposição entre morfologia e sintaxe, assim como entre gramática e lexicologia.

Béguelin (2010, p. 257) lembra que Saussure reconheceu uma utilidade prática da compartimentalização tradicional em seu *Curso II*, contudo, ele próprio, evidencia que dificilmente tais subdivisões suportariam um exame crítico; em suas palavras: “Num certo sentido que cumpre não extremar, mas que torna palpável uma das formas dessa oposição poder-se-ia dizer que as línguas em que a imotivação atinge o máximo são mais lexicológicas, e aquelas em que se reduz ao mínimo, mais gramaticais” (SAUSSURE, 2006

[1916], p. 154). Saussure é claro ao afirmar a não possibilidade de se tomar esse pressuposto como cabal, o autor ainda complementa:

Não que “léxico” e “arbitrário”, de um lado, “gramática” e “motivação relativa”, do outro, sejam sempre sinônimos; mas existe algo de comum no princípio. São como dois polos entre os quais se move todo o sistema, duas correntes que se repartem o movimento da língua: a tendência a empregar o instrumento lexicológico, o signo imotivado, e a preferência concedida ao instrumento gramatical, isto é, à regra de construção. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 154).

Desse modo, em referência à concepção tradicional que excluía a lexicologia da gramática, o linguista genebrino problematizou as implicações oriundas dessa separação, por ele considerada, como já foi dito, ilusória. Tal ilusão, segundo ele, reside no fato de que, se por um lado as palavras se encontram em condição estática e isolada nos dicionários, estabelecendo relações entre as unidades (eixo das sucessões); por outro, meios gramaticais podem fazer a mesma coisa ainda que seus elementos se organizem sintagmaticamente.

Saussure (2006 [1916], p. 157) cita que as preposições são geralmente atribuídas à gramática; contudo, uma locução preposicional como *em consideração a* é essencialmente lexicológica, pois o termo *consideração* não assume outro sentido senão aquele expresso em dicionário. A cisão rígida entre gramatical e lexical criaria mais um elemento inerente ao signo, ou seja, além de significado e significante haveria um traço que o colocaria em uma das categorias, aspecto não previsto na teoria saussuriana do signo, em razão disso:

Pode ser lembrado aqui que, como Saussure demonstrou, não existe uma demarcação realmente clara entre léxico e gramática: todo signo tem um certo valor gramatical e certo significado; pertence a uma classe de signos com certas funções e difere-se semanticamente dos outros signos de sua classe. (GODEL, 1953, p. 34, tradução nossa)³⁹.

No cerne dessa discussão, está o conceito de gramaticalização, que consiste no processo de mudança linguística no qual palavras de valor lexical, que representam objetos e ações do mundo (substantivos, verbos e adjetivos), transformam-se em palavras de valor gramatical, funções do universo do discurso (preposições, afixos, locuções adverbiais) (cf. GONÇALVES, 2013). Nas palavras de Vitral e Ramos:

A noção de gramaticalização foi introduzida por Meillet (1948:131) para designar um certo tipo de fenômeno linguístico de natureza diacrônica. Trata-se da transição

³⁹ On pourrait rappeler ici que, comme l'a montré Saussure, il n'y a pas de démarcation vraiment nette entre lexique et grammaire : tout signe a une certaine valeur grammaticale et une certaine signification; il appartient à une classe de signes comportant certaines fonctions, et diffère sémantiquement des autres signes de sa classe. (GODEL, 1953, p. 34).

gradual de “palavras principais” para “palavras acessórias” e, enfim, para “palavras gramaticais” em estágios de uma língua. Itens pertencentes às categorias “de conteúdo lexical”, como verbos e adjetivos, passam a fazer parte de categorias “vazias de conteúdo lexical”, como auxiliares e certas preposições; e, em seguida, transformam-se em clíticos e afixos, antes de desaparecerem completamente. (VITRAL; RAMOS, 2006, p. 13).

Nesse sentido, uma questão que se coloca é: por que uma forma abandona sua “função original” para assumir outra? De acordo com Gonçalves (2013, p. 323-324), “vários são os motivos que podem levar uma palavra a se gramaticalizar. Essa motivação está tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas quanto na existência de conteúdos cognitivos para os quais não há designações linguísticas adequadas”. Pode-se também mudar a perspectiva e questionar: existe de fato uma função inerente a determinada palavra? Uma resposta adequada ao pensamento saussuriano seria *não*, principalmente se for considerada a questão do valor linguístico.

Tal questão tangencia quase todas as fontes saussurianas e consiste na maior contribuição de Saussure ao debate em torno da gramática. Vale lembrar: “[e]ntão, o que é, de fato, o valor? É, pelo menos, a resultante disso: ‘tudo só é diferença utilizada como oposição, e a oposição dá o valor’” (DEPECKER, 2012, p. 76)⁴⁰. Béguelin (2010, p. 256) lembra que, para Saussure, o significado repousa “sobre o fato negativo puro da oposição de valores” (SAUSSURE, 2002 apud BÉGUELIN, 2010, p. 256). A esse respeito é importante observar que:

[...] a corrente da gramaticalização recuperou a antiga oposição concreta versus abstrata para transferi-la para “escalas”, onde o abstrato sistematicamente deriva do concreto; da mesma forma, há muito se acredita - em virtude de um preconceito primitivista que se acreditava ser definitivamente obsoleto - que as línguas arcaicas estavam condenadas à expressão de noções concretas, a abstração só pode ser expressa de maneira secundária ... Essa visão simplista da evolução das línguas e dos significados teria, sem dúvida, afligido profundamente Saussure [...] (BÉGUELIN, 2010, p. 256, adaptado, tradução nossa)⁴¹.

Exemplos como o da preposição deixam claro que, na concepção de Saussure, lexicalização e gramaticalização são fenômenos difíceis de determinar e nem se constituem

⁴⁰ *Curso II*, R75, Notas de Riedlinger, 17 de dezembro de 1908, CFS, n. 15, p. 68 apud Depecker (2012, p. 76).

⁴¹ [...] le courant de la grammaticalisation a récupéré la vieille opposition concret vs abstrait pour la reverser dans des «échelles» où l’abstrait dérive systématiquement du concret; de même a-t-on cru longtemps – en vertu d’un préjugé primitiviste que l’on croyait définitivement périmé – que les langues archaïques étaient vouées à l’expression de notions concrètes, l’abstraction ne pouvant être exprimée que de manière secondaire... Cette vision simpliste de l’évolution des langues et des significations eût, à coup sûr, affligé profondément Saussure [...]. (BÉGUELIN, 2010, p. 256).

como temas de interesse do genebrino, haja vista a já mencionada questão do valor. Nota-se, portanto, quão tênue é a linha discernente existente entre morfologia, sintaxe e lexicologia na perspectiva saussuriana. Tênue o bastante para ser justificada somente pelas, não menos importantes, razões didáticas do ensino de línguas ou por se considerar aspectos relacionados exclusivamente à *parole*.

Em relação às questões didáticas e à *parole*, Robert Godel expõe que a distinção aceita normalmente entre léxico e gramática foi questionada por Saussure em seu segundo curso de linguística geral:

Na realidade, a distinção se justifica quando se considera a linguagem como um sistema de valores [...]. Neste sistema, os valores gramaticais ocupam um lugar central: a aprendizagem da língua materna consiste essencialmente, para a criança, em apropriar-se destes valores quando, nos enunciados que ela forma, ela distingue entre masculino e feminino, singular e plural, ele usa corretamente os pronomes pessoais etc., qualquer que seja a extensão de seu vocabulário naquele momento. Valores lexicais, pelo contrário, continua ao longo da vida, qualquer adulto pode ler ou ouvir palavras que lhe são desconhecidas, ou que ele tem apenas uma vaga ideia e que ele seria incapaz de usar com propriedade. (GODEL, 1978, p. 152, adaptado, tradução nossa)⁴².

Entende-se, portanto, que os valores gramaticais são mais perenes e revelam com maior clareza as características particulares de uma língua, dado isso, é coerente sua importância no ensino de língua materna ou estrangeira. Já o léxico está vinculado de forma mais ampla à *parole*, ou seja, ao uso individual da língua. Godel (1978, p. 152) complementa que o conhecimento subjetivo dos valores gramaticais é compartilhado por todos os membros de uma comunidade linguística, já o conhecimento relativo aos valores lexicais tende a variar bastante de um indivíduo a outro. Assim, é na gramática que reside essencialmente o lado social da instituição linguística; em contrapartida, o léxico se encontra muito mais sujeito às iniciativas particulares dos indivíduos.

Ainda que Saussure questione a oposição léxico/gramática, é notório que ele não a descarte em razão de sua relevância operacional, mas de forma subordinada à noção de valor, tal como frisada no *SCLG*:

⁴² En réalité, la distinction est justifiée quand on envisage la langue comme un système de valeurs, comme R. Amacker l'a montré dans l'article cité plus haut. Dans ce système, les valeurs grammaticales occupent une place centrale: l'apprentissage de la langue maternelle consiste essentiellement, pour l'enfant, à s'approprier ces valeurs-là. Un enfant francophone sait sa langue lorsque, dans les énoncés qu'il forme, il distingue masculin et féminin, singulier et pluriel, emploie correctement les pronoms personnels etc., quelle que soit, à ce moment-là, l'étendue de son vocabulaire. L'acquisition des valeurs lexicales, au contraire, se poursuit tout au long de la vie. Il arrive à n'importe quel adulte de lire ou d'entendre des mots qui lui sont inconnus, ou dont il n'a qu'une idée vague et qu'il serait incapable d'employer avec propriété. (GODEL, 1978, p. 152).

Interpretação e distribuição de unidades. Tudo o que está na sincronia de uma língua (como analogia) se resume muito bem em termos de gramática, que se aplica muito bem a um sistema que envolve valores. Gramática histórica não existe propriamente, porque nenhum sistema de valor é cavaleiro de várias épocas. Ao mesmo tempo que se considera a relação entre sincronia e gramática também deve-se olhar para as subdivisões na gramática. Lexicologia, sintaxe, morfologia, podem ser bem analisadas (SAUSSURE, 1997, p. 148, tradução nossa)⁴³.

Esse é um trecho muito importante, pois Saussure é enfático ao esclarecer que tudo que está em sincronia em uma língua (analogia, por exemplo) pode ser reduzido ao termo gramática, visto que esse termo é bastante preciso quando o que se procura é fazer referência a um sistema que coloca valores em jogo. Mas, por outro lado, o genebrino não parece estar disposto a submeter toda a investigação linguística aos moldes da gramática ou permanecer tomando emprestados os conceitos que ela disseminou ao longo dos séculos. A precisão do termo gramática enaltecida na citação existe quando entendido como conceito e não como domínio ou campo de estudos.

4.2.2 A noção de sistema

Discorrer acerca da noção de sistema demanda citar Condillac, especificamente seu texto *Tratado dos sistemas* de 1754 (CONDILLAC, 1984). Condillac foi um importante filósofo francês do século XVIII, suas ideias acerca do sistema encontram eco em diversas definições posteriores. É possível fundamentar tal afirmação a partir da simples comparação de seu conceito com os demais, principalmente na esfera estruturalista. Para Condillac:

Um sistema não é outra coisa que a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras. Aquelas que dão razão às outras; chamam-se princípios e o sistema é tão mais perfeito quanto os princípios o são no menor número: é mesmo desejável que se os reduza a um só. (CONDILLAC, 1984, p. 3).

Evidentemente o conceito de sistema não nasce com Condillac. Câmara Jr. (1967, p. 7) destaca que a noção de sistema, como conceito empregado na busca de compreensão do universo, remete à Antiguidade, assim, trata-se de um conceito científico antigo e de origem longínqua. O que chama atenção é que a definição de Condillac em muito se assemelha à noção

⁴³ Interpretation et distribution des unités. Tout ce qui est dans la synchronie d'une langue (analogie aussi) se resume tres bien dans le terme de grammaire, qui s'applique tres bien a un systeme qui met en jeu des valeurs. Grammaire historique n'existe pas proprement, car aucun systeme de valeurs ne peut etre a cheval sur plusieurs époques. En meme temps qu'on considere les rapports entre synchronie et grammaire il faut regarder aussi les subdivisions dans la grammaire. Lexicologie, syntaxe, morphologie ne peuvent etre bien encadreés (SAUSSURE, 1997, p. 148).

estruturalista, a julgar pela interpretação de Câmara Jr. (1967, p. 7), cuja ideia de sistema “Pressupõe, sem dúvida, uma estrutura, como um feixe de relações entre os elementos que o compõem”. O autor ainda acrescenta:

O todo em que se constituem, é cabal e suficiente. Há assim na significação de sistema uma noção nova que se acrescenta à da inter-relação entre as partes. É uma estrutura de partes satisfatoriamente distribuídas, que se associam e completam. Toda estrutura pressupõe um sistema, pelo menos implícito e realizável, e pode-se afirmar que ela é a condição prévia e necessária para ele existir. (CÂMARA JR, 1967, p. 7).

No ano de 1872, Saussure, com catorze anos, escreveu um texto intitulado *Essai sur les langues*. Nesse ensaio, como destacado por Rousseau (2009, p. 500), o genebrino já lidava com questões relativas ao sistema. O desenrolar da história intelectual saussuriana evidencia que ele passou parte considerável do seu tempo a examinar detalhes relativos a esse tema (cf. ROUSSEAU, 2009, p. 500), o que pode ter repercutido no amplo uso do termo:

Saussure utiliza, quase que constantemente, a palavra “sistema”, em vez de várias outras, dentre as quais “estrutura”, extremamente rara nos manuscritos: “A presença de um som em uma língua é o que se pode imaginar de mais irredutível como elemento de sua estrutura” (*Escritos*, p. 25). (DEPECKER, 2012, p. 77).

Tal exame é explícito no *CLG*. No trecho que trata do *valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 132), explica-se que nas línguas eslavas há distinção regular de dois aspectos do verbo (perfectivo: representa a ação na sua totalidade; imperfectivo: mostra a ação no seu desenvolvimento). Tais categorias, segundo Saussure, “apresentam dificuldade para um francês ou para um brasileiro, pois suas línguas as ignoram; se elas estivessem predeterminadas, não seria assim”. O autor ainda acrescenta que:

Em todos esses casos, pois, surpreendemos, em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do **sistema**. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do **sistema**. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 136, grifo nosso).

O trecho está em consonância, assim como o de Câmara Jr., com a ideia de Condillac no que tange ao sistema ser constituído por diferentes partes que se apoiam mutuamente e pela inter-relação dessas partes. Outro aspecto importante da respectiva citação é a referência ao fato de só haver na língua diferenças, concepção reforçada na citação seguinte:

Tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças sem termos positivos. Quer se considere o significado,

quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao **sistema** linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste **sistema**. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139, grifo nosso).

A ideia de um sistema composto apenas por termos negativos talvez não evidencie a própria ideia de sistema. Em razão disso, uma comparação com um sistema composto por termos positivos pode auxiliar em tal compreensão. Um relógio analógico, por exemplo, é composto de partes como: *pino canhão* (eixo que contém o ponteiro dos minutos); *coroa* (botão usado para dar corda e ajustar os ponteiros e outras complicações; *chave de breguete* (chave usada para dar corda no relógio). Essas partes têm funções específicas, como exposto, mas o propósito de sua existência é o mesmo: o funcionamento do relógio. Esse funcionamento, evidentemente, depende da mutualidade entre tais componentes.

Na língua, como Saussure elucida, essa reciprocidade entre os elementos é similar, contudo não é possível discriminar positivamente cada elemento, pois:

Um **sistema** linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um **sistema** de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 139, grifo nosso)

Nessa definição saussuriana, é possível perceber que o sistema linguístico não se resume ao paralelismo entre diferença de sons e diferenças de ideias. Evidentemente, esse paralelismo é necessário na constituição de um sistema superior, o sistema de valores, no qual “os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 133). Em outras palavras, não há conexão direta entre som e ideia na constituição da significação, mas sim entre valores; em síntese, o signo é aquilo que ele não é em sua contiguidade.

A gramática, como já foi exposto, foi a abordagem técnico-científica acerca da língua mais influente desde a Antiguidade. Além disso, o fato de ter sido tradicionalmente dividida em partes autônomas e harmônicas (fonologia, morfologia, sintaxe etc.) inspirou amplamente o modo se interpretar os fenômenos linguísticos. Nesse sentido, pode-se afirmar que a noção de sistema também guarda resquícios dos modos como as gramáticas foram organizadas no passado, como exposto por Normand:

Mas o que é língua? É um sistema. Essa definição de base, repetida várias vezes, não é, à primeira vista, uma grande novidade. Que todos os elementos de uma língua se articulam, determinam-se reciprocamente, é bem conhecido desde sempre pelas

gramáticas, que se empenham, precisamente, em descrever (através de classificações, quadros e paradigmas) as relações características de uma língua ou outra. (NORMAND, 2009, p. 50).

Ao se considerar o *plano de expressão* e o *plano de conteúdo* (HJELMSLEV, 1975), pode-se colocar em paralelo a fonologia e a semântica, como representação da diferença de sons e a respectiva diferença de sentidos. Mas basta um exame superficial para se constatar que a equivalência entre fonema e sema não é regular ou inequívoca, ou seja, gramaticalmente não é possível determinar que as mesmas sequências de sons possuem sempre os mesmos significados. Interferem nessa regularidade as figuras de linguagem, a sinonímia, os estrangeirismos etc. As metáforas, por exemplo, inviabilizam qualquer amarra semântica.

Saussure não desenvolveu concepções acerca do modo como a gramática se relacionaria com a teoria do valor linguístico, mas sua *sincronização* da gramática, permite conjecturar que tal teoria teria uma aplicabilidade coerente ao respectivo contexto, haja vista, também, sua crítica às subdivisões da gramática tradicional.

Os termos *sistema* e *gramática* se aproximam diversas vezes no *CLG*. No que tange às discussões sobre esses dois conceitos, é perceptível que o *CLG* reproduz passagens presentes nos cadernos organizados por Komatsu, Harris e Wolf (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997). Há, nessa coexistência, uma espécie de constância, ainda que imprecisa, do *CLG* nos *Cadernos*.

No Brasil surgiu um aspecto interessante a esse respeito. Lemos et al (2004, p. 171) expõe que Mattoso Câmara Jr. foi responsável por trazer à tona a discussão em torno da sincronia. O linguista brasileiro identifica sistema como gramática. Ao se considerar rigorosamente o pensamento saussuriano, Câmara Jr., ao unir gramática e língua, acaba por se afastar da língua como sistema. A trajetória acadêmica permitiu que Câmara Jr. estabelecesse uma espécie de síntese entre Saussure e Bloomfield. A diferença entre as concepções desses dois autores, dificilmente conciliáveis no que tange à significação, influenciou a interpretação acerca do sistema realizada pelo linguista brasileiro.

Para Lemos et al (2004, p. 171), Câmara Jr. reduz o sistema de relações, preconizado por Saussure, a um sistema de oposições em determinada língua. Nesse sentido, gramática equivale ao sistema: “Essa ambiguidade básica - a reconciliação do sistema (de acordo com Saussure) e a gramática, em nome da possibilidade de descrever idiomas específicos - é a principal expressão do apagamento da linguística saussuriana” (LEMOS et al, 2004, p. 171). Se por um lado a diretriz de Câmara Jr. pode indicar esse “apagamento”, por outro, é um aspecto que revela o quão tênue é a linha discernente entre gramática e sistema na concepção saussuriana. Além disso, a possibilidade múltipla de abordagens sob o rótulo de gramática, faz

com que Câmara Jr. denomine dessa forma uma perspectiva diferente daquilo que Saussure vislumbrava, mesmo que de forma axiomática, em seu horizonte de projeção.

A noção de sistema, como se demonstrou, tem fundamental importância na visão saussuriana de gramática. Ainda que se entenda que tal noção já estava presente nas abordagens gramaticais, é possível compreender que Saussure foi quem identificou e teorizou de modo mais objetivo sobre o sistema no âmbito linguístico. Todavia, dada a impossibilidade de se buscar todas as abordagens gramaticais existentes após Saussure, pode-se ao menos afirmar que a redução dos fatos gramaticais aos eixos das simultaneidades e das sucessões, presente no horizonte de projeção saussuriano, teve uma repercussão tímida nos compêndios ou gramáticas escolares; caso contrário, os respectivos sumários apresentariam tais conceitos saussurianos.

4.2.3 Sincronia e gramática no *CLG* e no *SCLG*

Uma breve verificação do sumário do *CLG* já basta para que se perceba o paralelo entre sincronia e gramática nas concepções de Saussure; contudo, para além dessa constatação, é importante analisar qual dos conceitos ganha maior destaque e em quais pontos. Isso demanda colocar em paralelo parte do universo conceitual saussuriano e os diversos conceitos oriundos da gramática tradicional.

As menções à gramática no *CLG* organizam e resumem os diversos fragmentos coletados nos três cursos (KOMATSU e WOLF, 1993, 1996 e 1997) e, evidentemente, traça uma perspectiva bastante singular de interpretação das fronteiras e dos níveis de análise linguística. Contudo, esse pioneirismo demandou um esforço intelectual considerável por parte de Saussure.

O genebrino, assim como alguns de seus contemporâneos, não pôde no *CLG* ignorar o termo gramática e sua tradição; contudo, sua forma de tratá-lo não seguiu rigidamente as acepções tradicionais. Na verdade, em vários momentos, Saussure busca reorientar o emprego de tal conceito. A noção de gramática que aparece no *CLG* se distancia da diacronia e se aproxima da sincronia e seus elementos correspondentes, como exposto a seguir: “[à] sincronia pertence tudo o que se chama ‘gramática geral’, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incubem à gramática” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 117).

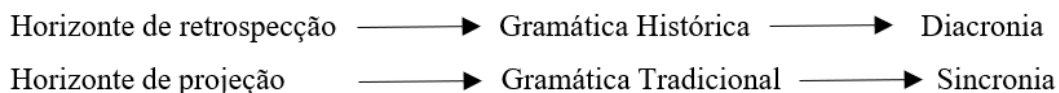
Sabe-se que a referência diz respeito às relações sintagmáticas e associativas que, no âmbito do pensamento saussuriano, não são dependentes dos aspectos históricos. Em um escopo mais amplo de gramática, isso não pode levar à conclusão de que a diacronia é inútil, pois: “[a] verdade sincrônica contradiz acaso a verdade diacrônica, e será mister condenar a

Gramática tradicional em nome da Gramática histórica? Não, pois isso seria ver a realidade pela metade [...]”. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 98). As questões elucidadas por Saussure não são gratuitas. Apontar a relevância de ambas as abordagens é uma forma de evitar a tendência comum de apagamento ou invalidação de uma abordagem existente como estratégia para implantação de uma abordagem nova ou “rejuvenescida”.

A expressão “rejuvenescimento” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 98), já discutida, foi empregada por Saussure de forma bastante adequada para tratar do ponto de vista sincrônico. O autor demonstra integridade intelectual ao reconhecer que a abordagem sincrônica, fundamental em sua teoria, não advém apenas de suas reflexões, mas sim da longa gramática tradicional. A esse respeito, Saussure afirma: “[s]eus trabalhos nos mostram claramente que querem descrever estados; seu programa é estritamente sincrônico” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97).

Desse modo, não é possível afirmar que Saussure rechaçasse as abordagens pretéritas acerca da gramática, ao contrário, são elas o ponto de partida de várias reflexões dos cursos de linguística geral ministrados em Genebra. Sucintamente, pode-se organizar tais relações da seguinte forma:

Figura 5: Fluxo temporal da gramática



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Quando se coloca a gramática tradicional no eixo do horizonte de projeção, pressupõe-se o “rejuvenescimento” mencionado por Saussure; contudo, isso não consiste em afirmar que apenas a gramática tradicional tenha encaminhado as reflexões ligadas à sincronia. O paralelismo com a gramática histórica também é fundamental, pois cria uma espécie de *sparring* para que os aspectos teóricos e práticos da sincronia se tornem mais visíveis, haja vista a comparação constante que o genebrino realiza entre as duas abordagens.

A gramática, portanto, tem influência nas duas perspectivas, isso corrobora a afirmação de Harris (1988, p. 65) de que: “[o] conceito de gramática de Saussure é a pedra angular do estruturalismo linguístico”. Essa metáfora da “pedra angular” é muito interessante, portanto, cabe desenvolvê-la. Nas construções antigas, essa era a primeira pedra a ser assentada em um

ponto fundamental do edifício, pode-se dizer que era semelhante ao alicerce dos prédios atuais. A partir dessa pedra, eram definidas as colocações das outras, o que permitia alinhar com a máxima exatidão possível toda a construção.

Dada a anterioridade da gramática, é coerente pensar que ela é o ponto de partida para as várias reflexões acerca da língua que a sucederam, mas, quando Harris faz tal afirmação, trata-se de um aspecto pontual: a gramática (tradicional) traz consigo a abordagem sincrônica e esta é a base do estruturalismo oriundo das concepções saussurianas. Basta lembrar que noções como *valor*, *diferença* ou *analogia* são como elétrons que circundam o conceito de sincronia (“núcleo”).

O *CLG* é a fonte saussuriana que discorre com maior amplitude sobre a sincronia e a gramática. O trecho inicial sobre a gramática no *CLG* situa-a como primeira fase da “ciência que se constitui em torno dos fatos da língua” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 7):

Começou-se por fazer o que se chamava de “Gramática”. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua, visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 7).

Ao afirmar que o único objetivo da gramática era fornecer regras que distinguiriam “as formas corretas das incorretas”, Saussure enfatiza que a abordagem do gramático não era científica. Nesse contexto, ele se refere diretamente à gramática normativa, ou seja, à perspectiva baseada predominantemente em convenções e prescrições.

Em consonância com os diversos autores que trataram do tema, Saussure não escapa à tentativa de explicitação acerca da origem da gramática, especificamente, do sistema gramatical:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21).

Ainda que de forma não detalhada, há a tentativa de exposição de onde a gramática/sistema gramatical emerge. Nesse sentido, Saussure discorre sobre um sistema gramatical que cada membro da comunidade linguística possui, e que foi adquirido de forma

singular, ou seja, por meio do exercício da fala. Essa noção de sistema gramatical está associada ao conceito de *langue* saussuriano, conforme expresso no *CLG*: “um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um **sistema gramatical** que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21, grifo nosso).

Esteja o sistema gramatical ou a própria *langue* em discussão, um primeiro aspecto a ser tratado acerca da sincronia é sua relação com os falantes, pois como Saussure (2006 [1916], p. 106) pontua: “[a] sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho [...]”. Nesse contexto, a ação do falante passa ser então determinante à gramática sincrônica.

A dinâmica empreendida pelos falantes faz com que vários estados singulares da língua se sucedam ao longo dos séculos. Essa constatação se soma à tradição lógica que, como já foi exposto, tem relação com a gramática de Port-Royal, assim: “A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 116).

Contudo, nem todas as inovações oriundas da fala são incorporadas à língua, visto que esta: “retém somente uma parte mínima das criações da fala; mas as que duram são bastante numerosas para que se possa ver, de uma época a outra, a soma das formas novas dar ao vocabulário e à gramática uma fisionomia inteiramente diversa” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 197). Entende-se, portanto, que existe uma parte imutável da língua, o sistema, e as contribuições dos falantes que permitem as singularidades gramaticais e lexicais.

A discussão em torno da relação sincronia e gramática também encontra espaço no *SCLG*. Saussure emprega o termo gramática, mas rejeita parte de seus postulados: “[m]as, ao mesmo tempo, que reconhecemos que tudo o que é sincrônico em um idioma pode ser chamado de gramática, nós não precisamos aceitar de olhos fechados as chamadas subdivisões desta gramática” (SAUSSURE, 1997, p. 62, tradução nossa)⁴⁴. Nesse sentido, Saussure destaca que há regras morfológicas que se confundem com regras sintáticas. Isso ocorre também quando se busca estabelecer diferenças lexicais e diferenças gramaticais. Dada essa fragilidade na separação entre lexicologia, morfologia e sintaxe, Saussure sustenta a divisão racional do

⁴⁴ Mais en meme temps que nous reconnaissons que tout ce qui est synchronique dans une langue peut s'appeler grammaire, nous n'avons pas besoin d'accepter les yeux fermes ce qu'on appelle les subdivisions de cette grammaire. (SAUSSURE, 1997, p. 62).

sincrônico em frases e associações, ou seja: “[o] sincrônico inclui a teoria de frases e teoria das associações”. (SAUSSURE, 1997, p. 62, tradução nossa).

Se tudo o que é sincrônico em uma língua pode ser chamado de gramática, então haveria a linguística diacrônica e a linguística sincrônica como formas de abordagem da língua no contexto saussuriano. Contudo, se não há obrigatoriedade de aceitação da historicidade (gramática comparada) e nem das subdivisões (gramática tradicional), uma incoerência conceitual se instaura caso não se acompanhe o respectivo movimento de Saussure. Isso ocorre porque há o emprego do termo gramática em contraposição à tradição diacrônica, haja vista as críticas à Gramática Comparada e, também, à gramática tradicional, em razão das respectivas subdivisões.

Tal incoerência é dissolvida quando se acompanha o movimento de Saussure em relação ao conceito de gramática, pois é possível perceber que o autor opera uma síntese entre elementos de seu horizonte de retrospectiva retirados, evidentemente, da vasta bibliografia gramatical datada desde a Grécia Antiga. O genebrino separou a já desenvolvida abordagem histórica da ainda emergente abordagem sincrônica, notoriamente credora da gramática tradicional.

Uma espécie de reforço acerca da consonância ou indissociação entre sincronia e gramática se encontra no seguinte trecho do *SCLG*: “Tudo o que está na sincronicidade de uma língua, incluindo a analogia (= consequência de nossa atividade), pode ser resumido muito bem no termo gramatical em sua concepção, muito próximo do comum”⁴⁵ (SAUSSURE, 1997, p. 62, tradução nossa). Além de frisar tal aproximação, Saussure insere outro elemento importante que merece tratamento específico: a analogia.

4.2.4 O conceito de analogia e sua relação com a gramática

Orientações acerca da analogia estão maciçamente presentes nas gramáticas normativas, haja vista o objetivo de tais textos consistir em prescrever um conjunto de regras que determinam o uso correto de um idioma. Ainda que as várias classes gramaticais apresentem com maior ou menor evidência tal fenômeno, são os verbos os melhores exemplos de seu funcionamento.

Em tais gramáticas, por exemplo, é comum falar de regras de flexão. Isso faz pensar se a analogia poderia ser tratada como regra. Figueira (2015, p. 179), a partir da análise de Clark

⁴⁵ Tout ce qui est dans le synchronique d'une langue y compris l'analogie (=consequence de notre activite) se resume tres bien dans le terme de grammaire dans sa conception tres voisine de l'ordinaire (SAUSSURE, 1997, p. 62).

(1982), expõe como o conceito de regra se aproxima do conceito de analogia: “a autora deixa sob interrogação: analogia ou regra?”. A dificuldade gerada por essa pergunta e a prescindibilidade da resposta fazem com que Clark não procure discernir tais noções, nesse sentido: “a pesquisadora se inclina para a afirmação de que há entre analogia e regra um *continuum*”. Indubitavelmente esse é um tema caro aos estudos da linguagem, assim:

O fenômeno analógico mereceu, ao longo da história, a atenção dos estudos da linguagem em geral, da Gramática e, modernamente, da Linguística. Comumente foi compreendido como um modelo para a criação de palavras regido pela quarta proporcional: termo *A* está para o termo *B*, assim como *C* está para a variável *X*; a variável é o termo gerado a partir do paradigma estabelecido entre os outros 3 termos da operação. (SILVA, 2018, p. 920).

Nesse sentido, a analogia é um pilar fundamental da gramática normativa e, como exposto a seguir, da Linguística saussuriana. A partir do que fora discutido neste texto, sabe-se que o genebrino dificilmente trataria o tema gramática sem fazer referência à analogia. Aliás, esse é um tópico caro não somente a esse aspecto teórico, pois “[n]esta altura é importante notar que implicados no conceito de analogia estão todos os demais que fundam o edifício teórico saussuriano: a noção de língua e fala, as relações sintagmáticas e associativas, a noção de sistema e valor” (FIGUEIRA, 2015, p. 179).

Uma forma mais simples de exemplificar o fenômeno da analogia é a partir da flexão de verbos na fala da criança. Esta, ainda não instruída quanto aos verbos irregulares, pode realizar criações como “eu fazi” (em vez de *eu fiz*). Ela opera a analogia com vários verbos cujo pretérito tem o *-i* como desinência (*escrev-i*, *aprend-i*, *entend-i* etc.). É interessante observar que, com a instrução gramatical, essa mesma criança perceberá que tal analogia não funciona com verbos irregulares, mas funcionará com os regulares. Em outras palavras, a analogia é um fenômeno basilar para a gramática, mas, ao mesmo tempo, esta adverte com regras quando tal fenômeno não conduz corretamente o uso da norma padrão da língua em foco.

Os falantes possuem o desejo de se expressar, e as palavras contêm ideias que podem atender essa vontade. Quando o desejo não encontra a palavra adequada (por limitação do vocabulário pessoal), o falante tende a recorrer às palavras já conhecidas, que acredita transmitirem ideia semelhante, para extrair dessas os caracteres morfosintáticos e/ou semânticos que podem permitir sua expressão, ainda que inadequada conforme a norma padrão do idioma (por exemplo, “eu fazi”).

De forma concisa, Saussure define no *CLG* que “[a] analogia supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 187). O autor exemplifica:

Assim, o nominativo latino *honor* é analógico. A princípio se disse *honōs* : *honōsem*, depois, por rotacismo do *s*, *honōs* : *hōnōrem*. O radical tinha, desde então, uma forma dupla; tal dualidade foi eliminada pela nova forma *honor*, criada sobre o modelo de *orator* : *oratore* etc. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 187)

Posta dessa forma, entende-se que analogia atua exclusivamente como força de conservação na língua; contudo, a questão é mais complexa. Tanto a conservação como parte da mudança da língua podem ser atribuídas à analogia. No que tange à conservação, há pouca dificuldade em se compreender o fenômeno, mas, quando se pensa a mudança, entram em cena dois conceitos complexos: *criação* e *transformação*.

De fato, há dificuldades em tratar a analogia sob essas duas perspectivas. Pois, se por um lado palavras como *deletar* podem ser compreendidas como criação (*brasileirismo*), por outro, o sufixo *-ar* que a insere na classe dos verbos e a ideia de excluir já existem na língua portuguesa, ou seja, pode também ser entendida como uma transformação, haja vista ser uma nova forma baseada em uma antiga.

A discussão em torno da analogia, como já citado, encontra espaço no *CLG*. Há dois capítulos específicos sobre o assunto: *A analogia* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 187) e *Analogia e evolução* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 196). Os subtítulos desses capítulos ajudam a compreender o posicionamento de Saussure acerca do assunto: *Os fenômenos analógicos não são mudanças*; *A analogia, princípio das criações da língua* e *A analogia, princípio de renovação e de conservação*. Na respectiva fonte, enfatiza-se o caráter gramatical da analogia e o papel da fala nas criações analógicas:

Por conseguinte, tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1.º a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si; 2.º o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 192).

O falante é amplamente mencionado por Saussure quando comenta sobre a analogia, assim, é coerente atribuir à fala as criações; contudo, o suporte que permite tais criações não é individual, pois está associado à língua, especificamente, à sincronia, conforme o genebrino

explica: “[...] a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que é inteiramente gramatical e sincrônica” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 193).

Os apontamentos sobre as considerações de Saussure relativas à analogia feitos neste tópico estão em constante paralelo com outras noções fundamentais da Linguística, quais sejam: gramática, criação linguística, psicologia, falante e sincronia. Tais elementos caracterizam a respectiva abordagem do tema e podem ser sintetizadas a partir da conclusão de Flores (2019, p. 77): “Saussure aproxima, então, a analogia do que chama de ‘princípio [...] das criações linguísticas em geral’ (CLG: 191), ou seja, ela é de ordem psicológica e gramatical – e ambas podem ser entendidas, neste contexto, como algo que faz parte do saber do falante”.

4.2.5 Uma gramática do gótico

Duas questões podem surgir após ser colocado em paralelo por tantas vezes o nome de Saussure e o conceito de gramática neste trabalho. A primeira é se o genebrino propusera uma gramática geral, como a preconizada por Chomsky; a segunda é se ele teria tentado fazer o mesmo em relação à gramática de uma língua específica.

Quanto ao primeiro caso, vê-se o esboçar de algo cujas características principais foram dispostas, mas, textualmente, como fora demonstrado, não constituiu um projeto. No que se refere ao segundo ponto, sabe-se que Saussure não chegou a publicar gramática de uma língua específica, mas, caso tivesse objetivado tal empreendimento, provavelmente teria a língua gótica como alvo.

Textos como os de André Rousseau (2009) e Émile Benveniste (1964) fundamentam essa hipótese. O primeiro trata especificamente do curso de gramática gótica que Saussure ministrou durante onze anos em Paris; o segundo, das atividades de Saussure *École des Hautes Études*. Como destaca Rousseau (2009, p. 482), ainda que o nome Saussure evoque atualmente a figura do fundador da linguística moderna, é necessário pontuar que sua especialidade durante a estadia em Paris foram as línguas germânicas antigas, especialmente, o gótico.

Rousseau (2009, p. 490) afirma que o curso de gótico se constitui um testemunho sobre a vida de Saussure, principalmente os anos passados em Leipzig e a viagem à Lituânia. O autor afirma (ROUSSEAU, 2009, p. 498) categoricamente que “[n]a história da gramática do gótico, o curso de Saussure é de qualidade rara [...]”. Rousseau (2009, p. 498) situa o curso de gramática gótica de Saussure (1890-1891) entre o *Mémoire* (1878) e o *CLG* (1916), pode-se enxergar,

portanto, dois momentos da vida de Saussure: o indo-europeísta e o linguista generalista. Tais momentos são muito mais contínuos que antagônicos.

Segundo Rousseau (2009, p. 498), se há algo a se lamentar em torno do curso de gótico ministrado por Saussure em Paris é a sua não publicação. Fato que Saussure parecia saber, como evidenciado em sua própria afirmação, presente na entrevista concedida a Louis Gautier em 6 de maio de 1911: “Eu tenho lá [ele faz um gesto] tantas obras inéditas” (ROUSSEAU, 2009, p. 498).

Para Rousseau (2009, p. 498), o curso de gótico, dentre outros ministrados em Paris, alimentou o *CLG*, tal como já observado por Rudolf Engler. De fato, há passagens e capítulos dedicados à linguística histórica no *CLG* que comumente apresentam exemplos retirados de línguas germânicas antigas. Assim, apesar desse curso de gótico se referir a descrição de uma língua conhecida somente por documentos escritos e, por conseguinte, se tratar de uma abordagem diacrônica, as reflexões advindas das aulas ocuparam uma posição central no desenvolvimento de ideias saussurianas, especialmente, como já pontuado, no *CLG*.

A partir dos cursos de gótico, palestras sobre o tema e os resumos escritos pelo próprio Saussure no Anuário, em razão de seu trabalho na *École des Hautes Études*, Rousseau buscou detalhar, no tópico *Saussure et l’enseignement* de seu texto, a forma como o genebrino concebia seu ensino. Nesse trecho, é importante destacar a visão acerca da gramática, tratada enfaticamente em nos itens 2 e 3.

2) Recomenda abordar a gramática de uma língua, distinguindo rigorosamente os **três pontos de vista: descritivo, comparativo e histórico**. Este é um dos princípios fundamentais da sua doutrina e seu ensino. 3) **O estudo da gramática em si é concebido como inseparável do estudo e interpretação de textos**, o que explica talvez ele não expor a sintaxe separadamente, o que poderia então ser estudado e comentado dentro dos textos. (Esta hipótese é confirmada pelo exame do manuscrito das notas do curso tomadas por Duchosal, Bibl. Genebra). (ROUSSEAU, 2009, p. 502, tradução e grifo nossos)⁴⁶.

Evidentemente, os pressupostos relativos à constituição de uma gramática referente a uma língua conhecida unicamente por documentos escritos não poderiam ser os mesmos para qualquer língua, tampouco quer se afirmar que tais recomendações constituiriam os

⁴⁶ 2) Il préconise d’aborder la grammaire d’une langue en distinguant rigoureusement les trois points de vue: descriptif, comparatif et historique. Voilà encore un des principes fondamentaux de sa doctrine et de son enseignement. 3) L’étude de la grammaire proprement dite est conçue comme inséparable de l’étude et de l’interprétation des textes, ce qui explique peut-être qu’il n’ait pas exposé séparément la syntaxe, qui pouvait alors être étudiée et commentée au sein des textes. (Cette hypothèse est confirmée par l’examen du manuscrit des notes de cours prises par Duchosal, Bibl. Genève). (ROUSSEAU, 2009, p 502).

fundamentos da gramática de Saussure, caso ele viesse a publicar algo desse gênero. Contudo, ao cruzar tais informações com o que se constatou nos *Cadernos* e no *CLG* é possível reconhecer algumas regularidades em torno da gramática na concepção saussuriana.

Tais regularidades consistem em não descreditar as abordagens comparativa e histórica, mas inserir o método descritivo em paralelo. Essas duas primeiras perspectivas já possuíam significativa tradição no âmbito dos estudos da linguagem, não era possível ou necessário lançar a pedra fundamental de tais abordagens. Também não se pode garantir que nenhuma abordagem descritiva da língua tenha sido realizada antes de Saussure. Assim, ao se questionar qual seria, portanto, a contribuição fundamental do genebrino nesse debate, a resposta mais adequada é inserção do conceito de sincronia mediante a centrifugação do conceito de gramática.

4.2.6 A centrifugação do conceito de gramática

Os estudos linguísticos realizados no século XIX tiveram como fonte mais comum textos relacionados às línguas conhecidas somente por documentos escritos ou estágios remotos de língua modernas. Tal fator impacta no limitado número de enunciados disponíveis à análise e a ausência de dados fonéticos, haja vista as fontes serem escritas. Essa “desvantagem” evidentemente reduziu o alcance de tais investigações, pois não é novidade que as línguas em uso possuem diversos aspectos que as línguas conhecidas exclusivamente por documentos escritos não apresentam, ou seja, a ação dos falantes nativos.

Os tais textos relacionados às línguas sem falantes nativos ou a estágios longínquos de línguas modernas eram predominantemente as gramáticas de tais línguas. Tal aspecto condicionou a denominação das abordagens do respectivo período: Gramática Histórica, Gramática Comparada e Neogramática. Saussure, como já foi demonstrado, tinha conhecimento do modo como a gramática tangenciava essas perspectivas e sabia também que, se esta viesse a tangenciar igualmente sua concepção, dificilmente ocorreria, não que ele pudesse prever, o movimento epistemológico que fundou a Linguística moderna.

A sincronia não depende fundamentalmente da linha temporal, satisfaz-se apenas com um recorte. A prescindibilidade de tal linha se vincula ao caráter mais dinâmico e empírico propiciado pelas abordagens recortadas do tempo. Assim, é dinâmico porque permite tratar períodos mais recentes, dos quais se tem mais informações acerca da língua objeto; é mais empírico porque lida com registros cuja materialidade é mais tangível. Esses fatores agregam mais cientificidade à Linguística, objetivo não velado por Saussure.

Fora da linha temporal, resta indagar qual seria o entendimento de Saussure sobre a gramática ao pensar a língua como sistema. Mesmo que não haja fontes em que o genebrino

responda precisamente tal questionamento, é possível encontrar algumas assertivas que, se não nos indicam um conceito saussuriano de gramática nesse ínterim, ao menos pontuam o que de forma alguma poderia ser entendido como tal:

A Linguística estática ou descrição de um estado de língua **pode ser chamada** de Gramática, no sentido muito preciso e ademais usual que se encontra em expressões como “gramática do jogo de xadrez”, “gramática da Bolsa” etc., em que se trata de um objeto complexo e sistemático, que põe em jogo valores coexistentes. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 156, grifo nosso).

Segundo De Mauro (1967, p. 471), as fontes desse trecho são duas aulas separadas do *Segundo curso de linguística geral* ministrado em Genebra. Ao analisar os cadernos desse curso (SAUSSURE, 1997), de fato é perceptível uma maior discussão acerca do conceito de gramática. Nesse contexto, dois pontos merecem destaque: o primeiro diz respeito ao trecho grifado “pode ser chamada”; o segundo, refere-se à compreensão da gramática como uma espécie de jogo.

No primeiro caso, percebe-se que o foco não é defender ou determinar um conceito de gramática, mas sim difundir a Linguística estática, tomando emprestado, se necessário, o termo gramática. No segundo, é importante destacar a metáfora do jogo adotada por Saussure. Hjelmslev, posteriormente, buscou justificar essa opção:

Um valor econômico é, por definição, um termo duplo: ele não apenas desempenha o papel de constante em relação às unidades concretas de dinheiro, mas também desempenha em si o papel variável em relação a uma quantidade fixa da mercadoria que serve como padrão. Na linguística, pelo contrário, não há nada que corresponda ao padrão. É por isso que o jogo de xadrez e não o fato econômico permanece para F. de Saussure a imagem mais fiel de uma gramática. (HJELMSLEV, 1942, p. 39-40, tradução nossa)⁴⁷.

Hjelmslev (1942, p. 39-40) ainda explica que o esquema da linguagem é basicamente um jogo. Contudo, é a noção de valor (tomada como empréstimo pelo jogo, pela gramática e pela economia) que melhor elucida o tipo de características que liga o esquema a outras camadas da linguagem. Nesse sentido, uma peça de prata existe em virtude do valor e não ao contrário; igualmente, som e significado existem em virtude da forma pura e não o oposto disso.

⁴⁷ Une valeur économique est par définition un terme à double face: non seulement elle joue le rôle de constante vis-à-vis des unités concrètes de l'argent, mais elle joue aussi elle-même le rôle de variable vis-à-vis d'une quantité fixée de la marchandise qui lui sert d'étalon. En linguistique au contraire il n'y a rien qui corresponde à l'étalon. C'est pour-quoi le jeu d'échecs et non le fait économique reste pour F. de Saussure l'image la plus fidèle d'une grammaire. (HJELMSLEV, 1942, p. 39-40).

Harris (1988, p. 65) destaca que a gramática se assemelha à constituição de um jogo, visto que se são diferentes os componentes e as regras, tem-se um jogo diferente. A gramática assim descrita se relaciona com a noção de arbitrariedade proposta pelo próprio Saussure, pois, um jogo, por exemplo, não dependeria da história para funcionar, demandaria somente regras organizadas, objetivas e, evidentemente, pré-concebidas. Ainda sobre a arbitrariedade é importante citar:

O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe. **O princípio enunciado acima domina toda a linguística da língua;** suas consequências são inúmeras. É verdade que nem todas aparecem, à primeira vista, com igual evidência; somente ao cabo de várias voltas é que as descobrimos e, com elas, a importância primordial do princípio. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 82, grifo nosso).

Como Saussure pontua, o princípio da arbitrariedade “domina toda a linguística da língua”; desse modo, ao compreender a gramática como parte integrante da língua, esta obedeceria ao princípio da arbitrariedade. Contudo, é importante destacar que não se fala de arbitrariedade dos termos relacionados à gramática, posto que estes foram elaborados por gramáticos, fala-se da arbitrariedade do sistema gramatical.

Acerca desse sistema é importante discorrer sobre a vinculação destacada por Saussure entre a gramática e os eixos sintagmático e associativo: “[s]eria necessário poder **reduzir** dessa maneira cada fato à sua ordem, sintagmática ou associativa, e coordenar toda a matéria da Gramática sobre esses dois eixos naturais [...]” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 159, grifo nosso).

A ideia de redução se destaca, pois está perfeitamente em consonância com os princípios de um sistema, tal como preconizado por Condillac (1984, p. 3): “o sistema é tão mais perfeito quanto os princípios o são no menor número: é mesmo desejável que se os reduza a um só”. No que tange à língua, esse processo pode ser entendido como a construção de uma língua ideal, aspecto que pode ser alvo de críticas por parte daqueles que defendem uma concepção de língua distinta:

Aqueles que criticam a linguística formal nascida com Saussure de se reduzir a um objeto-língua “ideal”, não percebem que essa redução está ligada a essa escolha bem geral de partida: a língua é um sistema, em vez de - definição muito mais banal e que está longe de ser equivalente - um instrumento (meio, utilitário) de comunicação (NORMAND, 2009, p. 51).

Princípios e conceitos gramaticais, independente da vertente, existem em abundância. Por vezes, sombreiam-se ou se contradizem, nesse sentido, essa espécie de “revisão terminológica”, resultante de uma perspectiva sincrônica, seria muito pertinente, mas como o

próprio Saussure destaca: “[...] nos limitamos a propor os princípios mais gerais (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 159).

Esse processo reducionista caracteriza algumas abordagens positivistas. Vale destacar que algumas dessas diretrizes conseguiram encontrar condições de desenvolvimento no âmbito dos estudos da linguagem, mas foram alvo de críticas, como exposto a seguir:

O papel da ideologia positiva decorrente do curso da filosofia positiva de A. Comte e transmitido por *Littré* é essencial na constituição da linguística como uma ciência autônoma, livre da gramática, da filologia e da retórica. Conservamos, em particular, a fé na unidade fundamental do método da ciência, que leva à esperança de uma redução de todos os campos do conhecimento em uma mesma ciência física, cujas explicações se estendem às propriedades e os fenômenos mais universais na natureza. (MÉDINA, 1978, p. 6, tradução nossa)⁴⁸.

Tal fé, como destaca Médina (1978, p. 6), é apenas uma esperança, visto que a classificação da ciência proíbe qualquer redução do superior ao inferior, como no caso da “física social” praticada no século XVIII. Nesse sentido, Comte teria desaprovado o positivismo de August Schleicher (1821-1868) em razão de sua abordagem naturalista da língua. Como se sabe, as concepções de Schleicher sofreram diversas críticas, visto que, no cerne de seu pensamento, a língua é entendida como organismo vivo sujeito a leis, ao qual seria possível aplicar as teorias evolucionistas de Darwin. Isso era condizente à época, pois garantia à ciência da linguagem um objeto real, o qual, em razão da regularidade atribuída, poderia ensejar uma linguística geral.

A redução de toda a matéria da gramática às ordens sintagmática ou associativa (cf. SAUSSURE, 2006 [1916], p. 159) não se estabelece a partir do evolucionismo ou tem qualquer relação com a biologia. Ao contrário, constrói-se unicamente a partir do sistema. Tal sistema gramatical operaria basicamente a partir de relações *em presença* (sintagma) e a partir de relações *em ausência* (associação). No primeiro caso, tais relações funcionariam por contraste e, no segundo, por oposição. Por exemplo, na frase “O livro é novo”: “O”, no eixo sintagmático, cumpre a função de artigo, que o contrasta com “livro”, que cumpre a função de substantivo. Já no eixo associativo, “O” se opõe aos demais artigos da língua portuguesa (a, um, uma etc.). Em relação ao sintagma, pontua Godel:

⁴⁸ Le rôle de l'idéologie positive issue du cours de philosophie positive d'A. Comte et véhiculée par Littré est essentiel dans la constitution de la linguistique comme science autonome dégagée de la grammaire, de la philologie et de la rhétorique. Nous retenons, en particulier, la foi en l'unité fondamentale de la méthode de la science, qui conduit à espérer une réduction de tous les domaines du savoir en une seule et même science physique dont les explications s'étendent aux propriétés et aux phénomènes les plus universels dans la nature (MÉDINA, 1978, p. 6).

[...] pode o conceito de sintagma, que tem seu lugar bem marcado na teoria da linguagem, ser usado proveitosamente na descrição de linguagens particulares? Saussure queria, com razão, basear a gramática em uma teoria de sintagmas e uma teoria de grupos de associação. Ele sempre distinguiu unidades e subunidades. (GODEL, 1969, p. 128, tradução nossa)⁴⁹.

Dessa forma, as relações entre as palavras ganhariam maior destaque na análise que as categorizações das palavras, posto que estas, frequentemente, revelam não dar conta da complexidade da língua, como demonstrado no caso da locução *em consideração a*.

Os termos de classificação, associação sugerem a ideia de que a gramática de uma língua consiste no sistema de relações associativas. Mas é precisamente por ocasião da classificação interior que Saussure, duas vezes, opõe-se a duas ordens de relação entre unidades: “uma ordem discursiva, que é necessariamente a de cada unidade na frase ou na palavra [...]; então outro, a ordem intuitiva, que é aquela das associações [...] que não estão no sistema linear, mas que a mente abraça de uma só vez. (GODEL, 1975, p. 82, tradução nossa)⁵⁰.

Godel (1975, p. 82) complementa que a gramática saussuriana consiste essencialmente em uma morfologia. Contudo, é necessário elucidar que a ordem discursiva mencionada diz respeito àquela das unidades “na frase ou na palavra”; nesse sentido, a sintaxe não é ignorada. Godel lembra que Saussure, por ocasião ou interesse, não se ocupou diretamente da discussão em torno da sintaxe. Como destacado pelo autor (GODEL, 1975, p. 82), vê-se somente no segundo curso de Saussure a referência específica acerca do assunto: “[a] sintagmática não tem que lidar particularmente com a sintaxe: nas subunidades da palavra, já existem fatos sintagmáticos [...]”.

Ao considerar o sistema gramatical como arbitrário, pode-se refletir sobre qual seria a origem ou a fonte da gramática. Tal reflexão não chegaria a uma conclusão irrefutável, dada a complexidade do tema e a carência de informações precisas; contudo, Saussure expõe aspectos importantes:

Pode-se dizer que a soma das classificações conscientes e metódicas feita pelo gramático que estuda um estado de língua sem fazer intervir a história deve coincidir com a soma das associações, conscientes ou não, postas em jogo na fala. São elas que fixam em espírito as famílias de palavras, os paradigmas de flexão, os elementos

⁴⁹ [...] le concept de syntagme, qui a sa place bien marquée dans la théorie du langage, peut-il être utilisé avec profit dans la description des langues particulières? Saussure voulait, avec raison, fonder la grammaire sur une théorie des syntagmes et une théorie des groupes d'association'. Il a pourtant toujours distingué des unités et des sous-unités. (GODEL, 1969, p. 128).

⁵⁰ Les termes de classement, association suggèrent l'idée que la grammaire d'une langue consiste dans le système des rapports associatifs. Mais c'est justement à l'occasion du classement intérieur que Saussure, par deux fois, oppose deux ordres de relation entre unités: «un ordre discursif, qui est forcément celui de chaque unité dans la phrase ou dans le mot (signi-fer); puis un autre, l'ordre intuitif, qui est celui des associations (signifier:fero, etc.) qui ne sont pas dans le système linéaire, mais que l'esprit embrasse d'un seul coup ». (GODEL, 1975, p. 82).

formativos: radicais, sufixos, desinências etc. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160, grifos do autor).

Saussure atribui aos falantes a responsabilidade pelo funcionamento do sistema gramatical. Dessa forma, caberia ao gramático classificar os usos linguísticos que emanam dos falantes. Isso deveria ser feito da forma mais detalhada possível para que sua gramática fosse um retrato fiel da língua descrita. Tal gramático, por mais atento que fosse, jamais conseguiria acessar a consciência dos falantes em sua totalidade. Ainda que conseguisse, não poderia determinar com exatidão que o sistema gramatical teria se revelado totalmente em um ou mais falantes. Saussure ainda frisa que:

A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A Linguística diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, prospectiva, que acompanhe o curso do tempo, e outra retrospectiva, que faça o mesmo em sentido contrário; daí um desdobramento do método [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 106)⁵¹.

Tudo isso leva à constatação da complexidade relativa à busca, nos moldes saussurianos, da gramática em sua plenitude ou imanência. Além disso, a fugacidade dessa gramática imanente também permite interpretar como hipotéticas ou limitadas as várias descrições gramaticais realizadas pelos gramáticos antigos, comparatistas, neogramáticos etc.

A concepção relacionada à gramática sincrônica se constitui, portanto, como um indício relevante do movimento epistemológico que o pensamento de Saussure instaurou nesse campo de discussões. Tal movimento não incide apenas nas questões de ordem gramatical, alcançam de forma significativa o cerne do estruturalismo, conforme já citado:

O conceito de gramática de Saussure é a pedra angular do estruturalismo linguístico. A gramática é essencialmente sincrônica. Para qualquer idioma, em qualquer estágio de sua história, a totalidade dos fatos sincrônicos estruturais constitui sua gramática. É por isso que, para Saussure, os fatos gramaticais abrangem uma gama muito mais ampla do que a tradicionalmente subordinada ao termo gramática: em particular, os fatos gramaticais não são meramente da morfologia e sintaxe (distinção que, em qualquer caso, Saussure rejeita). (HARRIS, 1988, p. 65, tradução e grifo nossos)⁵².

⁵¹ É interessante observar que Saussure trata de diversos conceitos relativos ao tempo. Nesse caso, especificamente, ele emprega os termos *prospective* [prospectiva] e *retrospective* [retrospectiva], muito similares, pelo menos morfologicamente, às categorias históricas (retrospecção e projeção) empregadas neste texto.

⁵² Saussure's concept of grammar is the keystone of linguistic structuralism. Grammar is essentially synchronic. For any given language, at any given stage in its history, the totality of structural synchronic facts constitutes its grammar. That is why for Saussure grammatical facts embrace a far wider range than was traditionally subsumed under the term grammar: in particular, grammatical facts are not merely those of morphology and syntax (a distinction which in any case Saussure rejects). (HARRIS, 1988, p. 65).

Para compreender essa questão, é importante retomar o conceito de estruturalismo e compreender sua relação com a gramática. Como exposto por Paul Garvin (GARVIN, 1964 apud CÂMARA JR. 1967, p. 5-6), o estruturalismo não consiste em uma teoria ou um método, trata-se de um “ponto de vista epistemológico”. Considera que “todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem lugar definido” (GARVIN, 1964 apud CÂMARA JR. 1967, p. 5-6).

Ainda que haja várias acepções para o termo gramática, é possível encontrar como denominador comum entre elas a existência de regras. Tais regras não são aleatórias ou desconexas, pois trabalham em prol de um sistema. Em outras palavras: “A gramática torna-se assim a principal disciplina linguística, uma vez que estuda a linguagem como um sistema de regularidades” (VVEDENSKIJ, 2000, p. 219, tradução nossa)⁵³.

Um ponto que chama atenção na análise das fontes utilizadas neste trabalho é a similaridade, já mencionada, dos trechos referentes à relação gramática e sincronia. Em outras palavras, há semelhanças que extrapolam a questão meramente conceitual e beiram a equivalências estilísticas. Tal fato pode consistir em um indício material da fidelidade no tratamento das respectivas ideias saussurianas por parte dos editores, assim como pode indicar que nesse campo, mais que em outros, Saussure detinha convicções.

Falar de convicção em um pensamento em construção é arriscado, mas ao recorrer à regularidade e à homogeneidade de referências nas fontes, como indício desse elemento, pode-se fazer as inferências necessárias à compreensão de uma ideia, mesmo em seu estado germinal. Assim, as reiteradas vezes que Saussure coloca em paralelo os termos gramática e sincronia, concedendo primazia ao segundo, fazem com que se perceba um movimento centrífugo em relação ao termo gramática. A realização desse movimento não faz com que o conceito de gramática desapareça, mas sim que se distancie do centro das atenções de Saussure e, por conseguinte, da Linguística.

No âmbito estritamente físico, tal movimento ocorre quando um objeto se afasta do eixo central a cada volta realizada; quando não há contenção, o objeto se afastará cada vez mais do centro. Quando a contenção existe, caso das máquinas lava-roupas, o objeto se afastará tanto quanto permitir a contenção. No que tange ao tema deste texto, é possível imaginar o conceito de gramática circundando o eixo conceitual da Linguística, é possível entender a concepção de

⁵³ La grammaire devient ainsi la principale discipline linguistique, puisqu'elle étudie la langue comme système de régularités. (VVEDENSKIJ, 2000, p. 219).

Saussure como uma força que empurra o termo gramática para longe do respectivo eixo e, em seu lugar, insere o conceito de sincronia.

Se tal centrifugação ocorreu, por que o termo gramática ainda persiste fortemente na Linguística? As respostas podem ser diversificadas. Para se ater a uma, é possível imaginar a contenção desse movimento. Esse controle foi exercido pela tradição dos estudos gramaticais que antecedeu as concepções de Saussure e que as sucederam, haja vista a manutenção de vários aspectos das gramáticas greco-romanas em compêndios contemporâneos. Assim, o conceito permaneceu, mas, no âmbito da Linguística saussuriana, não teve primazia.

É necessário elucidar que não se trata de uma mera troca terminológica, mas sim uma mudança profunda de perspectiva. Essa guinada, conforme já citado, fora feita a partir da convergência de abordagens pretéritas, pois, como destaca Saussure:

De outro lado, como procederam os que estudaram a língua antes da fundação dos estudos linguísticos, vale dizer, os “gramáticos” inspirados pelos métodos tradicionais? É curioso observar que seu ponto de vista sobre a questão que nos ocupa é absolutamente irrepreensível. Seus trabalhos nos mostram claramente que querem descrever estados; seu programa é estritamente sincrônico. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97-98).

Essa referência à gramática no *CLG* foca novamente o trabalho dos gramáticos antes da fundação dos estudos linguísticos. Saussure exemplifica sua afirmação a partir da gramática de Port-Royal que, segundo ele (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97-98) “tenta descrever o estado da língua francesa no tempo de Luís XIV e determinar-lhe os valores”. Saussure então explica que tal gramática não necessita da língua medieval, pois é conduzida pelo eixo das simultaneidades, que exclui qualquer influência temporal. O genebrino (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 97-98) ainda acrescenta que tal método empregado pela gramática de Port-Royal é correto; contudo, sua aplicação não está livre de imperfeições.

No *SCLG* (1997, p. 62), após uma discussão acerca da analogia, Saussure parece resumir o que se buscou expor neste tópico sobre a centrifugação do conceito de gramática. Por meio do esquema a seguir, ele estabelece uma espécie de eixo teórico-temporal referente à relação entre gramática e sincronia:

Quadro 4 – Gramática e sincronia

gramatical = signifiante = pertencente a um sistema de signos = sincrônico <i>ipso facto</i>
--

Fonte: *SCLG* (SAUSSURE, 1997)

Diz-se teórico-temporal, pois o autor parte de uma noção amplamente discutida em seu horizonte de retrospecto para uma forma “rejuvenescida” de interpretação das questões gramaticais. No *CLG*, pode-se encontrar uma observação que reforça a hipótese de que a redução das questões gramaticais aos eixos era algo novo e que, por conseguinte, a projeção saussuriana acerca da gramática teria como base a sincronia: “Há um tema importante que ainda não foi tocado e que mostra justamente a necessidade de examinar toda questão gramatical dos dois pontos de vista [eixos] distinguidos mais acima. Trata-se das entidades abstratas em Gramática” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160).

No *CLG*, há o capítulo *Papel das entidades abstratas em Gramática* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160). De acordo com De Mauro (1967, p. 471), a fonte desse tópico é uma lição do terceiro curso ministrado em Genebra. Para De Mauro, Saussure deve ter sentido vergonha ao usar o termo *abstrato* para designar processos e padrões. O autor (DE MAURO, 1967, p. VIII) ainda explica que:

É por isso que Saussure, embora compreenda e defina perfeitamente o caráter abstrato das entidades linguísticas, é forçado a evitar o uso do abstrato, exposto a mal-entendidos indesejáveis. Assim, ele acaba falando de entidades psíquicas (um termo que ele distingue cuidadosamente de psicológico) [...]. (DE MAURO, 1967, p. VIII, tradução nossa)⁵⁴.

O tratamento de tais entidades principia, no *CLG*, pelo aspecto associativo. Para isso, Saussure faz uma explanação acerca de um conceito muito relevante ao Estruturalismo linguístico: a relação.

Trata-se das entidades abstratas em Gramática. Consideremo-las primeiramente sob o aspecto associativo. Associar duas formas não é sentir que elas oferecem algo de comum; é também distinguir a natureza das relações que regem as associações. Assim, as pessoas têm consciência de que a relação que une *ensinar* a *ensinamento* ou *julgar* a *julgamento* não é a mesma que a que vêm entre *ensinamento* e *julgamento* (ver. p. 145 s.). É por aí que o sistema das associações se relaciona com o da Gramática. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160).

Saussure (2006 [1916], p. 160) ainda explica, como já citado, que as classificações realizadas pelo gramático acerca de uma língua, sem levar em conta a questão histórica, “deve coincidir com a soma das associações, conscientes ou não, postas em jogo na fala” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160). Em outras palavras, o gramático, sob a perspectiva

⁵⁴ C'est pourquoi Saussure, saisissant pourtant et définissant parfaitement le caractère abstrait des entités linguistiques, est contraint d'éviter l'usage d'abstrait, exposé à des malentendus indésirables. Il finit ainsi par parler d'entités psychiques (terme qu'il distingue soigneusement de psychologique) [...]. (MAURO, 1967, p. VIII).

sincrônica, não pode se distanciar do falante, pois este é o responsável pelo retrato mais fiel do estado de língua em que se encontra.

Tem-se, portanto, por um lado a classificação do gramático e por outro a associação do falante. Mas em que consistiria tal associação? Saussure elucida que essa ação não se limita a elementos materiais. Conforme ele próprio explica com exemplos de palavras ligadas apenas pelo sentido (cf. *ensinamento, aprendizagem, educação* etc.). O genebrino defende que o mesmo:

[...] deve acontecer em Gramática: sejam os três genitivos latinos: *domin-i, rēg-is, rosarum*; os sons das três desinências não oferecem nenhuma analogia que dê lugar à associação; mas elas estão, no entanto, associadas pelo sentimento de um valor comum que dita um emprego idêntico; isso basta para criar a associação na ausência de todo suporte material, e é assim que a noção de genitivo em si adquire um lugar na língua. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 160-161).

Saussure explica que, de modo análogo, as desinências de flexão latinas *-us, -i* e *-o* (*dominus, domini* e *domino*) “estão unidas na consciência e despertam as noções mais gerais de caso e de desinência casual. Associações da mesma ordem, mas mais amplas ainda, ligam todos os substantivos, todos os adjetivos etc., e fixam a noção das partes do discurso” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 161). O genebrino entende que esses aspectos fazem parte da língua, “mas a título de *entidades abstratas*”. Segundo o autor, o estudo dessas entidades não era fácil, pois não havia possibilidade de se saber com exatidão:

[...] se a consciência das pessoas que falam vai sempre tão longe quanto as análises do gramático. O essencial, porém, é que *as entidades abstratas repousam sempre, em última análise, em entidades concretas*. Nenhuma análise gramatical é possível sem uma série de elementos materiais que lhe sirvam de substrato, e é sempre a esses elementos que cumpre voltar, no fim de contas. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 161).

Após a discussão sobre as entidades concretas na perspectiva associativa, Saussure foca a análise do ponto de vista sintagmático: “[o] valor de um grupo está amiúde ligado à ordem de seus elementos. Analisando um sintagma, o falante não se limita a distinguir-lhe as partes; observa também entre elas certa ordem de sucessão” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 161). A ordem de sucessão significa, assim:

O sentido do português *desej-oso* ou do latim *signi-fer* depende do lugar respectivo das subunidades: não se poderia dizer *oso-desejo* ou *fer-signum*. Um valor pode, inclusive, não ter qualquer relação num elemento concreto (como *-oso* ou *-fer*) e resultar apenas da ordenação dos termos; se, por exemplo, em francês os dois grupos

je dois e *dois-je?* têm significações diferentes (“eu devo” e “devo eu?”), isso não se deve senão a ordem das palavras. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 161).

Saussure (2006 [1916], p. 161) explica que “[u]ma língua exprime às vezes, pela sucessão dos termos, uma ideia que outra exprimirá por um ou diversos termos concretos”, conforme o quadro a seguir:

Quadro 5 - Entidade abstrata e termo concreto

Inglês	<i>Gooseberry wine/ gold watch</i>	Ideia expressa pela ordem pura e simples dos termos relações.	Entidade abstrata
Português	Vinho <u>de</u> groselhas/ relógio <u>de</u> ouro	Ideia expressa por preposições.	Termo concreto

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Saussure (2006 [1916])

Não se pode considerar que uma língua seja totalmente composta por entidades abstratas ou termos concretos. A análise de tais aspectos deve ocorrer no nível de expressões específicas conforme os exemplos acima, pois, em uma mesma língua, pode haver os dois fenômenos supracitados.

Todavia, se a ordem das palavras é incontestavelmente uma entidade abstrata, não é menos verdadeiro que deve sua existência tão-somente as unidades concretas que a contêm e que correm numa só dimensão. Seria errôneo crer que haja uma sintaxe incorporal fora dessas unidades materiais distribuídas no espaço. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 161).

Tais questões podem ser evidenciadas ao colocar em paralelo aspectos sintáticos de diferentes línguas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 6 – Formas de expressão da sintaxe

Inglês	<i>The man I have seen</i>	Sintaxe que parece representada por zero
Português	O homem <u>que</u> vi	Sintaxe expressa pelo pronome <i>que</i>
Francês	<i>L'homme <u>que</u> j'ai vu</i>	Sintaxe expressa pelo pronome <i>que</i>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Saussure (2006)

Quando se faz um exercício de tradução no qual se chocam fatos de sintaxes diferentes, cria-se, como Saussure descreve, uma ilusão de que o nada possa expressar algo, pois, “em realidade, as unidades materiais, alinhadas numa certa ordem, criam por si sós esse valor” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 162). Essa ilusão precisa ser enfatizada, pois “[f]ora de uma

soma de termos concretos, seria impossível raciocinar acerca de um caso de sintaxe” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 162).

Esse modo de interpretar o fenômeno parece indicar que, por exemplo, no caso de *Gooseberry wine*, o falante associa por um lado, o produto e por outro a matéria prima, esse paralelismo lhe basta para compreender o tipo de vinho ao qual se refere, pois tal aproximação de sentidos, de forma denotativa, não lhe sugere outra coisa. Em suma, é o princípio da diferenciação que exerce sua influência no sentido. Nas palavras de Saussure (2006, p. 162): “pelo simples fato de que se compreenda um complexo linguístico (por exemplo, as palavras inglesas citadas acima), tal sequência de termos constitui a expressão adequada do pensamento”. Uma unidade material existe somente pelo sentido, pela função de que se reveste [...]”.

Saussure (2006 [1916], p. 162) destaca que tal entendimento é fundamental para a compreensão das unidades restritas, haja vista a predisposição à crença acerca de sua materialidade pura. Um exemplo dessa crença, conforme Saussure, é acreditar que o verbo *amar* só existe em razão dos sons que o constituem. Tal interpretação atribuiria demasiado papel à fonética ou à fonologia em detrimento da semântica, sintaxe, morfologia etc. Isso não significa prescindir das questões relativas aos sons das palavras, pois:

Inversamente - como se acaba de ver - um sentido, uma função só existem pelo suporte de alguma forma material; se formulamos esse princípio a propósito de sintagmas mais extensos ou tipos sintáticos, foi porque é-se induzido a ver neles abstrações imateriais planando acima dos termos da frase. Esses dois princípios, com se completar, concordam com nossas afirmações relativas à delimitação das unidades (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 162).

Quando Saussure faz referência à discussão acerca da delimitação das unidades, ele retoma o capítulo do *CLG As entidades concretas da língua* (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 119). De acordo com De Mauro (1967, p. 457), parte desse capítulo do *CLG* teve origem em duas lições de 5 e 9 de maio de 1911 (relativas ao terceiro curso). O título do capítulo proposto por Saussure era: *Quais são as entidades concretas que compõem a língua?*

No início dessa seção, Saussure pontua que: “[a] entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado [...]; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 119). Saussure alerta para o equívoco que seria tomar apenas uma parte da entidade, o significante ou o significado, e acreditar tê-la captada integralmente. Nesse sentido, tal equívoco resultaria na segmentação da cadeia falada em sílabas, unidade cujo valor é exclusivo

à Fonologia, pois: “[u]ma sequência de sons só é linguística quando é suporte de uma ideia; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fisiológico” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 119).

De modo análogo, o equívoco se repetiria caso se segmentasse a cadeia falada apenas sob o prisma do significado, pois, como Saussure ilustra, *casa*, *branco* e *ver* são conceitos que, intrinsecamente, concernem à Psicologia. Tais conceitos “só se tornam entidades linguísticas pela associação com imagens acústicas; na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 119). Um exemplo que ajuda a entender essa noção é o do falante quando se depara com uma língua desconhecida:

Quando ouvimos uma língua desconhecida, somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que essa análise se torna impossível se se levar em conta somente o aspecto fônico do fenômeno linguístico. Mas quando sabemos que significado e que papel cumpre atribuir a cada parte da sequência, vemos então tais partes se desprenderem umas das outras, e a fita amorfa partir-se em fragmentos; ora, essa análise nada tem de material. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 120).

A interdependência entre conceito e substância fônica é patente na concepção saussuriana. Esses dois aspectos resumem inúmeros outros relacionados à gramática tradicional (fonética, fonologia, semântica etc.), assim como a questão relacionada aos eixos. Em ambos os casos, o princípio da diferenciação é o aspecto fundamental. Agindo em tais frentes, esse princípio contribui para a centrifugação do conceito de gramática, pois suas consequências afetam muitos outros conceitos da gramática tradicional, conforme se discutiu acerca das noções de lexicalização e gramaticalização.

Desse modo, o afastamento das concepções mais usuais de gramática ocorre pelo estabelecimento não somente da perspectiva sincrônica, mas também pela delimitação da língua como um sistema de valores. Isso leva à conclusão de que a centrifugação manteve o comparatismo e a maior parte das divisões tradicionais de gramática vinculada à Linguística Histórica e direcionou a gramática, entendida como sistema, à Linguística sincrônica.

CONCLUSÃO

O interesse acerca da língua ocupou lugar de destaque na história humana como evidenciam diversos textos antigos. Na passagem milenar da Grécia Antiga à Modernidade, os enfoques acerca desse assunto foram variados, mas nenhum persistiu de forma tão veemente como a gramática. Seria equivocado compreender, como já foi exposto, que sob esse conceito exista apenas uma abordagem. Ainda assim, é coerente acreditar que, nessa pluralidade de estudos diferentes intitulados *gramática*, há algo que os tangencia, algo extralinguístico que fascina o pesquisador, o professor e o aluno. É possível ousar e postular que esse denominador comum é o desejo de racionalizar os meandros da eterna companheira dos seres humanos: a língua.

A gramática foi por séculos a tentativa mais exitosa na tarefa de racionalizar a língua. Trabalho difícil, haja vista o quão tortuoso e fugidio era seu objeto. Além disso, os gramáticos se viam frequentemente entre a abstração de uma língua inerte tangível e a concretude de uma língua em constante movimento. Mesmo com tais desafios, é indubitável a existência de triunfos tanto no campo da pesquisa quanto no âmbito do ensino de línguas. No primeiro caso, são conhecidas as contribuições para o conhecimento acerca da história e do funcionamento das línguas; no segundo, são incontáveis as pessoas letradas por intermédio da gramática.

Foi justamente a partir dos trabalhos do referido campo de pesquisa que surgiu o contexto acadêmico que proporcionou a formação científica de Saussure e de tanto outros linguistas no século XIX. Esse mesmo contexto permitiu que o genebrino atuasse como docente e pudesse ministrar palestras e cursos imprescindíveis, como se sabe atualmente, à constituição da Linguística e disciplinas afins. Além disso, o já mencionado desejo antigo de racionalizar a língua teve efeito sobre Saussure, especificamente sobre o tratamento empregado às divisões da gramática.

A releitura dos textos que tiveram como origem as ideias saussurianas trouxeram à tona descobertas e interpretações que vêm reconduzindo o modo como Saussure foi ou ainda é compreendido. Para além do “autor das dicotomias”, o genebrino legou aos estudos da linguagem uma extensa discussão de ordem epistemológica, elemento fundamental à Linguística, ciência que se encontrava em sua fase inicial nos primeiros anos do Século XX.

O estudo acerca do conceito de gramática conduziu este trabalho a diversas questões epistemológicas presentes nas fontes saussurianas. Foram empregadas duas perspectivas temporais no tratamento do respectivo tema: *horizonte de retrospectção* e *horizonte de projeção*. Diz-se temporalmente, pois, como já explicado: a primeira aponta para o passado dos estudos da linguagem (antes de 1907); e a segunda foca o futuro desse campo de estudos (após 1911).

Nesse sentido, os cursos ministrados em Genebra marcam um entremeio temporal do qual ecoa a voz saussuriana.

O horizonte de retrospectão evidencia a concepção de Saussure acerca das diversas abordagens, existentes até então, denominadas gramáticas. Apesar do reconhecimento relativo ao valor de tais estudos, o tom de crítica e o apontamento de equívocos se sobressaem nas fontes saussurianas. O genebrino recusou diversas categorizações e demais postulados que tais abordagens propuseram. Especificamente, se opunha às divisões tradicionais da gramática (sintaxe, morfologia, lexicologia etc.) e à abordagem diacrônica que caracterizava a Gramática Comparada.

O horizonte de projeção apresenta ideias e aponta caminhos para uma concepção sincrônica da gramática ou, como se buscou demonstrar, para uma abordagem que compreenda os fenômenos linguísticos sem, necessariamente, buscar encaixá-los nas categorias, muitas vezes, inadequadas da gramática (normativa ou histórica). A organização dos fatos gramaticais não mais em várias categorias e subcategorias, mas sim, nos eixos das simultaneidades e das sucessões é um movimento brusco e ao mesmo tempo elegante que resulta da compreensão da língua como sistema.

Nesse movimento, descredita-se o destino inequívoco de determinado vocábulo, como se este só pudesse desempenhar uma função que lhe é inerente na língua. Passa-se a compreender que, por só haver na língua diferenças, as relações em ausência e em presença é que melhor definem o rumo dos sentidos de cada vocábulo, são elas que determinarão se este desempenhará, no contexto de um enunciado, função lexical ou gramatical, por exemplo. Ao considerar esse postulado saussuriano, pode-se inferir que listas que separam vocábulos nessas duas categorias podem estar fadadas à obsolescência prematura, pois os falantes podem a qualquer momento os empregar de modo distinto.

É possível conjecturar a dificuldade que seria redefinir um conceito tão difundido como o de gramática e lograr êxito no meio acadêmico; nesse sentido, Saussure não busca fazê-lo. Em vez de tentar encaixar sua teoria acerca da língua no escopo da gramática desenvolvida até então, o genebrino elabora sua teoria afastando sutilmente o respectivo conceito. Isso corrobora a hipótese desta pesquisa, pois, como em um movimento centrífugo, Saussure afasta o conceito gramática do cerne de sua teoria, predominantemente sincrônica, e o direciona com sua roupagem tradicional ao passado dos estudos da linguagem.

Esse movimento, aparentemente simples, concedeu-lhe uma liberdade epistemológica, pois, se persistisse no trabalho com as tradicionais categorias e terminologias gramaticais, possivelmente não expandiria seu universo teórico, haja vista o engessamento que poderia se

originar. Entende-se que o conceito de gramática se perpetuou ao longo dos séculos em razão das singularidades dos métodos aplicados desde a Grécia Antiga e, também, de sua forma pioneira de compreender os fenômenos linguísticos. Tais fatores ajudam a explicar como esse mesmo termo denominou e ainda denomina abordagens tão distintas.

Os diversos métodos que estiveram sob a égide da gramática mantiveram elementos pretéritos, inseriram novos elementos e ressignificaram o próprio conceito de gramática e seus termos adjacentes. Como exposto, a gramática surgiu como uma espécie de disciplina auxiliar da literatura e, na contemporaneidade, é frequentemente tratada como área antagônica àquela que auxiliou no passado. É perceptível, portanto, uma mudança na forma de compreensão dessa área ou o desconhecimento acerca da história de ambas.

Nesse ínterim, como se buscou demonstrar, tornou-se um ponto essencial para esta pesquisa entender como Saussure tratou tal conceito. O genebrino foi responsável por um incomparável debate epistemológico no âmbito dos estudos da linguagem. Por questões acadêmicas e científicas, ao se deparar com a continuidade do conceito de gramática, não pôde se manter indiferente ao assunto, pois é válido lembrar que, em razão da docência, precisou trabalhar tópicos tradicionalmente inseridos nos programas acadêmicos.

Em diversos trechos das fontes consultadas foi possível constatar um certo incômodo ao se empregar o respectivo conceito, mas, ao mesmo tempo, há um cuidado de não o afastar por completo, em razão do prejuízo de sentido que se poderia obter perante os alunos, haja vista o papel da gramática na tradição dos estudos da linguagem. Essa objeção ao termo e, concomitantemente, a necessidade de discuti-lo fazem com que gradualmente o conceito de gramática se enfraqueça enquanto os conceitos próprios à teoria saussuriana ocupam vigorosamente seu lugar nos cursos de Genebra (1907-1911).

Encontrar ideias análogas acerca da gramática em autores do Século XIX não é uma tarefa difícil. Assim, surpreende o fato de, ao perfazer o itinerário do conceito de gramática em Saussure, perceber que, apesar de concisas, suas ideias relativas ao tema são distintas e relevantes, ao ponto de se poder estranhar a tímida influência dessas concepções nas gramáticas escolares publicadas no século XX, ao passo que, em outras esferas, seu pensamento praticamente refundou abordagens.

A resposta a esse questionamento pode se encaminhar por outra via, mas é perfeitamente coerente afirmar que, aos trabalhos denominados *gramática* (pós-CLG), interessou mais a prescrição de regras ou a descrição dos fenômenos linguísticos a partir da nomenclatura e subdivisão da gramática tradicional que, propriamente, a abordagem preconizada por Saussure.

Quanto a isso, não há demérito, visto a relevância dessa perspectiva para a história das línguas e para o ensino-aprendizagem de idiomas.

Tais propósitos, vistos seus vínculos acadêmicos, se sobressaíram e podem ter repercutido na tímida difusão da perspectiva sincrônica. Contudo, o resultado da incursão epistemológica notável realizada por Saussure, em relação a sincronização da gramática, levanta inúmeras ideias acerca do tema em questão, assim como de vários outros assuntos relevantes ao estudo do funcionamento da língua.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de linguística geral. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, V. N. e BARBISAN, L. B. (org.). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 21-32.

ARISTÓTELES. **Órganon**. 3. ed. Tradução e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.

ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal**. Bossange et Masson: Paris, 1810.

_____. **A gramática de Port-Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUROUX, S. Les modes d'historicisation. In: **Histoire Épistémologie Langage**, tome 28, fascicule 1, 2006. Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection. pp. 105-116. Disponível em: <www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_1_2869>. Acesso em: 20 out. 2019. <https://doi.org/10.3406/hel.2006.2869>

AUROUX, S. La notion de linguistique générale. In: **Histoire Épistémologie Langage**, tome 10, fascicule 2, 1988. Antoine Meillet et la linguistique de son temps. pp. 37-56; Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1988_num_10_2_2260>. Acesso em: 20 abr. 2019. <https://doi.org/10.3406/hel.1988.2260>

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

AUROUX, S. O que pode dizer um historiador da ciência sobre Saussure? Trad. Amanda E. Scherer, Maria I. S. Costa, Maurício Bilião. **Entremeios**, Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), v. 15, p. 169-196, jul. - dez. 2017. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/531.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BÉGUELIN, M-J. Le statut des identités diachroniques dans la théorie saussurienne: une critique anticipée du concept de grammaticalisation, J.-P. Bronckart, C. Bota & E. Bulea (éds), **Le projet de Ferdinand de Saussure**, Genève, Droz, 2010, p. 237-267. Disponível em: <http://www.unine.ch/files/live/sites/structuration_periodes/files/shared/new_mjb/40_BEGUELIN.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

_____. La place de la grammaire comparée. **Langages**, n. 185, p. 75-90, 2012. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langages-2012-1-page-75.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2020. <https://doi.org/10.3917/lang.185.0075>

BENVENISTE, É. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études. In: **École pratique des hautes études**. 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire 1964-1965. 1964. p. 20-34; Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/ephe_0000-0001_1964_num_1_1_4796>. Acesso em: 25 jun. 2019. <https://doi.org/10.3406/ephe.1964.4796>

BLOOM, H. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. Trad. Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BOPP, F. **A Comparative Grammar of the sanskrit, zend, greek, latin, lithuanian, gothic, german, and sclavonic languages**. V. 1. Translated from the german by Edward B. Eastvick. 4. ed. Williams and Norgate: London, 1885.

BOUQUET, S. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 01, p. 161-75, jan./jun. 2009.

BOUQUET, S.; ENGLER, R. Prefácio dos editores. In: SAUSSURE, F. **Escritos de linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

BOUQUET, S.; R. ENGLER (Ed.). **Ecrits de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 2002.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2006. v. 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

CÂMARA JR., J. M. O estruturalismo linguístico. **Tempo Brasileiro**. n. 15/16, p. 5-43, 1967.

_____. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. 6. ed. J. Ozon: Rio de Janeiro, 1974.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tékhne Grammatiké, de Dionísio Trácio, para o Português**. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2003.

CHOMSKY, N. Conhecimento da História e construção Teórica na Linguística Moderna. **DELTA**, São Paulo, v. 13, n. spe, p. 133-155, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000300005>

CONDILLAC, É. B. **Textos escolhidos**. Condillac. Helvétius. Degérando. Coleção Os Pensadores. Trad. Luiz R. Monzuni et al. 3.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1984.

COLOMBAT, B. PUECH, C. FOURNIER, J-M. **Uma história das ideias linguísticas**. Trad. Jacqueline Léon, Marli Q. Leite. São Paulo: Contexto, 2017.

CRUZ, M. A. Por que (não) ler o Curso de Linguística Geral depois de um século? In: FARACO, C. A. (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 25-48.

CULLER, J. **As ideias de Saussure**. Trad. Carlos A. Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.

DE MAURO. Notes. In: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967. p. 406-495.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

ECO, U. **A estrutura ausente**. Perspectiva: 7. ed. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, 2003.

ENGLER, R. Notes. In: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

_____. Rôle et place d'une sémantique. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, v. 1, n. 28, 1973.

_____. Diachronie: l'apport de Genève. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, v. 1, n. 42, 1988.

FARACO, C. A. **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola, 2016.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FEBVRE, L. **Combats pour l'histoire**. Paris: Librairie Armand Colin, 1992.

FIGUEIRA, R. A. Em torno da analogia: a contribuição de Saussure para a análise da fala da criança. **Revista Prolíngua**. v. 10, n. 1, 2015. Disponível em: <www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/download/27596/14835>. Acesso em: 03 ago. 2018.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In: _____. **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 07-20.

FLORES, V. N. Os ditos e os escritos de Ferdinand de Saussure: uma reflexão sobre a pesquisa com fontes documentais complexas. In: CRISTIANINI, A. C.; OTTONI, M. A. R. (org.) **Estudos linguísticos**: teoria, prática e ensino. Uberlândia: EDUFU, 2016.

_____. Mostrar ao linguista o que ele faz: as análises de Ferdinand de Saussure. In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 71-85.

FOURNIER, J-M.; PUECH, C.; RABY, V. **Horizons de projection**: Histoire des représentations de l'avenir des savoirs linguistiques. 2019. Disponível em: <<https://convegneri.unicatt.it/ichols-W9.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure**. Genève: Droz, 1957.

GODEL, R. La question des signes zero. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, v. 1, n. 11, 1953.

_____. Questions concernant le syntagme. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, v. 1, n. 25, 1969.

GODEL, R. Problèmes de linguistique saussurienne. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, n. 29, 1975.

GODEL, R. Limites de l'analyse segmentale. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, n. 32, 1978.

GONÇALVES, A. Estudo do processo de gramaticalização do verbo *ir*: uma análise diacrônica. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/323---343-Estudo-do-processo-de-gramaticalizacao-do-verbo-ir-uma-analise-diacronica.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GONÇALVES, C. A. **Iniciação aos estudos morfológicos**: flexão e derivação em português. São Paulo: Contexto, 2011.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. As bases filosóficas da gramática normativa: uma abordagem histórica. **Janus**, Lorena, ano 1, n. 1, 2º semestre de 2004. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/10/9>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HARDY-VALLÉE, Benoit. **Que é um conceito?** São Paulo: Parábola, 2013.

HARRIS, Roy. **Language, Saussure and Wittgenstein**: How to play games with words. London and New York: Routledge, 1988.

HJELMSLEV, Louis. Langue et Parole. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, n. 2, 1942.

_____. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. J. T. Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAKOBSON, R. **Selected Writings I**: Phonological Studies. Mouton & Co. Hague, 1962.

JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

JOSEPH, J. E. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KETELE; ROEGIERS. Aspectos generales de la recogida de información. In: _____. **Metodología para la recogida de información**. Tradução de F. López Rupérez. Madrid: La Muralla, 1995. p. 11-42.

KOERNER, E F K. **Ferdinand de Saussure**: Origin and Development of his Linguistic Thought in Western Studies of Language. Germany: Vieweg, 1973.
<https://doi.org/10.1007/978-3-322-85606-7>

KOLDE G. Die akkusativzuweisenden Adjektive des Deutschen. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, n. 44, 1990.

KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma P. Maas e Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006.

KRISTEVA, J. Les épistémologies de la linguistique. **Langages**, 6^e année, n. 24, 1971. Épistémologie de la linguistique [Hommage à E. Benveniste] sous la direction de Julia Kristeva. p. 3-13. Disponível em: <www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1971_num_6_24_2603>. Acesso em: 14 dez. 2019. <https://doi.org/10.3406/lgge.1971.2603>

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. Trad. Beatriz V. Boeira et al. Perspectiva: São Paulo, 1998.

LANGLOIS, C-V.; SEIGNOBOS, C. **Introduction aux études historiques**. Paris, Éditions Kimé, 1992. <https://doi.org/10.3917/kime.langl.1992.01>

LE MOS, C. et al. Le saussurisme en Amérique Latine au XX^e siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**: revue de linguistique générale. Genève: Librairie Droz, n. 56, 2004.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MALKIEL, Y. **Essays on linguistic themes**. University of California Press: Berkeley and Los Angeles, 1968.

MARTINHO, M. Dionísio da Trácia, Arte. **Letras Clássicas**, n. 11, p. 153-179, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/82556/85531>>. Acesso em: 05 jan. 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i11p153-179>

MÉDINA, J. Les difficultés théoriques de la constitution d'une linguistique générale comme science autonome. **Langages**, 12^e année, n. 49, 1978. Saussure et la linguistique pré-saussurienne, sous la direction de Claudine Normand. p. 5-23. Disponível em: <www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1978_num_12_49_1919>. Acesso em 20 abr. 2019. <https://doi.org/10.3406/lgge.1978.1919>

MILNER, Jean-Claude. **El periplo estructural**: figuras y paradigma. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo**: conceitos, análises e parâmetros. São Paulo: Parábola, 2012.

NEVES, M. H. M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores**. São Paulo: Parábola, 2014.

NÓBREGA, M. A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos. **Graphos**. Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, v. 6, n. 2/1, p. 101-110, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/9539/5187>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. Marcelo Diniz e Ana de Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PARRET, H. Expression et articulation. Une confrontation des points de vue husserlien et saussurien concernant la langue et le discours. **Revue Philosophique de Louvain**. Quatrième série, tome 71, n. 9, pp. 72-113, 1973. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/phlou_0035-3841_1973_num_71_9_5723>. Acesso em: 07 mai. 2019. <https://doi.org/10.3406/phlou.1973.5723>

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Trad. Maria L. Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1886].

PEREIRA, M. A. Quintiliano e a gramática antiga. **Clássica**, São Paulo, v. 13/14, n. 13/14, p. 367-373, 2001. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/497>>. Acesso em: 11 mai. 2019. <https://doi.org/10.24277/classica.v13i13/14.497>

PLATÃO. **Crátilo**: ou sobre a correção dos nomes. Trad. Celso O. Vieira. São Paulo: Paulus, 2015.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.

PUECH, C.; RABY, V. Présentation. Formes et enjeux de la rétrospection. **Histoire Épistémologie Langage**, tome 33, fascicule 2, 2011. Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection - II. pp. 5-14; Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2011_num_33_2_3217>. Acesso em: 23 mar. 2020. <https://doi.org/10.3406/hel.2011.3217>

QUINE, W. V. **Philosophy of logic**. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, London, 1986.

RASTIER, F. Lire les textes de Saussure. **Langages**. n. 185. p. 7-20, 2012. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langages-2012-1-page-7.htm#>>. Acesso em: 11 mai. 2019. <https://doi.org/10.3917/lang.185.0007>

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Trad. de Clóvis Barleta de Moraes. **Alfa**, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 45-69, 1984.

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2002.

ROUSSEAU, A. Saussure à Paris (1880-1891): Le cours de grammaire gotique. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 153e année, n. 1, p. 481-504, 2009. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/crai_0065-0536_2009_num_153_1_92495>. Acesso em: 02 mai. 2019.
<https://doi.org/10.3406/crai.2009.92495>

RUIZ, M. A. A. **A recepção do Curso de Linguística Geral nos manuais de linguística brasileiros: um acontecimento discursivo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. Cours de linguistique générale - deuxième cours (1908-1909): d'après les notes de Bouchardy, Gautier et Riedlinger. (org.) Robert Godel. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 15. Genève: Librairie Droz, 1957.

_____. **Cours de linguistique générale**. 4. ed. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot e Rivages, 1995.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique par Rudolf Engler. Tome 2: Appendice - Notes de F. de Saussure sur la linguistique générale. Wiesbaden: Harrassowitz, 1990.

_____. **Troisième cours de linguistique générale / Third Course in general Linguistics (1910-1911)**: d'après les cahiers d'Emile Constantin. Ed. e trad. E. Komatsu e R. Harris. Oxford/Tokyo u.a.: Pergamon, 1993.

_____. **Premier cours de linguistique générale / First Course in general Linguistics (1907)**: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Ed. e trad. E. Komatsu e G. Wolf. Oxford/Tokyo u.a.: Pergamon, 1996.

_____. **Deuxième cours de linguistique générale / Second Course in general Linguistics (1908-1909)**: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger & Charles Patois. Ed. e trad. E. Komatsu e G. Wolf. Oxford/Tokyo u.a.: Pergamon, 1997.

_____. **Escritos de linguística geral**. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. 12. ed. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana L. Franco. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHMITTER, P. Le savoir romantique. In: AUROUX, S. **Histoire des idées linguistiques**, t. 3, Liège: Mardaga, 2000, p. 63-78.

SILVA, A.; PESSOA, A. C.; LIMA, A. (org.). **Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, K. V; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, K. A. A analogia e o sentimento do sujeito falante em Saussure. **DELTA**. São Paulo, v. 34, n. 3, p. 919-940, 2018. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502018000300919&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 mai. 2020.
<https://doi.org/10.1590/0102-445012244565765472>

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, E. Saussure à brasileira: estatuto epistemológico do Curso de linguística geral nos manuais publicados entre 1930 e 1980. In: FARACO, C. A. (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 183-205.

SOFIA, E. Deux types d'entité et deux modèles de « système » chez Ferdinand de Saussure. In : BRONCKART, J. P. ; BULEA, E. ; BOTA, C. (org.). **Le projet de Ferdinand de Saussure**. Genève, Librairie Droz, 2012. p. 147-168.

_____. Quelques problèmes philologiques posés par l'œuvre de Ferdinand de Saussure. **Langages**. n. 185. p. 35-50, 2012. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-langages-2012-1-page-35.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2009. <https://doi.org/10.3917/lang.185.0035>

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. **Revista Argentina de Historiografía Lingüística**. v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009. Disponível em: <<http://www.rahl.com.ar>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

VILELA, I. **Le fonds Ferdinand de Saussure**. s.d. Disponível em:
<http://www.item.ens.fr/fichiers/Theorie_linguistique/FondsSaussure.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2016.

VITRAL, L. RAMOS, J. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

VVEDENSKIJ, D. N. F. de Saussure et sa place dans la linguistique. **Cahiers Ferdinand de Saussure: revue de linguistique générale**. Genève: Librairie Droz, n. 53, 2000.